



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LUCAS GIACHETTO DE ARAUJO

Rugby e COI: as disputas acerca do amadorismo (1900-1936)

**Campinas**

**2022**

Lucas Giachetto de Araujo

## Rugby e COI: as disputas acerca do amadorismo (1900-1936)

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de Educação Física e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELO ALUNO LUCAS  
GIACHETTO DE ARAUJO, E ORIENTADA  
PELO PROF. DR SÉRGIO SETTANI GIGLIO

Campinas

2022

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

Ar15r Araujo, Lucas Giachetto de, 1994-  
Rugby e COI : as disputas acerca do amadorismo (1900-1936) / Lucas  
Giachetto de Araujo. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Sérgio Settani Giglio.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação Física.

1. Rugby. 2. Olimpíadas. 3. Esportes. I. Giglio, Sérgio Settani. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Rugby and IOC : disputes over amauterism (1900-1936)

**Palavras-chave em inglês:**

Rugby

Olympics

Sports

**Área de concentração:** Educação Física e Sociedade

**Titulação:** Mestre em Educação Física

**Banca examinadora:**

Sérgio Settani Giglio

João Manuel Casquinha Malaia Santos

Sávio Machado Cavalcante

**Data de defesa:** 03-02-2022

**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-6112-4937>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/9448688515213024>

## COMISSÃO JULGADORA

---

Orientador(a): Prof. Dr. Sérgio Settani Giglio  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

---

Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos  
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

---

Prof. Sávio Machado Cavalcante  
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

*Dedico essa dissertação à Juliana, minha  
companheira, que me suportou durante todo o  
processo e me apoiou a não desistir.*

## Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, o professor Serginho, que aceitou me orientar lá na pesquisa de IC e na monografia, e depois me convidou para continuar a pesquisa no mestrado. Obrigado pela orientação em todos esses anos, foram muito importantes para a minha formação e principalmente para a conclusão da dissertação.

Agradeço também aos membros da banca, os professores João Malaia e Sávio Cavalcante, que aceitaram participar da defesa, tanto da qualificação como da dissertação, e contribuíram muito na construção do trabalho. Deixo a menção aos membros suplentes, os professores José Paulo Florenzano, Edivaldo Góis e Renato Marques, que se dispuseram a tal função.

Agradeço aos professores e colegas de pós-graduação, que contribuíram nas aulas e nas discussões. Agradeço também aos membros do GEPEH, que colaboraram lendo meu trabalho quando ele estava no início, ajudando nas mudanças para chegar aqui. Agradeço a todos funcionários da Unicamp, em especial aos da FEF.

Agradeço à minha companheira Juliana Nagata, que é quem mais esteve presente comigo durante a escrita da dissertação, que sobrevive a pandemia comigo, que não me deixa desistir, que me aguenta reclamando sobre tudo. Obrigado por ser essa pessoa tão incrível, por sempre me apoiar, por me ajudar no dia-a-dia, por estar comigo nas boas e nas ruins.

Agradeço a minha mãe e ao meu pai, que sempre me apoiaram e me ajudaram a continuar estudando. Agradeço aos meus irmãos, Thiago e Matheus, que sempre leram meus textos. Agradeço aos meus sogros Marcina e Erlon, que sempre ajudaram a Juliana e eu. Agradeço também aos meus amigos Alexandre, Jean, Thomaz, Victor, João Kleber e a República Milan B, ao pessoal da Unicamp Rugby e todos aqueles que participaram desse processo, que contribuíram de alguma forma, mas que devo ter esquecido.

## Resumo

O trabalho tem como objetivo discutir a relação entre o rugby e os Jogos Olímpicos, usando como fio condutor entre ambos a questão do amadorismo e a relação dialética desses com a sociedade de forma geral, durante o período de 1900 a 1936, sendo delimitado historicamente pela primeira aparição do rugby nos Jogos Olímpicos até a última edição antes da II Guerra Mundial. Foi usado como ferramenta metodológica o materialismo histórico, por permitir uma maior compreensão das contradições sociais. Foram selecionadas como fontes documentos do COI, tais como atas, minutas e boletins, coletados diretamente da sede da entidade. Dentro dos resultados encontrados, o trabalho encontra o amadorismo como uma ferramenta contra a classe trabalhadora, sendo importante, principalmente dentro do esporte, para a manutenção da ordem vigente.

**Palavras-chave:** rugby, Olimpíadas, esportes

## Abstract

The work aims to discuss the relationship between rugby and Olympics Games, using the amateur question with a guideline and, presenting the dialectical relationship of society and them, during 1900 and 1936, being historical delimited for rugby's first apparition at the Olympics Games to the last edition of the event before Second World War. Historical materialism was used as a methodological tool, as this favors a greater understanding of social contradictions. Documents from the IOC, such as minutes, minutes and bulletins, collected directly from the entity's headquarters, were selected as sources. Among the results found, the work finds amateurism as a tool against the working class, being important, especially within sports, for the maintenance of the current order.

**Keywords:** rugby, Olympics, sports

## Lista de Abreviações

<i>Fédération Internationale de Rugby Amateur</i>	(FIRA)
Comitê Olímpico Internacional	(COI)
<i>Television Match Official</i>	(TMO)
Aparelhos Ideológicos de Estado	(AIE)
<i>Football Association</i>	(FA)
<i>Rugby Football Union</i>	(RFU)
<i>Northern Union</i>	(NU)
<i>International Rugby Football Board</i>	(IRFB)
Estados Unidos da América	(EUA)
<i>Irish Rugby Football Union</i>	(IRFU)
<i>Gaelic Athletic Association</i>	(GAA)
<i>New Zealand Rugby Football Union</i>	(NZRFU)
<i>Union des Sociétés française de Gymnastique</i>	(USFG)
<i>Ligue Nationale de l'éducation physique</i>	(LNEF)
<i>Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques</i>	(USFSA)
<i>Amateur Athletic Association</i>	(AAA)
<i>Fédération Française de Rugby</i>	(FFR)
<i>Sozialdemokratische Partei Deutschlands</i>	(SPD)
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas	(URSS)
<i>Royal Air Force</i>	(RAF)
<i>Irish Republican Army</i>	(IRA)
<i>Fédération Féminine Sportives des France</i>	(FFSF)
<i>British Union of Fascists</i>	(BUF)
Partido Comunista Alemão	(KPD)
<i>South African Rugby Board</i>	(SARB)
<i>Union Française de Rugby Amateur</i>	(UFRA)
<i>Fédération International de Football Association</i>	(FIFA)

## Sumário

<b>Introdução</b>	11
<b>Método</b>	13
<b>Das Public Schools à Primeira Guerra</b>	20
As origens britânicas do rugby	20
Questão amadorismo	22
Os Valores do Rugby	25
Irlanda	28
África do Sul	32
Colonização	32
Pós-guerra e o rugby	34
Nova Zelândia	36
França	39
Jogos Olímpicos: da formação à Primeira Guerra	42
Origens	43
Amadorismo	45
Jogos Olímpicos: 1896-1912	47
Atenas - 1896	47
Paris - 1900	47
Saint Louis - 1904	48
Londres - 1908	50
Estocolmo - 1912	51
Rugby e a Primeira Guerra	52
<b>Entre Guerras</b>	57
Da Revolução de Outubro ao Tratado de Versalhes	57
<i>King's Cup - A primeira Copa do Mundo</i>	58
Tratado de Versalhes	59
Década de 1920	61
Torneio 5 Nações	61
Jogos Olímpicos Antuérpia 1920	63
Independência e Guerra Civil Irlandesa	64
Jogos Olímpicos Paris 1924	67
Jogos Olímpicos Amsterdam 1928	70
França e la barrette	71
Crise de 1929	72
Fascismo e Nazismo	73
Springboks vs All Blacks: raça e rugby	81
Década de 1930	86
França: mortes, banimento e rugby league	87
Jogos Olímpicos Los Angeles 1932	89
Jogos Olímpicos Berlim 1936	90
<b>Considerações Finais</b>	95
<b>Referências</b>	101

## ***Introdução***

O esporte, assim como qualquer fenômeno social, teve sua origem dentro de condições históricas específicas, o que não se diferencia no caso do rugby ou dos Jogos Olímpicos. Assim, conhecer qual sociedade, como ela se organiza, suas relações etc., ajuda a compreender como esses fenômenos emergem dentro das contradições desta própria, dando dinâmica à história, como algo em disputa, que está a ser construída. É importante salientar que, tanto o rugby como os Jogos Olímpicos da Modernidade, se originam dentro da sociedade capitalista, durante o século XIX, e que vão levar as contradições de seu tempo, das mudanças que ocorrem dentro dessa construção da história.

Contudo, para compreender tais fenômenos não basta saber apenas em qual sociedade este se encontra e se desenvolve, mas questionar aquilo que se quer saber deste objeto, e porque ele acontece nesse período. Assim, algumas perguntas podem ser feitas ao analisar o objeto de pesquisa, nesta pesquisa o rugby, tais como: que apesar de ser um esporte que defendeu de forma intransigente o amadorismo, por que sua permanência dentro dos Jogos Olímpicos foi tão curta, sendo que defendiam o mesmo interesse? Por que mesmo dentro do capitalismo, um sistema que visa lucros, ambos condenavam o profissionalismo? Quem se beneficiava com o amadorismo? etc.

Das perguntas levantadas, alguns pontos vão passar por todas, como a construção histórica das atividades humanas, as relações socioeconômicas e o entendimento do esporte como dialeticamente ligado a outras esferas da sociedade.

Para compreender tais questões e buscar respostas para as perguntas apresentadas, o trabalho foi dividido em duas partes: a primeira entre 1900, quando o rugby entra no programa olímpico até a I Guerra Mundial; e a segunda, do fim da guerra até 1936, última edição dos Jogos Olímpicos antes da II Guerra Mundial. Para compreender como se chegou ao período estudado, o trabalho apresenta uma contextualização da formação do rugby anteriormente à 1900, como ele surge no Reino Unido e sua difusão pela França e as colônias/domínios britânicos. Nesta parte, é investigada e analisada a concepção de amadorismo defendida pelos britânicos, a sua relação com os valores do rugby e com a colonização. Na segunda parte, o trabalho busca compreender como as mudanças pós-guerra alteraram a dinâmica esportiva e como o esporte interferiu na dinâmica social.

Quanto aos Jogos Olímpicos, é apresentada a sua formação e sua relação com o amadorismo, bem como a sua relação com o rugby e a influência deste na concepção de amador do COI. Apesar da sua pequena participação dentro do programa olímpico, o rugby teve o amadorismo como um pilar importante do esporte, o que aproximava ambos ideologicamente.

Alguns eventos históricos, que aparentemente pouco se relacionam com o rugby e os Jogos Olímpicos, são apresentados para contextualizar o período que se analisa, como o Tratado de Versalhes e a Independência da Irlanda, que alteraram algumas dinâmicas na política internacional, influenciando no esporte. Assim, o trabalho busca apresentar o período investigado, partindo do rugby e dos Jogos Olímpicos, para compreender a como estes constituem a sociedade, tanto como produto, assim como modificador da mesma.

O trabalho vem a contribuir com o conhecimento na história do rugby em língua portuguesa, visto que poucos trabalhos com esse recorte, se destacando aqueles que tratam do rugby no Brasil, como as dissertações de mestrado defendidas por Diego Monteiro Gutierrez (2016) e por Victor Sá Ramalho Antonio (2017). Assim, o trabalho se diferencia destes por trazer o rugby internacional como objeto de pesquisa.

Esse trabalho, portanto, tem como objetivo compreender a relação existente entre o rugby e os Jogos Olímpicos, mais especificamente na compreensão de ambos quanto à questão do amadorismo, no período entre 1900, data da primeira aparição do rugby nos Jogos Olímpicos, até 1936, que é a edição seguinte à fundação da *Fédération Internationale de Rugby Amateur* (FIRA), em 1934.

## *Método*

Como método de análise, o trabalho utiliza o materialismo histórico, para compreender as relações de classe que estão em conflito no esporte, na sua concepção de amadorismo, na sua capacidade de dominação e constituição ideológica. Utilizo o materialismo histórico-dialético como método, por compreender que o passado está em disputa, que estudar a história não é num sentido em si, mas de poder acessar esse passado como um lugar para construir um futuro<sup>1</sup>. Assim:

O materialista histórico só se aproxima de um objeto histórico quando o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos. O fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas (BENJAMIN, 2012, p. 231.)

Walter Benjamin (2012) traz algumas contribuições interessantes para a historiografia, como a história ser “objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (p. 229); da sua crítica à ideia de progresso; e a tarefa de “escovar a história a contrapelo” (p. 225). Ao ver a história como objeto de uma construção, ele nos evidencia que a história está em disputa, que sua compreensão muda conforme a disposição do tempo presente, que todo o período que separa o objeto de estudo de seu investigador se saturou de “agoras”, tornando o investigador ou a pessoa que analisa tal período como alguém que se coloca no passado para poder mudar o presente. Sua crítica ao progresso se dá por entender que a história não é determinada, que não existe um progresso da humanidade em si, ilimitado, automático e irreversível, mas que toda essa construção da história está em constante disputa e limitada às condições materiais da realidade, além de que, essa crença progressista dos social-democratas, da marcha para progresso, sem ponderar a possibilidade do retrocesso, permitiu a ascensão do nazifascismo na Alemanha, que levou Benjamin ao suicídio na sua tentativa de fuga do país. Por último, o escovar a história a contrapelo é a ideia de lembrar-se daqueles que tombaram, dos perdedores, pois a história

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar também que esta corrente de pensamento surge das próprias contradições do capitalismo, como uma resposta para a superação desta forma de sociedade.

dos vencedores já é contada e rememorada pelos bens culturais, e que cabe aos materialistas históricos confrontar a cultura, demonstrando o banho de sangue que está por trás dela.

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, percebemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX “ainda” sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável (BENJAMIN, 2012, p. 226).

A relação do rugby com os Jogos Olímpicos, apesar de não ser forte quanto a participação da modalidade no evento, ambas compartilhavam da ideia do amadorismo como reserva moral, de não mercantilização dessa parte da vida. Assim, ao "escovar a história a contrapelo", busco entender quais são os grupos/classes/sujeitos afetados pela defesa do amadorismo, e quais os interesses daqueles que a defendem. Apesar de o amadorismo estar presente como forma hegemônica no rugby, este é o único período histórico que o esporte esteve presente nos Jogos Olímpicos (1900, 1908, 1920 e 1924), além de ter ocorrido a primeira competição organizada pela FIRA em 1936, realizada em Berlim, meses antes dos Jogos Olímpicos na mesma cidade; sendo essa competição um momento de possível ruptura com a força hegemônica do rugby.

Conhecer o período que se investiga é primordial para entender a história, e as condições pela qual aconteceu, sendo essa uma escolha que cabe ao pesquisador definir (BLOCH, 2002), delimitando conforme seus objetivos. A delimitação temporal nos permite conhecer as diferenças e semelhanças de um determinado período, como por exemplo, o rugby praticado no começo e no final do século XX, onde houve muitas mudanças na sociedade, como o desenvolvimento tecnológico, que alterou a bola, as chuteiras e os uniformes, ou como a profissionalização, junto com o uso das transmissões televisivas, permitiram o *Television Match Official* (TMO), as alterações de regras etc.; e outras se mantiveram, como a existência de um árbitro, da bola, de federações etc.

O período estudado (1900-1936) foi marcado pelo anteceder da I Guerra Mundial e pelo Entre Guerras. A I Guerra Mundial mudou a forma de se fazer guerra, tornando a guerra algo que englobasse toda a população civil, elevando consideravelmente o número de mortos à uma escala industrial, na qual Hobsbawm (1995) denominou esse tipo de conflito de guerra

total. Assim, a pesquisa busca compreender como o esporte passou por essa forma de conflito, apresentando os anos anteriores a I Guerra, partindo da primeira participação do rugby nos Jogos Olímpicos, o próprio conflito e como foi após o mesmo, sendo limitado até o último Jogos Olímpicos antes da II Guerra.

Em “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels (2009, p. 21) trazem que “conhecemos apenas uma ciência, a ciência da história”, sendo esta dividida em duas: a dos seres humanos e a da natureza; mas que a existência dos seres humanos e sua relação com a natureza faz com que suas histórias se condicionem. Assim, os autores afirmam a história não apenas como uma ciência, mas a única ciência. Essa compreensão da realidade nos coloca a questionar como a formação do conhecimento não é gerada espontaneamente, mas que sua construção se dá com o tempo, através da análise da realidade, isso é, observando os acontecimentos e transformando em ideias o real. Mesmo na história da natureza, ou ciência da natureza, muito dos seus fenômenos existiam antes mesmo dos humanos existirem ou compreenderem tais, mas a observação através do tempo permitiu que os humanos entendessem a periodicidade e suas características, e transformassem num modelo ideal a realidade que observam. Não foi Isaac Newton o inventor da gravidade, mas através de sua observação da realidade (as coisas serem atraídas para a Terra) e a sistematização do fenômeno que se tomou a ciência desse fenômeno.

Apesar da história da natureza ser vultuosamente interessante, não é esse o nosso objeto de estudo, pois o rugby é algo dos humanos, sendo necessária a compreensão destes. A história dos humanos só é feita pelos mesmos, sendo estes os protagonistas, mas que, apesar de esses poderem mudar a história, não a fazem como querem, mas dentro das condições que são postas, que são dadas (MARX, 1997) e historicamente construídas. Sendo assim, é importante entender as condições históricas que esses indivíduos encontraram e como estavam postas as relações de força no período analisado. Para a pesquisa é entender como os países estudados e os jogadores de rugby chegaram até ali, como estavam as relações de força entre entidades e praticantes etc. Vale ressaltar que, ao tratar dos países, das federações, dos clubes etc., esses também são construções históricas, realizada pelos humanos, que apesar de parecerem impessoais, elas são formadas por pessoas, e que a escolha de não identificar os indivíduos que tomaram tais decisões em nome do coletivo não exime a existência e a responsabilidade dos mesmos, e que ao identificar essas lideranças, possa dar a impressão de uma decisão pessoal, não tira a responsabilidade dos outros que estavam ao redor dessa liderança.

O esporte, tanto no período estudado quanto na contemporaneidade, muitas vezes é tentado ser desvinculado das relações econômicas e políticas, como coisas que não se misturam ou não apresentam vínculos. Porém, conforme apresentado por Marx e Engels (2009), para que haja história humana, é necessário que esses estejam vivos, pois somente com a sua existência biológica que os indivíduos podem mudar a realidade de forma ativa, e que sem a vida, esses sujeitos só podem ser passivos na história, e que, sem as condições materiais de existência “não existem as refinadas e espirituais” (BENJAMIN, 2012, p. 223).

Para compreender o rugby como um fenômeno humano em sua totalidade, não basta saber quem ganhou ou perdeu, quais eram os atletas dentro de campo, mas compreender como eram aqueles indivíduos com toda suas complexidades, como faziam para estar ali dentro de campo, suas origens, a qual classes pertenciam, a quem representavam etc<sup>2</sup>. E é por meio do trabalho que os humanos garantem sua própria sobrevivência, e por ele que transformam ou retiram da natureza essas condições. Assim, quando se coleta frutos na natureza, ou se cultiva arroz nos campos, ou se produz carros na indústria, ou se escreve dissertações de mestrado, todos esses são trabalho humano, e seus produtos (no caso: frutas, arroz, carros e dissertações) são fruto desse trabalho humano. Esses podem ser para o uso próprio de quem realizou aquele trabalho, servindo como valor de uso, ou pode ser utilizado para troca por outros produtos, feitos por outros trabalhadores, passando de um valor de uso para um valor de troca (MARX, 2013). Então é preciso entender como seus participantes, seja jogando, assistindo ou gerenciando, se relacionam com o trabalho, mais especificamente com o trabalho reprodutivo da vida.

Contudo, na sociedade capitalista os trabalhadores são alienados dos meios de produção, tendo que vender sua capacidade de trabalhar para alguém que tenha os meios, que trocará o tempo de trabalho por dinheiro. Assim, o trabalho passa a ser uma mercadoria, que pode ser negociada e trocada, mas precisa de uma instância que dê equidade entre os indivíduos dentro da troca, que aparta essa relação de outros tipos de sociedades, como a escravagista e a vassalagem, na qual os proprietários dos meios de produção eram, no primeiro caso, donos dos trabalhadores e no segundo existia uma relação de servidão.

Então, há a necessidade do Estado para regular essa relação, onde o Estado aparenta uma neutralidade, sendo ao mesmo tempo estranho a burguesia, que detém os meios de produção, e ao proletariado, tornando a posição social de cada um não mais por divindade,

---

<sup>2</sup> Isso será feito a partir das fontes, como serão descritas mais para frente no texto.

mas pela racionalidade (MASCARO, 2015). Assim, o Estado garante a propriedade privada do burguês, que de forma justa (dentro da sociedade capitalista), trocou o tempo de trabalho do proletariado por dinheiro. Como os homens necessitam do trabalho para manutenção dos modos de vida, torna imprescindível compreender a história dos homens e a sua relação com o trabalho. Além disso, como esta pesquisa abarca um período de domínio capitalista, é preciso compreender como são as estruturas que garantem as formas de trabalho e sua exploração, por isso a necessidade de compreensão do Estado.

Mas para tornar a relação burguesia-proletariado viável, já que ela não aparenta ser tão justa para os trabalhadores, existem aparelhos que garantem a mercadoria e a propriedade privada, na qual Althusser (1980) denomina de Aparelhos de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE). Os Aparelhos de Estado são aqueles que vão garantir de forma física a forma mercadoria e a propriedade privada, como os aparatos policiais, os exércitos e as prisões. Já os Aparelhos Ideológicos de Estado são aqueles que vão justificar a ordem burguesa, como a mídia, as escolas e o direito. Vale apontar também que os aparelhos não são puramente repressivos ou puramente ideológicos, sendo sempre necessária a sua dupla função. Tomemos o direito como exemplo, ele garante na forma das leis a legalidade de que a propriedade pertence a alguém e caso ela seja invadida, alienada ou qualquer outra violação da propriedade, o direito pode enviar agentes repressivos para devolver essa propriedade a seus proprietários. Dentro os AIE, o rugby estaria dentro daqueles apresentados como "AIE cultural (letras, Belas Artes, desportos, etc.)" (ALTHUSSER, 1980, p. 44).

Referente à ideologia, há de se apontar que ela não é neutra, que pertence a alguém ou a alguma classe, mas que, conforme Marx e Engels (2009) apontam, a ideologia dominante é a da classe dominante. Além disso, as ideias estão em constante relação com a realidade, na qual, a partir da realidade concreta e de sua análise que os indivíduos podem mudar suas ideias e assim modificar a realidade. Por isso, a importância de entender quem formula as ideias, a quem estão direcionados os aparelhos ideológicos.

Além de ser feita pelos humanos, a história tem um lugar no espaço, isso é, ela é geograficamente localizada. Para a pesquisa histórica, nos permite entender algumas condições locais que corroboram para o entendimento das dinâmicas sociais específicas do local, sejam essas condições naturais, como clima, relevo e solo; sejam condições historicamente constituídas, como regiões, países e cidades. Como exemplo, falar do rugby na Inglaterra permite saber que suas disputas com outros esportes ou dentro do próprio país são diferentes da Irlanda ou da Nova Zelândia; que existem diferenças raciais, de classe e de

gênero na África do Sul e em relação à França, ou até mesmo saber as relações de trabalho dos jogadores dentro da dinâmica internacional do trabalho. Contudo, compreender aquilo que aproxima os países, como as relações coloniais e o imperialismo; e como estas relações interferem nas dinâmicas internas e externas do rugby em cada país.

Um ponto importante é o de não perder de vista que o esporte é um fenômeno cultural, que emerge na sociedade capitalista, que sua prática e existência não é mecanicamente transposta pelas formas de produção, mas que é parte da totalidade das relações, que emergiu dentro de condições históricas específicas e determinado dentro dos limites impostos por estas, angariando valores residuais e dominantes, sendo um elemento importante para a formação do todo (WILLIAMS, 2011).

Compreender as condições que chegamos não nos permite saber o que virá, mas nos permite compreender os limites impostos pela história e suas determinações. Por isso, importância de estudar a história, já que o passado não pode ser alterado, onde podemos tomar as lições de outros e aprender com elas, onde já foram deixados vestígios para tomarmos a história em nossas mãos e podermos escrever uma nova história para as próximas gerações, que a partir de então construirão sua própria. Assim, esses vestígios que foram deixados no passado, que não podem ser mudados, servem como fonte para a compreensão deste, mas sempre questionando porque foram deixados, quem fez isso, quais os motivos destes serem produzidos etc. e, além disso, não tomar as fontes como verdade absoluta, já que assim como no presente, elas podem ser mentiras ou ficções, que também devem ser questionadas as razões de sua fabricação (BLOCH, 2002).

As fontes foram documentos do COI, disponibilizados pelo orientador da pesquisa, que foram coletados na sede da entidade em Lausanne em 2017, Suíça, para outras pesquisas que precederam esta. Dentre os documentos, as atas das reuniões do COI, dos comitês constituídos para a discussões acerca do amadorismo e das discussões do programa olímpico; as minutas, que resumiam as atas das reuniões, para circulação interna no COI; e dos boletins, que tinham o objetivo de informar as decisões tomadas nas reuniões, além de promover e propagandear esportes e as ideias do COI; além dos registros de partidas internacionais (entre seleções nacionais) dispostas pela *World Rugby* em sua página na internet. A escolha dessas fontes se deve pela disponibilidade de acesso das mesmas. Outras fontes, como os registros de reuniões das federações e seus boletins, não foram possíveis de serem analisadas, pois estas

não se encontram na posse do pesquisador, e dependiam da viabilização das mesmas pelas próprias federações<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Foram feitos contatos com o Museu do Rugby da Inglaterra e com a Federação Francesa de Rugby. O Museu do Rugby alegou que por conta dos problemas advindos da pandemia do COVID-19 e o fechamento dos estabelecimentos, não foi possível o envio dos documentos, já que o responsável por isso estava sem acesso aos documentos. A Federação Francesa não respondeu o e-mail.

## ***1. Das Public Schools à Primeira Guerra***

O esporte como conhecemos hoje, como um fenômeno global, com estruturas internacionais, competições mundiais e de consumo das massas parece ser algo trivial, mas que nem sempre foi desta forma. Assim, esse capítulo visa apresentar como aconteceu o processo de expansão do rugby como parte da gênese do esporte moderno, sua institucionalização, a constituição ideológica etc. Outro ponto abordado é como o esporte se espalhou pelo mundo e como essa difusão está atrelada à colonização e assimilação do modo de ser do colonizador. Além do desenvolvimento inicial do rugby, este capítulo também aborda como foram os primeiros anos dos Jogos Olímpicos, desde sua primeira edição em 1896, até a última edição antes da I Guerra Mundial, realizada em 1912. Ao final do capítulo, é apresentada como os atletas/clubes/federações de rugby e a participação destes na guerra.

A escolha dos países investigados<sup>4</sup> se deve por diferentes circunstâncias, como a questão colonial e racial, a relação do país com o COI e sua importância dentro do cenário do rugby internacional.

Vale ressaltar a importância de compreender como o esporte surgiu nos países, pois a constituição desse fenômeno encontrou as condições históricas favoráveis para o seu desenvolvimento, e conhecer tais condições colaboram na compreensão do período que se deseja analisar.

### **1.1. As origens britânicas do rugby**

O rugby, assim como o futebol, teve sua origem dentro das *public schools* inglesas, no meio do século XIX, sendo uma variante de jogos populares. Elias e Dunning (1992) relacionam a formação do Esporte Moderno com processos anteriores, como a parlamentarização, que alterou a forma de resolução de conflitos pela elite inglesa na Câmara dos Comuns, que é visto por eles como uma diminuição da violência para a resolução de conflitos; o monopólio da violência pelo Estado, que limita a violência direta; o direito-jurídico, que vai delimitar as relações entre Estado e sujeitos, impedindo, teoricamente, a tirania estatal; e a industrialização, que alterou as relações do homem com a natureza, principalmente relacionadas na compreensão do tempo, que vai ser fundamental para o esporte. Esses pontos são importantes para compreender a estrutura do Esporte Moderno, pois

---

<sup>4</sup> Inglaterra, Irlanda, França, África do Sul e Nova Zelândia, comentando de forma muito breve da Escócia e País de Gales.

eles vão colocar em iguais condições perante os adversários (justiça); o controle da violência para a resolução de conflitos, sempre limitados às esferas permitidas dentro das regras (parlamentarização); o árbitro, que é o ente, que de forma terceira intermedia as relações dentro de campo, e caso necessário pune os indivíduos (monopólio da violência); e o controle do tempo. Vale ressaltar também, que o fato de ser jogado dentro das *public schools*<sup>5</sup> limitou o jogo espacialmente e temporalmente, diferente desses jogados fora das escolas, que poderiam durar dias, num espaço indeterminado.

Importante ressaltar que, apesar de Elias e Dunning (1992) nos apresentarem esse processo de parlamentarização como fundamental para a esportivização dos passatempos, ele não foi o único, sendo imprescindível a compreensão da luta de classes no mesmo período, que mudou os hábitos da burguesia, que passou a frequentar as *public schools* e lugares antes reservados à aristocracia. Não se pode desconsiderar que a classe operária foi forçada a sair dos campos para as cidades, mas que também era um importante agente político<sup>6</sup>, tensionou as relações sociais, levou seus passatempos para as cidades e de forma dialética desenvolveu essas novas formas de atividade física. Assim, apesar da história oficial, aquela apresentada pelas federações e que, muitas vezes, as únicas que conservaram seus registros, apontar como uma construção monolítica, linear, sem contradições importantes, não se pode esquecer que ela não foi assim, esquecer daqueles que foram alienados da história, como se as transformações viessem de cima para baixo, sem disputa, mas que essa foi construída pelas disputas e tensionamentos das diferentes classes.

Além dessas questões relacionadas ao jogar em si, vinculadas ao espaço do campo de jogo, outra questão importante para a difusão dos esportes foi a expansão das linhas férreas na Inglaterra que encurtou as distâncias e possibilitou o intercâmbio entre as escolas. No entanto, evidenciou algumas incongruências, tal como as diferenças de regras adotadas entre as diferentes instituições, que dificultava os confrontos, e gerou a necessidade de uma padronização das regras. Dessa primeira formalização institucional das regras de forma coletiva, foi fundada a *Football Association* (FA), em 1863. Algumas escolas e clubes de ex-

---

<sup>5</sup> As *public schools* eram colégios internatos, direcionados aos meninos das classes mais altas da Inglaterra, que eram caracterizadas por formarem seus alunos dentro dos valores de sua classe. Dentro desses internatos, havia muitos problemas de violência dos mais velhos com os mais jovens, e as práticas físicas, que viriam a se tornarem os esportes, foi uma estratégia para controlar o tempo livre dos estudantes e dispersar seus ímpetos violentos para os jogos (GONZÁLES, 1993 apud RUBIO, 2002).

<sup>6</sup> Entendo esse agente político não como na política institucional, mas aquele que pode mudar as condições sociais, como um agente histórico de transformação.

alunos, insatisfeitos com a variante de football escolhida não se mantiveram associados a FA e fundaram a *Rugby Football Union* (RFU), em 1871<sup>7</sup>.

As escolas que fundaram a RFU tinham sua origem de uma elite em ascensão, diferente das escolas que filiaram a FA, que já eram de uma elite estabelecida, além disso, o rugby se diferenciava de outros esportes, por carregar uma série de princípios e valores. Outro ponto importante foi que, os membros que fundaram a RFU eram jovens, entre 20 e 30 anos, das camadas médio-altas na sociedade inglesa, com uma maioria de advogados, além de outros profissionais liberais, como médico, corretor de imóveis e contador, além de um instrutor militar (COLLINS, 2009). Dessas constatações sobre a formação da RFU, dois pontos são importantes a serem trabalhados: o primeiro é quanto a relação entre a formação econômico-social das equipes vinculadas a RFU, e como elas abordaram a questão do amadorismo, esse que foi um dos principais guias para o rugby durante todo o século XX; o segundo ponto é uma discussão acerca dos valores do rugby, o que são eles, o que representam e quais são os interesses defendidos através de tais valores. Esses dois pontos, muito por conta da influência inglesa na primeira metade do século XX, foram o que ditaram as principais discussões em todo o mundo, se ligando inclusive com o discurso olímpico, mesmo que o rugby estivesse presente apenas até 1924.

### **Questão amadorismo**

A profissionalização foi alvo de uma longa disputa no rugby, que perdurou 100 anos até ela ser liberada. O início dessa disputa aconteceu por conta da manutenção da hegemonia dos clubes vindos das *public schools*, que temiam perdê-la para clubes operários, além do uso da retórica de que a profissionalização faria o esporte perder seus valores, tão caros à elite.

Na década de 1880, o rugby teve um crescimento em sua popularidade no norte da Inglaterra, região com grande concentração de cidades industriais, com uma forte classe operária, fato que incomodou dirigentes da RFU, que viam na ausência de pessoas ligadas as *public schools* o desvirtuamento dos valores do esporte. Além da questão moral, as equipes do norte eram esportivamente fortes, o que colocava em risco a hegemonia das equipes de Londres, que formavam a RFU (COLLINS, 2010).

---

<sup>7</sup> Aqui vale ressaltar que a formação tanto da FA, quanto da RFU não foram processos simples, como se fosse espontâneo, mas que foi de uma longa disputa entre clubes, e que a impossibilidade de conciliar as diferentes formas de jogar *football*, teve como necessidade histórica a formação de diferentes esportes. Para saber mais sobre esse processo, recomendo a leitura da obra de Tony Collins, “A social history of English Rugby Union”, de 2009.

As equipes do norte viam no pagamento aos jogadores uma forma de continuarem a prática do rugby na região, tendo como principais justificativas o “*broken time*” e assegurar a lealdade do jogador com o clube (GONZÁLEZ; STAVRIANEAS, 2013). Para manter a prática do rugby entre os trabalhadores, era necessário compensar as horas fora do trabalho, utilizadas com partidas e viagens, na qual os clubes do norte propuseram o pagamento do “*broken time*”, que compensaria as horas que esses trabalhadores/jogadores se ausentavam do trabalho, algo que foi prontamente recusado pela RFU. Por conta dessa prática, muitas equipes do norte foram suspensas, acusadas de profissionalismo, gerando a separação completa dos clubes do norte em 1895, que fundaram a *Northern Union* (NU), responsável pelo *Rugby League*<sup>8</sup>. A RFU, como reação, proibiu que atletas e equipes tivessem qualquer relação com equipes da NU e, caso viessem a ter, os mesmos seriam banidos da modalidade (COLLINS, 2006).

As definições de amador também não eram claras, já que era uma simples oposição ao profissionalismo, deixando muitas brechas para serem burladas (COLLINS, 2006). Além disso, o amadorismo impediu a contratação de treinadores, que já era uma prática realizada pelas equipes do norte, tendo como motivo dessa proibição o “desinteresse” do amadorismo pelo vencer, ou da vitória como objetivo principal do jogo, pois consideravam o jogo como algo com sentido próprio, que não precisa de uma racionalidade externa, a prática pela prática. Junto a esse desinteresse do jogo, a RFU e seus membros alegavam que o esporte deveria promover o condicionamento físico para a vida, e que ao se prepararem para jogar estariam quebrando com a lógica do esporte, já que não se joga para se condicionar fisicamente, mas se condiciona para jogar (COLLINS, 2010). Vale ressaltar que as equipes do norte estavam mais fortes que as de Londres, que pode ser visto na seleção inglesa da época (COLLINS, 2009).

Interessante notar que, apesar desse discurso de defesa do amadorismo ser em um sentido de preservar uma moralidade, de que o esporte não necessitava de uma racionalidade externa, a proibição da remuneração para os praticantes do rugby apontam uma contradição em si, pois para que a pessoa que jogue tenha essas qualidades morais, não importa o que faça dentro de campo, mas que não receba pelo que faz dentro de campo. Outro ponto importante é como que esse amadorismo foi também um espaço de preservação de antigos costumes, na qual a burguesia em ascensão se apropria de valores nobiliárquicos, e que, a própria ideia

---

<sup>8</sup> O League é jogado com 13 jogadores por equipe, enquanto o Union é jogado por 15 jogadores. Existem outras regras que os diferenciam, mas a questão do amadorismo foi a principal durante a história das modalidades.

desses valores serem parte constitutiva do esporte, o torna um espaço inerentemente interessado nas relações externas.

Como dito anteriormente, as origens das escolas que formaram a RFU ajudam a compreender esse medo de perda de hegemonia dentro do esporte com o profissionalismo. Holt (1989 apud GONZALES e STAVRIANEAS, 2013) aponta que o conceito de amador e profissional não tinha relação entre o praticante e o esporte, mas que tipo de pessoa era, com o amador o *gentleman*, que respeita o adversário, jogando limpo, respeitando os valores; e o profissional como um aproveitador, que joga pelo dinheiro, fazendo de tudo pela vitória, por conta de sua origem operária.

Phillpots (2000) traz algumas contribuições para a discussão do amadorismo, como a ideia do profissionalismo como um mal para o esporte, na qual o dinheiro envolvido nele corrompe os praticantes; o jogar como um sacrifício individual, pelo qual o praticante tem que colocar seu tempo livre e dinheiro para o jogo, sem interesses por trás da prática, mas apenas a prática; o jogar como um prazer individual, que deve sanar o gozo individual, sendo os objetivos coletivos como secundários. Como todo Aparelho Ideológico<sup>9</sup>, o amadorismo fez a sua dupla função, sendo na construção de um imaginário ideal de indivíduo, do sacrifício para a prática, gastando seu tempo e dinheiro na mesma; e de repressão, excluindo aqueles que não seguiam seus dogmas e diretrizes.

O caráter contraditório do amadorismo se demonstra ainda maior quanto às outras modalidades que não fossem o *rugby league*, pois a proibição da prática do profissionalismo se restringia ao rugby, independente da sua forma. Assim, poderia haver jogadores de cricket ou de futebol profissionais em suas modalidades e jogarem dentro das regras da RFU como amadores (COLLINS, 2009; COLLINS, 2006). Essa capacidade de um atleta ser simultaneamente profissional e amador, para os dirigentes da RFU, não causava uma degeneração dos valores.

Dentro dessa breve introdução a questão do amadorismo, os valores foram um dos principais pontos a serem defendidos, como aqueles que o profissionalismo iria destruir. Vale ressaltar que, essa defesa do amadorismo como protetor dos valores não cessou com a liberação do profissionalismo, como no caso da Argentina, onde no nível local ainda é proibido o rugby profissional. Contudo, é importante destrinchar quais são esses valores e como foram construídos, e quais suas consequências para a construção histórica do rugby.

---

<sup>9</sup> Aparelhos Ideológicos aqui são usados na caracterização desses por Althusser, 1980.

## Os Valores do Rugby

Em 1886, a *International Rugby Football Board* (IRFB) foi formada pelas federações de País de Gales, Irlanda e Escócia, com o objetivo de unificar as regras do esporte. A RFU entra na entidade apenas em 1890. Em 1995 a IRFB passou a se chamar *International Rugby Board* e, em 2014 fez sua última alteração de nome, passando a ser *World Rugby* (WORLD RUGBY, 2022).

Assim, a *World Rugby*, entidade máxima da modalidade, prega os valores como fundamentais para o jogo, como algo intrínseco ao jogar rugby, sendo presente no imaginário de muitos como o diferencial em relação aos outros esportes (GONÇALVES; VAZ, 2015). Numa cartilha direcionada a todos os envolvidos com o esporte, ela apresenta que:

O Rugby, no entanto, oferece mais do que apenas a oportunidade de realizar o exercício vigoroso, é um esporte com valores que desenvolvem os jogadores dentro de um contexto social e moral. Os valores fundamentais do jogo são:

- **Integridade** Integridade é fundamental para a trama do jogo e é gerado através da honestidade e jogo justo.
- **Paixão** As pessoas do Rugby têm um entusiasmo apaixonado pelo jogo. Rugby gera excitação, apego emocional e o sentimento de se pertencer à família global do Rugby.
- **Solidariedade** Rugby promove um espírito unificador que perdura por toda vida, camaradagem, trabalho em equipe e lealdade que transcendem culturas, origens, política e diferenças religiosas.
- **Disciplina** Disciplina é uma parte integrante do jogo, tanto dentro como fora de campo, sendo refletida através do cumprimento das Leis, regulamentos e valores centrais do Rugby.
- **Respeito** Respeito pelos seus companheiros, oponentes, oficiais de partida e todos os envolvidos no jogo é fundamental (WORLD RUGBY, [s.d.]

Vale ressaltar que o esporte, assim como qualquer manifestação social/cultural, é fruto do seu tempo, e vai se formar dentro das condições históricas específicas, não sendo possível escolher essas condições, já que a história é indefinida, estando sempre em movimento e não determinada. As ideias também são históricas, datadas, e que, as ideias dominantes são as da classe dominante (MARX; ENGELS, 2009). Partindo desses dois pontos, entender os valores do rugby hoje necessita de uma construção histórica destes.

Antes de descrever os valores, já é apresentado o diferencial do rugby com outras atividades físicas vigorosas, que é ser “um esporte com valores”. Essa ligação entre o corpo e a mente é comum na promoção da cristandade muscular<sup>10</sup>, que foi fortemente fomentado nos

---

<sup>10</sup> A cristandade muscular ou cristianismo muscular foi um método pedagógico desenvolvido por Thomas Arnold, diretor da escola de Rugby entre 1828-1842, que se baseava na formação religiosa cristã, moral,

Estados Unidos da América (EUA), mas tem sua origem na Inglaterra (COLLINS, 2009). Assim, o desenvolvimento do país e sua superioridade vêm da relação de um corpo forte e uma moral superior, que foi um dos discursos defendidos pelos ingleses na justificativa do processo colonial e na vitória da Primeira Guerra.

A integridade para a *World Rugby* está relacionada à honestidade e ao jogo justo. Sendo a formação do rugby dentro da sociedade burguesa, a noção de justiça está calcada na ideia de justiça burguesa. Assim, o esporte se assemelha ao juspositivismo, onde os indivíduos são iguais perante as Leis do Jogo, que o ente terceiro (o juiz esportivo no rugby e o Estado na sociedade burguesa) que intermedeia os conflitos e violações das leis, tendo em voga que todos são iguais para as leis e conhecedores desta. A honestidade é necessária para que o indivíduo não seja penalizado pelas Leis, e que a sua existência basta para o funcionamento do jogo. Vale lembrar também que, a concepção de Leis do Jogo foi calcada na formação da RFU, onde a principal formação profissional de seus componentes era o direito, e que a justiça foi para estes a concepção burguesa de justiça, da manutenção da propriedade. Nesse sentido, a integridade de quem jogava rugby no período do amadorismo, se passava pelo respeito ao amadorismo e não considerava as diferentes condições sociais que cada jogador tinha, colocando em igualdade o filho do dono da fábrica, que não trabalhava e poderia jogar em qualquer dia e horário, além de não lhes fazer falta o dispêndio com transporte para as partidas; e o operário fabril, que trabalhava mais de 10 horas por dia, com uma remuneração que mal lhes pagava os custos de manutenção da vida, e mesmo assim teria que custear seus gastos para as partidas.

Já a paixão é tratada como algo inerente dos envolvidos com o esporte, já que ele gera excitação, apego emocional e sentimento de pertencimento ao rugby mundial. A questão do pertencimento é complexa e ambígua, pois ele pode ser usado como um movimento no sentido de libertação, como no caso dos *māoris*, que os integrou à sociedade neozelandesa, enquanto na África do Sul teve a função de segregar completamente, onde os negros foram proibidos de praticarem junto com os brancos<sup>11</sup> (PALENSKI, 2015).

---

intelectual e esportiva; que tinha como objetivo a formação do gentleman inglês, além de ser uma justificativa teológica para a prática esportiva (PICH, 2020).

<sup>11</sup> Os *māoris* ainda são alvos de racismo dentro da Nova Zelândia, sendo o exemplo mais como uma forma de marcar as diferenças dentro do esporte, onde estes foram integrados desde o princípio no país, em comparação com os sul-africanos, que até os anos de 1990 havia segregação.

A ideia de pertencimento global também funcionou como uma forma de promoção da *britishness*<sup>12</sup>, muito por conta do controle que os ingleses tiveram no rugby mundial, onde os praticantes recusam e renegam as tradições locais para se ligarem com a Inglaterra. Como exemplos, podemos citar o caso dos irlandeses, que apresentam alguns esportes próprios, como o *hurling* e o futebol gaélico, mas os grupos unionistas se identificam com o rugby (CRONIN, 1998); ou os sul-africanos brancos, que viam no rugby uma forma de pertencerem ao Império (ALLEN, 2013).

Dentro do contexto de libertação nacional dos países colonizados pelos britânicos, esse envolvimento com o rugby foi um problema para a ruptura da ordem vigente. Os irlandeses, no processo de Independência, houve um questionamento acerca daqueles que praticavam rugby e outros esportes britânicos, se esses de fato queriam uma Irlanda livre, ou se estavam a serviço da coroa (Ó MAONAIGH 2016). Enquanto na África do Sul, ele foi ferramenta importante na assimilação dos *afrikaners* após a Guerra Anglo-Bôer, criando uma identidade comum entre britânicos e *afrikaners*, normalizando a repressão aos povos não-brancos (ALLEN, 2003)<sup>13</sup>. Para o caso interno da Inglaterra, esse sentimento confundia a classe trabalhadora na sua emancipação, pois, o rugby jogado principalmente pelas seleções era extremamente popular (podendo ser visto pelos públicos), e colocava aqueles atletas, majoritariamente de origem burguesa e pequeno burguesa, como representantes de todo o país, dando uma ideia de pertencimento nacional, tal qual a guerra foi capaz; ao mesmo tempo que servia para mostrar uma oposição contra aqueles que eram colonizados, principalmente dentro da própria Grã-Bretanha (Irlanda, País de Gales e Escócia), apontando como inimigos.

Assim, a solidariedade tratada como um espírito unificador, que transcende a cultura, raça, política e religião, pode se encaixar ao pertencimento da ‘família global do rugby’, que foi construída historicamente como uma solidariedade entre a classe, que permitiu e foi condescendente com o colonialismo e toda a sua violência, ao mesmo tempo que as violações ao amadorismo por clubes dessa classe, ligados à federação foram omitidos. Em relação ao colonialismo, o rugby participou do processo, levando equipes das colônias britânicas para jogar no centro do Império, sendo essas equipes formadas por nativos, numa espécie de “circo racial” (PALENSKI, 2015); ou como forma de segregar os povos nativos, como na África do Sul, proibindo a sua participação (ALLEN, 2013; COLLINS, 2015). Já as violações do amadorismo era algo comum, que alguns clubes poderiam cometer esse deslize, sendo na

---

<sup>12</sup> Seria a qualidade de ser britânico.

<sup>13</sup> Tanto o caso irlandês como o sul-africano serão aprofundados no item 3.3.

Inglaterra marcado pelos clubes de Londres (COLLINS, 2010) ou por um profissionalismo velado, como na Nova Zelândia (PALENSKI, 2015).

Os últimos dois valores da *World Rugby* são a disciplina e o respeito. A disciplina alinhada ao com o cumprimento das leis, dentro e fora do campo, mesmo que essas leis possam ser injustas e prejudiciais a si e aos outros, como nas leis de segregação racial nos EUA ou no rugby sul-africano. Já o respeito, que realmente deve existir em qualquer âmbito, é tratado como o não questionamento das leis e das autoridades, naturalizando todas as relações, por mais problemáticas que possam ser<sup>14</sup>.

Não se pode ignorar a influência do cristianismo dentro desses espaços (principalmente durante o desenvolvimento inicial dentro das *public schools*) que torna o indivíduo responsável pela sua própria salvação, e seu não cumprimento responsável pela sua danação eterna. Assim, o descumprimento “das Leis, regulamentos e valores centrais do Rugby” e o desrespeito à “companheiros, oponentes, oficiais de partida e todos os envolvidos” passa a ser um desvio da moral do indivíduo, que deve ser punido.

Por fim, a ideia de valores do rugby teve como função (e ainda têm) selecionar os comportamentos “adequados” para que se praticasse o esporte. Contudo, esses modos de agir eram de um certo grupo social, que visava não só moldar o comportamento daqueles que já estavam naquela prática, mas de excluir aqueles que não pertenciam a tal classe, excluindo não por uma arbitrariedade, mas por não terem os Valores exigidos para estarem ali. Essa construção também pode ser vista na colonização, que selecionava aqueles bons colonizados, com valores, daqueles maus colonizados, que desprezavam e repudiavam a ocupação.

## 1.2. Irlanda

A Irlanda é a colônia mais antiga da Inglaterra, e apesar de ser na Europa e tão próxima de seus colonizadores, sofreu com os principais males do processo colonial, como racismo, exploração, fome etc. Alguns aspectos da sociedade irlandesa, por conta da colonização inglesa, são importantes para a sua compreensão, como a religião, que gerou conflitos entre católicos e protestantes. Além da religião, a luta anticolonial, em prol da independência da ilha, dividiu-a em duas nações, que hoje são conhecidas como República da Irlanda e Irlanda do Norte, sendo uma independente e outra parte do Reino Unido, com

---

<sup>14</sup> Dentro do rugby não se pode questionar o árbitro, podendo gerar uma punição a quem fizer.

muitos conflitos, que até recentemente estiveram presentes. O esporte também vai estar no meio desses embates, principalmente a partir da segunda metade do século XIX.

Uma das questões centrais na Irlanda é a religião, que ocasionou diversos conflitos, principalmente entre católicos e protestantes. Nesse contexto, a disseminação do catolicismo na Irlanda ocorre nos primeiros séculos do cristianismo, tendo como figura central a imagem de São Patrício. Já no século XII a ilha é invadida pelos ingleses, que iniciam o domínio de quase 700 anos da região (RIBEIRO; SPIRI, 2016). No século XVII ocorre uma grande migração de ingleses e escoceses para o território irlandês, juntamente com a exportação do protestantismo, que atrelado às leis de restrições de direitos aos católicos, mudou a dinâmica econômica para a manutenção do domínio britânico, assim como ocorreu em outros lugares do mundo (GUEDES et al., 2019). Esses ingleses se concentram na parte norte da Irlanda, mais próxima da Grã-Bretanha, na região do Ulster, que hoje se localiza na Irlanda do Norte (PASETA, 2003).

Em 1798 ocorreu a Rebelião Irlandesa<sup>15</sup>, que visava acabar com as leis britânicas presentes na ilha, fazendo uma reforma parlamentar, aos moldes da revolução francesa, junto com a emancipação católica. Ela foi fortemente reprimida pelos britânicos, que além das costumeiras mortes ocasionadas pelo Império Inglês, muitos rebeldes foram mandados para a Austrália como punição. Essa rebelião gerou um problema para a Grã-Bretanha, que decide que a melhor saída seria a anexação da Irlanda, que ocorreu em 1801, através do Ato de União<sup>16</sup> (REIS, 2018). Esse ato foi um acordo entre os parlamentos dos dois países, sendo que o parlamento irlandês, que tinha certa autonomia, foi fortemente subornado pelos britânicos para aprovar a união, que tornou o território irlandês parte do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda.

Entre 1845 e 1850 a Irlanda é atingida pela Grande Fome, que matou aproximadamente 13% da população do país, por conta de uma praga que destruiu as plantações de batatas e levou as populações camponesas, que já viviam em condições de pobreza, a serem exterminadas. Essa crise também foi responsável pela imigração de irlandeses para outras partes do mundo, como Estados Unidos e Austrália. Contudo, durante essa crise, os proprietários de terras e comerciantes eram obrigados a manterem as exportações de alimentos, tanto para o Reino Unido quanto para outros países, por conta da submissão político-econômica ao Império Britânico (REIS, 2018).

---

<sup>15</sup> *Irish Rebellion.*

<sup>16</sup> *Act of Union.*

O esporte na Irlanda, assim como na Inglaterra, tem o seu desenvolvimento, principalmente, a partir da segunda metade do século XIX. E está fortemente ligado a uma separação de classe e religião, realizado por uma elite unionista. Assim, o rugby tem sua origem de forma semelhante à ocorrida na Inglaterra, mas no lugar das public schools entram as universidades. Uma das precursoras da modalidade é a *Trinity College Dublin*, da qual muitos dos primeiros jogadores foram educados na Inglaterra. A questão moral é fortemente levantada na difusão do rugby na Irlanda, como uma forma para desenvolver a masculinidade dos jovens, além de ser um jogo adequado para os irlandeses jogarem no inverno e o críquete no verão (FINN, 2010).

Ele cresce em popularidade e a *Irish Football Union* é fundada em 1874 (basicamente é formada a seleção), com a inclusão do Norte<sup>17</sup> em 1879 fundou a *Irish Rugby Football Union* (IRFU). Como seleção, ela realizava algumas partidas amistosas contra outras equipes do Reino Unido, que possibilitou a criação do *Home Nations* em 1883. Além dessa competição, a realização de amistosos contra outras colônias, sendo no pré Primeira Guerra contra as equipes do Canadá, África do Sul e Nova Zelândia. As partidas sempre apresentaram um caráter político, sobretudo pela imprensa, como apresentado por Garnham (2003), principalmente por conta da Guerra dos Bôeres, na África do Sul, na qual os unionistas defendiam os interesses do Império e os nacionalistas os bôeres, pois se viam numa situação semelhante, que buscavam a independência do Império.

Uma característica do esporte irlandês é o papel da *Gaelic Athletic Association* (GAA) no desenvolvimento dos esportes nacionais e como ela colabora na questão da identidade nacional, dando um contraponto ao esporte britânico. A GAA é responsável por alguns esportes que surgem no século XIX, como o futebol gaélico e o *hurling*. Uma de suas características mais marcantes é a sua defesa pelo amadorismo, que perdura até os dias atuais. O futebol gaélico tem sua competição nacional desde 1887, aos moldes da *FA Cup*<sup>18</sup>, possibilitando jogos entre equipes de diferentes regiões do país (ROUSE, 2015).

O nacionalismo presente dentro da GAA apresenta algumas características, que mais do que simplesmente libertar o país dos britânicos busca criar uma identidade nacional, quebrar os estereótipos impostos pelo Império e desenvolver o modo de vida irlandês em sua

---

<sup>17</sup> No futebol a República da Irlanda e a Irlanda do Norte são representadas por duas federações distintas, a *Football Association of Ireland* e a *Irish Football Association* respectivamente. Já no rugby, ambas são representadas pela IRFU, com uma única seleção.

<sup>18</sup> A *FA Cup* é uma competição de futebol organizada pela *Football Association*, da Inglaterra, no formato de confronto eliminatório direto (“mata-mata”).

totalidade. Assim, os esportes gaélicos, principalmente o futebol gaélico, passam a ser praticado em torno das paróquias das igrejas católicas; suas regras são modificadas para conter a violência. Contudo, ela se organizava aos moldes das federações britânicas e promovia os mesmos valores, como a cristandade muscular e a masculinidade (CRONIN, 1998). Outra forma de defender seu nacionalismo foi através da proibição dos esportes estrangeiros, que impedia os praticantes de se filiarem ou jogarem dentro dos domínios da GAA, principalmente do rugby, por conta de suas semelhanças com o esporte nacional (ROUSE, 1993).

A diferença entre a GAA e a IRFU pode ser vista durante a Primeira Guerra e como cada uma motivou seus associados. Enquanto a GAA enviou poucos atletas para a guerra, muitos jogadores selecionados da IRFU foram ao campo de batalha. Isso pode ser explicado por conta da capilaridade de cada entidade dentro de diferentes camadas da sociedade irlandesa: enquanto a GAA estava mais presente entre os grupos da classe agrária, católica e nacionalista, a IRFU era formada principalmente por clubes de Dublin e Belfast, que são as principais cidades protestantes e unionistas, favoráveis à guerra (O'CALLAGHAN, 2016).

O império inglês utilizou de diversas formas para a subjugação dos povos de todo o mundo, atacando em diferentes áreas e impondo sua cultura, que se declara superior, o suprasumo da civilização, e por isso ter direito a decidir o destino dos povos inferiores. O esporte também foi parte desse processo colonial nos séculos XIX e XX, podendo ser visto como “nem tudo que os ingleses trazem é ruim”, mas que deve ser analisado cautelosamente.

Na Irlanda, alguns jogos nacionais se esportivizaram e se mantêm até os dias atuais, com muita popularidade e representando um orgulho nacional, com um grau de nacionalismo, como descrito anteriormente. Contudo, a influência dos ingleses dentro da sociedade irlandesa foi tão forte, que levou estes jogos a se moldarem no “modelo inglês”, isto é: institucionalização das regras, controle da violência, formulação de uma federação, estabelecimento de competições etc. Apesar dessa contradição, a “*britishness*” de seus esportes teve uma função de ser compreendido pelos irlandeses, pelo que já se conhecia vindo de seus colonizadores, se aproveitando do que já estava imposto através do processo colonial, e simultaneamente de se legitimar dentro dos padrões estabelecidos pelos mesmos, elevando os esportes gaélicos ao mesmo patamar dos esportes estrangeiros. Além disso, torna a nação irlandesa como uma nação completa, isto é, dona de seu próprio território, de suas tradições, sua língua e de um esporte para chamar de seu.

Contudo, a colonização teve diferentes formas para diferentes lugares, utilizando-se de diversas ferramentas para explorar os povos; e as populações colonizadas também agiram dentro de suas capacidades e condições específicas. Assim, iremos a seguir discutir acerca do processo de desenvolvimento do rugby na África do Sul, e como ele funcionou dentro do processo colonial.

### 1.3. África do Sul

Assim como em outros países colonizados pelo Reino Unido, a África do Sul tem o rugby como um de seus principais esportes, ao lado do futebol e do críquete. A história dos *Springboks*<sup>19</sup> e do rugby sul-africano está diretamente ligado a uma luta racial, que vai opor os diversos grupos africanos, bôeres e ingleses. Como ponto de partida, entendo como necessário apresentar como aconteceu o processo de colonização da região.

#### Colonização

O processo de colonização do que hoje é a África do Sul se iniciou em 1652, com os holandeses fazendo da região do Cabo (parte ocidental da atual África do Sul) um local de abastecimento para viagens as Índias Orientais. A ocupação começou com colonos holandeses e de outros países europeus, mas em 1658 se instaurou o trabalho escravizado, sendo esses inicialmente vindos da Índia e do Leste africano. Em 1717 foi questionada a abolição, mas ficou decidido que seria a política oficial, o que favoreceu a ausência de uma classe trabalhadora branca, já que o trabalho braçal não dava dignidade, dando a questão racial uma distinção de classe (PEREIRA, 2016).

O avanço da colonização levou também a interação com alguns grupos locais, como os *khoi*, que inicialmente eram amigáveis, tendo inclusive casamentos entre brancos e mulheres *khoi*. Contudo, a tomada de terras pelos colonizadores levou a uma resistência desses grupos, que começaram a não negociar com os mesmos. Um dos pontos importantes é que eles tiveram sua população diminuída por conta das doenças trazidas pelos europeus e pela diferença de poder bélico, além de ser um grupo muito espalhado, o que dificultava uma revolta mais eficaz. Outro grupo presente era dos *san*, que foram menos tolerantes aos colonizadores, sendo rapidamente exterminados e escravizados pelos mesmos (MARKS, 1972).

---

<sup>19</sup> Nome da Seleção Sul-africana de Rugby.

A interação com os grupos autóctones, juntamente com um baixo número de mulheres colonas, levou a miscigenação, que acarretou na libertação de filhos mestiços nascidos a partir de 1685, que permitiu a alguns mestiços possuírem terras. Mas ser branco era uma forte distinção de classe, que a elite não podia deixar, tendo como consequência uma forte investida dos brancos para tomarem as terras dos não brancos (PEREIRA, 2016).

Até o século XIX houve algumas mudanças no controle da região entre holandeses e britânicos, mas a abolição da escravidão só foi realizada em 1838, que tinha a intenção de aumentar o consumo, já que a burguesia precisava dessa condição para justificar a produção de seus produtos, assim, tomavam a mais valia dos trabalhadores e vendiam-lhes os seus produtos (como acontece até hoje no capitalismo) (MUSSON, 1989), além de seguirem com políticas de restrição de terras e de ascensão social por parte dos negros.

Nkrumah (1970) apresenta alguns pontos importantes para o entendimento da sociedade africana em um sistema capitalista. Inicialmente pontua que a sociedade capitalista é formada pela soma de todas as classes sociais e que as formas econômicas, sociais, culturais e políticas vão atender os interesses da classe dominante, que na sociedade capitalista é a burguesia. Essa burguesia pode compor diferentes tipos de governos, democráticos ou não, mas sempre em favor da manutenção da propriedade privada, fazendo essa classe ser unida por esse interesse.

Em 1806 o Cabo passa a ser uma colônia britânica, levando alguns bôeres a rumarem para novas terras, e ficam conhecidos como *voortrekkers*, que viriam a formar a identidade *afrikaner*. Esses grupos fundam Estado Livre de Orange (1842) e Transvaal (1852). Transvaal se autoproclama República Sul Africana (1857). Para evitar o avanço dos *voortrekkers*, os britânicos ocuparam as regiões da Basutolândia (Lesoto), em 1868, Bechuanalândia (Botsuana), em 1885, e da Essuatíni, em 1899, nas quais eles mantiveram as lideranças negras (PEREIRA, 2016).

Na região do Estado Livre de Orange, já havia as populações nativas *sotho*, que tiveram uma grande resistência à ocupação, gerando grandes conflitos com os *voortrekkers*. Para conseguir resistir, eles tiveram a proteção dos britânicos, onde se formou o Lesoto. Os britânicos também incorporaram o reino *zulu*, fizeram grande resistência, ganhando muitas batalhas, sendo vencidos somente após quase cinco décadas. Os alemães chegam em 1883 no oeste, e os britânicos, com medo deles, e para reprimir o Transvaal, oferecem “proteção” aos *tswana*, no protetorado de Bechuanalândia (Botswana). Isso muda com a descoberta de diamantes, que gerou uma guerra entre britânicos e bôeres (PEREIRA, 2016, p. 54):

A Primeira Guerra Sul-Africana ou Primeira Guerra dos Bôeres foi travada entre 1880 e 1881 e garantiu a independência da república bôer do Transvaal. A Segunda Guerra dos Bôeres ocorreu entre 1899 e 1902, tendo como consequência a anexação do Transvaal e do Estado Livre de Orange às colônias britânicas do Cabo e Natal. Entre o término do primeiro conflito e o início do segundo, os bôeres resistiam atacando em forma de guerrilha, chegando, até mesmo, a invadir o Cabo. O governo britânico respondeu de forma drástica – onde a guerrilha acontecesse, fazendas nas proximidades seriam queimadas, e as mulheres e as crianças seriam agrupadas em campos de concentração. Até o final da guerra, em 1902, havia cerca de 120 mil pessoas, entre elas 4 mil mulheres e 16 mil crianças (muitas morreram de doenças), vivendo nos recém-criados campos de concentração. A estratégia de queima das fazendas e de utilização dos campos de concentração indignou parte da opinião pública britânica, bem como despertou o ódio dos bôeres.

Os africanos também foram envolvidos na guerra, muitos também levados a campos de concentração, separados dos brancos, com uma taxa de mortalidade maior. Para controle dos bôeres, os ingleses passaram a ensinar seus valores e cultura através da educação. Contudo, a atividade mineradora aumentou o número de imigrantes, como moçambicanos, chineses e indianos, aumentando a pobreza e desemprego entre os brancos, levando a um aumento do nacionalismo *afrikaner* e a uma África do Sul ainda mais racista (PEREIRA, 2016, p. 55).

### **Pós-guerra e o rugby**

Uma das atividades introduzidas na cultura branca sul africana pelos ingleses foi o esporte, principalmente o rugby. O rugby chega à África do Sul através da figura de Canon George Ogilvie, que jogava rugby em Winchester, imigra para o país para ser diretor de uma escola diocesana. Em 1862, a primeira partida que se tem relato foi realizada em solo sul-africano, entre oficiais britânicos, na Cidade do Cabo. O rugby, assim como outros esportes, era um bom passatempo para os britânicos, e sua prática ao redor do mundo uma forma de manterem suas identidades nacionais, além de difundir elementos da cultura e ideologia de seu país (ALLEN, 2013, p. 569).

A primeira partida dos *Springboks* aconteceu em 1891. Em poucos anos, a equipe sul-africana ficou muito competitiva, conquistando uma vitória sobre britânicos já em 1896. Nos 15 anos seguintes, o país passou por uma série de transformações, que gerou muitas tensões no esporte, sendo a principal delas a Guerra Anglo-Bôer em 1899.

Em 1903, os britânicos foram convidados para jogarem no país e serviu como tentativa de unir a nação sul-africana após a guerra. Três anos depois, em 1906, ocorre o primeiro *tour* dos sul-africanos, quando vão jogar no Reino Unido. Para tal ocasião, Paul Ross foi selecionado para ser o capitão da seleção para a realização do *tour*, por conta de ser *afrikaner*, ter uma grande capacidade administrativa, que conseguiria unir os jogadores britânicos, além de ter características morais e religiosas que seriam fundamentais para tal líder. Isso tornou o jogador uma grande fonte de inspiração para muitos jogadores durante anos (ALLEN, 2013). Esse *tour* fez a equipe da África do Sul ser conhecida como *Springboks*. Para os britânicos, Ross causou uma boa impressão, por sua aparência aristocrática, conhecimento do jogo e liderança (BEYERS; BASSON apud ALLEN, 2013). O sucesso esportivo e social do *tour* foi enorme, criando uma identidade sul-africana, pelo menos entre os povos brancos. O nacionalismo *afrikaner* via o rugby como uma forma de estar em igualdade com os ingleses, já que essa igualdade não era possível no âmbito econômico-social.

Numa sociedade de classe, os modos de vestir, comportamento, cultura etc., estão ligados às classes, assim como as ideologias<sup>20</sup> (NKRUMAH, 1970, p. 23). Essa luta pela hegemonia da ideologia é constante, fazendo alguns conceitos serem disputados, como o de liberdade, que no capitalismo é atrelado exclusivamente a livre acumulação, cada um por si, atribuindo ao Estado a função de defender essa liberdade econômica, da propriedade privada, enquanto a liberdade deve estar relacionada numa esfera política, não econômica, mas para o capitalismo pouco importa. Como consequência, a classe dominante mantém uma obsessão pela manutenção da lei e da ordem (NKRUMAH, 1970, p. 24). A classe burguesa africana emula a classe média europeia, pois apresentava uma dificuldade de distinguir as classes na Europa, pois viam a raça como classe, colaborando com a dominação.

Em 1910 ocorre a formação da União Sul-Africana, formado pelo Colônia do Cabo, República de Transvaal, Colônia de Natal e o Estado Livre de Orange. A União retirou o direito a voto e propriedade do negro. Criou a *Native Labour Act*, em 1913, que deixou somente 7% das terras com os negros, enquanto eram 75% da população. Nas terras negras era plantação para subsistência, e na outra era de exploração capitalista. Em 1923, o *Native Urban Act* limita a residência dos negros em redutos brancos. Os trabalhadores negros passam a ser assalariados e seus movimentos fortemente reprimidos pela polícia. É impedido também

---

<sup>20</sup> Ele levanta que o liberalismo, individualismo, democracia burguesa, fascismo como ideologias da classe burguesa, em oposição ao comunismo e socialismo, ligados a classe trabalhadora.

o casamento. A *Native Affairs Act* regulamentou de vez a exploração do trabalho negro (PEREIRA, 2016).

A classe dominante na África do Sul era formada pelos brancos, que detinham o poder econômico e político. Apesar dos ingleses e bôeres terem interesses diferentes, eles mantinham um interesse em comum: a manutenção de uma sociedade racializada e da livre acumulação. Diferentemente dos brancos, os não brancos, sofriam além da opressão de classe, a de raça. O capitalismo necessita do racismo, pois ele justifica a exploração do homem pelo homem, considerando o outro como inferior, menos desenvolvido e por isso pode sofrer a exploração. Além do racismo e da retirada de direitos civis, na África do Sul, a divisão em raças, numa hierarquia racial, fez que a classe trabalhadora não se visse como única, pois brancos, pretos, mestiços e indianos recebiam tratamentos diferentes. Assim, os brancos, que mesmo sofrendo com as mazelas do capitalismo, iriam defender os interesses da classe burguesa, já que se sentiam pertencentes a ela, apesar de não serem da mesma classe, apenas da mesma raça.

Assim como na Irlanda, a colonização da África do Sul teve sua origem anterior ao século XIX, o que fez a região sofrer diferentes tipos de exploração com o tempo, sendo diferente a forma no começo da expansão do Império Britânico para a fase final de expansão e que transformou também as disputas internas na luta de classes. Nesse sentido, se faz necessário apresentar como se deu o desenvolvimento do rugby na Nova Zelândia, já que sua colonização foi tardia em relação à outros países (África do Sul, Índia, China, Irlanda...), e quais as diferenças que ocorreram dentro desse processo.

#### **1.4. Nova Zelândia**

Para iniciar a falar sobre o rugby na Nova Zelândia, tomo como necessário apresentar de forma sucinta a anexação da mesma pelo Império Britânico e seu processo de colonização. Segundo Passetti (2020), a anexação da Nova Zelândia se concretiza com a negociação com Chefes *māori*, que apesar de não serem reconhecidos como autoridades pelos europeus, lhe serviam para seus objetivos, transformando o país em um protetorado do Império Britânico ao mesmo tempo em que estes reconheciam a Rainha Victoria como poder soberano. A aparência de simples formalidade e de ajuda mútua tinha como objetivo retomar a expansão imperial, questionada com a independência dos EUA, junto com a possibilidade de extração de riquezas, e principalmente, da obtenção de novas terras.

A primeira fase da colonização (1830-1850) é marcada por uma tentativa de assimilação dos povos autóctones, principalmente pela religião, sendo chamada de uma 'colonização humanitária', já que não tratavam esses povos como bárbaros. Essa tentativa de colonização não alcança seus objetivos, pois os *māori* não reconheciam as autoridades britânicas, muito menos a superioridade racial que esses defendiam, além de não cederem suas terras para os colonos europeus, que gerou um problema para os colonizadores, que passaram a insuflar um discurso de barbarização dos *māori*, justificando o uso de violência contra estes. Esse processo tinha uma dupla função que se complementam: o primeiro era de mudar a opinião dentro do parlamento britânico quanto à tática a ser empreendida na Nova Zelândia, disseminando a visão de que aqueles que defendiam suas terras eram bárbaros, que assassinavam colonos, utilizavam da antropofagia, sendo necessário levar a civilização a qualquer custo para o arquipélago; o segundo é demonstrar como aqueles povos eram perigosos para aqueles que defendiam a coroa na Nova Zelândia, e por isso o Império deveria mover suas energias, que estavam em outras invasões coloniais, para tal. Essa movimentação britânica tem resultado, culminando num derramamento de sangue *māori*, e ocupação dos europeus no arquipélago.

Vale destacar dois pontos importantes desse processo: que os povos *māori* resistiram a invasão, tendo um grau elevado de organização para o enfrentamento daqueles que tentavam tomar suas terras; e a questão dos colonos, que saíam de sua terra natal para a Oceania, para sair de uma vida miserável, tendo como incentivo que lá poderiam progredir financeiramente, por conta da 'superioridade britânica', mas que essa não se materializava quando confrontada com a realidade, o que corroborou com as ações desses na ofensiva contra os *māori* (PASSETTI, 2020).

Segundo a história oficial, a primeira partida de rugby foi disputada em 1870, na cidade de Nelson, organizada por Charles Monro, que retorna à Nova Zelândia após estudar em Londres. Contudo, Palenski (2015) aponta alguns relatos de possíveis partidas de rugby jogadas anteriormente a organizada por Monro, através dos relatos de jornais. Importante ressaltar que Monro era filho de David Monro, importante político neozelandês, que ajuda a explicar a maior capacidade de registrar essa partida nos jornais da época, além da grande quantidade de variações de *football* existentes, que dificulta a distinguir de qual jogo que foi registrado. Outro ponto importante é que, mesmo a primeira partida sendo realizada em Nelson, ela não é um vetor de promoção para outras cidades, pois as formas de comunicação

na época eram limitadas, sendo que o rugby chegou principalmente pelos portos, através daqueles que conheceram o esporte no Reino Unido (PALENSKI, 2015).

Assim, a década de 1870 é marcada pelas primeiras partidas de rugby pelo país, nas diversas cidades. Essa expansão de estrutura ferroviária permitiu as primeiras partidas interprovinciais durante a década de 1870, culminando nas primeiras uniões regionais em 1879, a *Canterbury Rugby Football Union* e a *Wellington Rugby Football Union*. Na década seguinte, diversas outras uniões se formam, que ajudou a organizar o esporte pelo país.

Um dos principais momentos do rugby neozelandês no século XIX foi o *tour* realizado com uma equipe formada por jogadores de origem *māori* para o Reino Unido. O *tour* foi realizado entre junho de 1888, quando saiu da Nova Zelândia, até agosto de 1889, quando chegaram ao arquipélago. Já na primeira partida, realizada na Austrália, a equipe usou pela primeira vez a camisa preta com a folha de samambaia branca, utilizada até hoje pela seleção neozelandesa de rugby. Além da camisa preta, a equipe de 26 jogadores fez uma campanha de certo sucesso, com 119 jogos, 82 vitórias, seis empates e 31 derrotas, jogando até quatro vezes na mesma semana.

Esse tipo de partida entre equipes de nativos das colônias na Grã-Bretanha era uma prática comum, como parte da política colonial do Império, que buscava demonstrar como a "superioridade racial britânica" poderia levar a civilização para aqueles povos bárbaros, incluindo-os até nas práticas esportivas. Além do circo racial promovido pelo Império Britânico, as condições que estes visitantes iam para a viagem não eram das melhores, visto que muitos daqueles que participaram do *tour* morreram nos anos seguintes, muito por conta das péssimas condições de viagem e hospedagem (PALENSKI, 2015).

Já no começo do século XX, ocorre o mais famoso *tour* neozelandês, que ficou conhecido como "*The Originals*"<sup>21</sup>, que foi a primeira equipe de selecionados neozelandeses a sair da Oceania para jogar, realizando um *tour* pela Europa (Inglaterra, Irlanda, Escócia, País de Gales e França) e EUA, realizando 35 partidas, sendo cinco dessas *test match*, com 34 vitórias e uma derrota (para a seleção galesa). Essa equipe também foi a que ganhou a alcunha de *All Blacks*, que a seleção neozelandesa leva até os dias atuais. Essa equipe também foi uma das responsáveis por criar no imaginário neozelandês a ideia do rugby ser ligado à atividade rural do arquipélago, como um povo desbravador e destemido, que se diferenciava dos britânicos, que eram sedentários e acomodados as cidades, mas que não se justifica quando

---

<sup>21</sup> Os Originais, tradução nossa.

comparado com as estatísticas, como apresentado por Ryan (2001), principalmente após a I Guerra Mundial. Além desse *tour* à Europa/EUA, antes da I Guerra Mundial, os neozelandeses realizaram algumas giras na Austrália, e uma última para além da Oceania, em 1913 para os EUA e Canadá, ganhando todas as 16 partidas disputadas, sendo uma delas contra a seleção estadunidense.

O papel do rugby para a colonização da Nova Zelândia se assemelhou bastante com a relação do mesmo com os *afrikaners* na África do Sul, onde o esporte servia para integrar os locais aos costumes britânicos, numa espécie de “britanização”. Contudo, diferente da África do Sul, ali não havia outro grupo querendo colonizar a região, como os *afrikaners*; além de que não houve a escravização dos *māoris*, como dos povos de toda a África (PASSETTI, 2020). Contudo, não se pode ignorar que esse processo não foi pacífico, que nem todos os povos autóctones aceitaram a submissão à coroa britânica, e que o Império via ali como mais um lugar para se explorar.

Apesar de o esporte ter um potencial de organizar os grupos, independente da classe, ele normalmente foi utilizado para a manutenção da ordem vigente, o que não difere do rugby na Nova Zelândia. A submissão à coroa britânica foi importante para o Império, pois tirava a autonomia dos domínios em relação às guerras, obrigando-os a serem deslocados conforme o interesse da metrópole, fazendo soldados de origem *māori* a lutar uma guerra que não lhe pertencia, como a I Guerra Mundial ou a Anglo-Bôer. Enquanto na *New Zealand Rugby Football Union*<sup>22</sup> (NZRFU), o rugby deveria se submeter às regras da RFU, a Nova Zelândia fazia o mesmo ao Império Britânico, independente das particularidades de cada lugar, da formação social etc., tornando o esporte mais um local de reprodução da ordem vigente.

Contudo, o esporte também criou interferência naqueles países independentes, inclusive nos impérios tão coloniais quanto o Britânico. Olhar para a principal força política, econômica e militar da época, fez alguns países terem como o esporte uma das chaves para alcançar tal patamar, como no caso da França, como é apresentado a seguir.

## 1.5. França

Para compreender o Esporte Moderno na França é necessário entender alguns pontos que vão influenciar na sua construção e desenvolvimento. Dentre eles está a Revolução de 1848, o golpe de 1852 e a Guerra Franco-Prussiana. Além desses acontecimentos, no plano

---

<sup>22</sup> União Neozelandesa de Rugby.

esportivo houve o surgimento dos Jogos Olímpicos liderado pelo francês Pierre de Coubertin, que teve um papel importante para a disseminação do esporte pelo mundo, tanto como uma ferramenta ideológica, como no divertimento dos povos.

A Revolução de 1848 ficou conhecida como a Primavera dos Povos, por conta da sua capilaridade entre as camadas mais baixas de toda a Europa, levando revoluções por quase todo o continente. Contudo, ela não foi tão eficaz na manutenção da tomada do poder, já que na maioria delas o governante que estava no poder antes da revolução retornou pouco tempo depois (HOBSBAWM, 2015). No caso da França, essa revolução levou à formação da Segunda República, com a eleição de Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte. A Segunda República tem vida curta, e acaba com um golpe em 1851, dado pelo próprio presidente Napoleão III, que passa a ser o imperador do Segundo Império Francês (MARX, 1997, 2015).

Durante o Segundo Reinado da França, Napoleão tem a promessa de ser um país de paz, que não entraria em guerras, que só faria se fosse atacado. Contudo, como um bom farsante, ele vê a necessidade de a França entrar em uma guerra, por conta da crise financeira que o país passava. Assim, entre 1852-1870, a França estava envolvida em diversas guerras, como na Guerra da Criméia, contra o Império da Rússia; na Segunda Guerra de Libertação Italiana, contra o Império Austríaco; na invasão do México; e na Guerra Franco-Prussiana, contra o Reino da Prússia, que para derrotar os franceses, se aliou com outros reinos da atual Alemanha<sup>23</sup>. A derrota da França, com Napoleão III capturado pelos alemães (PRICE, 2001). Como consequência dessa derrota e das reivindicações alemãs, ocorreu uma revolta dos operários, que instauraram o que ficou conhecido como a Comuna de Paris, que é violentamente reprimida por tropas francesas e prussianas, tendo seus líderes mortos e estabelecida a Terceira República da França.

Após a perda da Guerra Franco-prussiana, e a fundação da Terceira República, a França viu como necessário uma mudança nos seus métodos ginásticos e morais, para que o país voltasse a ser forte em todos os âmbitos, para uma possível vingança contra os alemães. Assim, implementaram uma ginástica militarizada, ironicamente semelhante à alemã, em oposição aos jogos populares regionais presentes no país (WEBER, 1971). Da Grã-Bretanha, trouxeram os esportes, como o rugby, futebol, remo etc., possibilitando uma variedade de atividades, tanto em grupo como individuais (DINE, 2001). Concomitante ocorre um aumento

---

<sup>23</sup> Essa união dos alemães para a guerra forjou a unificação da Alemanha.

na migração das pessoas do campo para a cidade, por conta da industrialização nos centros urbanos.

Os esportes ingleses tiveram um papel importante dentro da França, por conta de uma rejeição à ginástica alemã e a própria ginástica francesa, e seus métodos militares, além de ser uma forma de a aristocracia francesa sentir as conquistas do imperialismo britânico, de simular esse sentimento de superioridade em relação aos outros povos, tratado como anglofilia (HOLT, 2011). A desorganização militar apresentada pelo exército francês durante as guerras que o Segundo Império participou (PRICE, 2001) podem ter colaborado também para a disseminação dos esportes britânicos, considerando o sucesso colonial inglês e de seu exército, e de como o esporte moderno necessita de uma organização coletiva, além do desenvolvimento físico. Outro fator é a moralidade apresentada pelos esportes modernos, que dentro das classes burguesas eram bem aceitas, principalmente por serem valores semelhantes aos defendidos da Revolução Francesa de 1789.

Durante esse processo de mudança dos métodos ginásticos, atrelado a uma massificação da educação, a França promoveu os esportes ingleses, tendo Pierre de Coubertin um dos grandes incentivadores dessas práticas, que via esses jogos como uma grande ferramenta de desenvolvimento físico-moral, que elevaria a sociedade francesa ao nível da maior potência econômico-militar da época (DINE, 2001; HOLT, 2011). O rugby, assim como no caso inglês, era o esporte preferido das classes mais altas, e sua semelhança com a Inglaterra se deu também através dos nomes das equipes, que eram comumente escritos em inglês, como o *Racing Club* em 1882 (HOLT, 2011).

Holt (2011) aponta que houve um grande conflito entre os defensores dos esportes e a *Union des Sociétés française de Gymnastique*<sup>24</sup> (USFG), pois esta defendia os métodos ginásticos franceses, tratando os esportes como uma ferramenta antipatriótica. A USFG inclusive recebia apoio financeiro e político do governo francês, principalmente de uma ala militarista, da qual seus métodos se referenciavam. Esse conflito se deu durante o período de crise, que culminou na tentativa de golpe em 1888. No mesmo ano, houve a criação da *Ligue Nationale de l'éducation physique*<sup>25</sup> (LNEF), que tinha o objetivo de trazer um caráter patriótico aos esportes ingleses. Outra instituição responsável pelo desenvolvimento dos esportes britânicos na França foi a *Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques*<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> União das Sociedades Francesas de Ginástica, tradução minha.

<sup>25</sup> Liga Nacional de Educação Física, tradução minha.

<sup>26</sup> União das Sociedades Francesas de Esportes Atléticos, tradução minha.

(USFSA), em 1889, que os organizou entre 1889 e 1920. Ela teve atuação em várias modalidades, mas em destaque o futebol e o rugby, na qual a USFSA se dissolve para a formação das federações nacionais de ambas as modalidades.

Os esportes em geral, apresentam suas regras e peculiaridades próprias, mas quando são apropriados por outros povos, vão adquirir características daquele povo porque serão ressignificados, apesar de utilizar ainda as mesmas codificações de regras (HOLT, 2011). Algumas características interessantes do rugby na França, que diferem do mesmo na Inglaterra, é o surgimento precoce de uma competição nacional e uma popularização em diferentes camadas da sociedade. O primeiro campeonato nacional aconteceu em 1892, ganho pelo Racing, contra o Stade Français, na qual o árbitro era Coubertin e teve um público estimado de 2000 mil pessoas (DINE, 2001). A popularização em regiões mais afastadas da capital, principalmente no sudoeste francês permitiu o rugby atingir outras classes, pois nessas regiões a industrialização era menor, que fez o rugby ser jogado pelo campesinato, e com uma função civilizatória de transformar esses camponeses em franceses<sup>27</sup> (DINE, 2001).

Em relação à seleção francesa, antes da I Guerra Mundial, ela pode ser dividida em algumas poucas partidas amistosas, contra britânicos e a inclusão no Torneio 5 Nações a partir de 1910. O primeiro *test match* dos franceses foi contra a Nova Zelândia<sup>28</sup>, em 1º de janeiro de 1906, sendo derrotados por 38 a 8. Já no Torneio 5 Nações, a seleção conseguiu apenas uma vitória antes da guerra, contra a Escócia em 1911, e perdeu todas as outras 18 partidas. Vale destacar também a participação dos franceses nos Jogos Olímpicos, com uma equipe organizada pela USFSA que disputou o evento em Paris 1900, como veremos a seguir.

## **1.6. Jogos Olímpicos: da formação à Primeira Guerra**

Apesar de grande parte dos esportes terem uma grande influência britânica, os franceses foram responsáveis por organizar eventos poliesportivos, sendo a principal delas os Jogos Olímpicos. Essa nova competição, não só agrupou diversos eventos esportivos, como centralizou e deu reconhecimento, inclusive tentando unificar as definições acerca do amadorismo. Essa parte visa discutir as origens dos Jogos Olímpicos, a questão do amadorismo e apresentar um panorama dos primeiros eventos, até a I Guerra Mundial.

---

<sup>27</sup> No texto original, Dine (2001) traz como frenchman, que seriam os franceses desejáveis para o país, aqueles que não se oporiam ao Estado burguês.

<sup>28</sup> Essa equipe da Nova Zelândia é a que ficou conhecida como *The Originals*, como tratado no tópico anterior.

## Origens

Os Jogos Olímpicos da Modernidade tiveram seu início com o Congresso Internacional, realizado na Universidade de Sorbonne, na França, em junho de 1894, a pedido de Ad. De Palissaux<sup>29</sup> e Pierre de Coubertin, e convocado pela USFSA<sup>30</sup>. Para a organização do congresso houve três pessoas encarregadas para tal: Coubertin, como secretário-geral da USFSA, como representante da Europa continental; C. Herbert, secretário da *Amateur Athletic Association*<sup>31</sup> (AAA), representando a Inglaterra e suas colônias; e W. M. Sloane, professor da Universidade de Princeton, representando o continente americano.

Dentro do programa para o congresso, dois pontos eram cruciais para serem discutidos: o amadorismo e o restabelecimento dos Jogos Olímpicos. O amadorismo, em sua explicação no boletim oficial, impediria a degeneração dos atletas olímpicos, que o profissionalismo transformaria esse em um gladiador de circo, e que somente o amadorismo poderia manter o caráter nobre e cavalheiresco do atletismo<sup>32</sup>. Já o restabelecimento dos Jogos Olímpicos seria baseado nas condições da vida moderna presente, realizada a cada quatro anos, com a presença de todos os países, que se enfrentariam de forma pacífica, melhorando o internacionalismo.

Assim como Benjamin (2012, p. 229) aponta, a história não é um objeto vazio, mas um tempo saturado de “agoras”, e se para o autor alemão a Roma antiga era esse passado carregado de “agoras” para Robespierre, que fez explodir a Revolução; para Coubertin, os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga era sua Roma, que se saturava no seu tempo presente, que ele daria continuidade na história. Essa ideia de continuar o legado dos gregos foi muito forte para a escolha da cidade sede da primeira edição, pois Coubertin desejava Paris, mas ficou decidido que seria em Atenas, pois “a ideia fecunda de reestabelecer esses jogos é uma ideia eminentemente helênica; não é mais que justo realizar, pela primeira vez, sobre o mesmo solo de quem a viu nascer”<sup>33</sup>.

---

<sup>29</sup> Palissaux aparece no boletim do COI, sendo que este jogou rugby pelo Racing Club, sendo campeão nacional e era envolvido com a Imprensa Esportiva

<sup>30</sup> COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**. 1. ed. Paris.

<sup>31</sup> Associação Amadora de Atletismo, tradução minha.

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> “L’idée féconde du rétablissement de ces jeux est une idée éminemment hellénique; ce n’était que justice de la réaliser, pour la première fois, sur le sol même qui l’a vu naître”. BOLETIM COI. Tradução Minha

Para o congresso, é imprescindível citar a composição dos seus participantes: eram todos homens; vindos majoritariamente da Europa (e seus domínios) e EUA<sup>34</sup>; a presença de políticos, aristocratas, professores universitários e representantes esportivos (clubes, federações...). Essa configuração dos membros do COI ajuda a entender qual tipo de esporte era de interesse dos mesmos e para quem era direcionado. Vale destacar a presença do Rei dos Belgas, Leopoldo II, como o primeiro membro da lista de membros honorários do COI, sendo que esse foi responsável pela colonização do Congo, sendo um dos regimes coloniais mais violentos, que se utilizou do trabalho escravo, da mutilação e de assassinatos como política de Estado (MASONGELE, 2016).

Giglio e Rubio (2017) apontam que, na sua história, o COI foi formado majoritariamente por homens europeus, sem relação alguma com o esporte, na qual se tornaram membros por seu aporte financeiro e por carregar os ideais do Olimpismo. Arrighi (2017) aponta que até a década de 1930 foi o período mais aristocrático da entidade, com grande parte de seus membros pertencentes a uma decadente nobreza, que via o esporte como uma forma de recuperar o prestígio social, os benefícios econômicos e a influência política de outrora. Tavares (2003) afirma que a formação do COI foi eurocêntrica, pois os países europeus (mais os EUA) se viam como responsáveis pelo esporte mundial, sem ao menos perguntar se os outros países teriam interesse em participar.

Nesse primeiro congresso do COI, o rugby não é representado por nenhuma federação exclusiva de rugby, como a RFU ou até mesmo a IRFB, que seriam as duas principais entidades da modalidade até 1894. Assim, a USFSA, que era a responsável pelo rugby na França, (e se manteve como tal até a década de 1920, quando a *Fédération Française de Rugby* (FFR) se estabelece e passa a gerir o esporte no país) juntamente com outros três clubes *Racing Club de France*, *Stade Français* e *Stade Bordelais*) eram aqueles que representavam a modalidade no encontro. Esse desinteresse dos britânicos pelos Jogos Olímpicos não se restringe a essa reunião, mas na própria participação dos mesmos nas edições da qual o rugby esteve presente.

As principais decisões desse congresso foram relacionadas a organização da primeira edição e relacionadas ao amadorismo. Em relação ao amadorismo, discutirei no próximo tópico. Enquanto a organização da primeira edição, ela foi breve e clara, tendo as propostas aprovadas sem grandes problemas, sendo decidido a periodicidade dos Jogos Olímpicos de

---

<sup>34</sup> Com exceção para José Benjamín Zubiaur, da Argentina.

quatro anos entre cada edição; que a primeira edição seria realizada em Atenas em 1896 e a segunda em Paris 1900, com as próximas edições em outras cidades pelo mundo; as modalidades, divididas em: esporte atléticos (corridas e concursos), esportes náuticos (remo, vela e natação), jogos atléticos (futebol, tênis e jeu de paume etc), patinação, combate<sup>35</sup> (esgrima, boxe e luta), esportes hípicas (hipismo e polo), tiro, ginástica e ciclismo<sup>36</sup>; e a forma de escolha do presidente do COI, que é destinada à um membro do país sede da próxima edição, ficando a primeira com Dimítrios Vikélas, que representava a Sociedade Pan-Helênica de Ginástica de Atenas, mas que muda com a presidência de Coubertin, que permanece entre 1896 e 1925 no cargo. Vale destacar também a questão da nacionalidade, de que um país só pode ser representado por seus legítimos representantes nacionais, e verdadeiros campeões.

### **Amadorismo**

A disputa relacionada à questão do amadorismo, diferente das relacionadas aos Jogos Olímpicos de fato, não foram unânimes quanto à definição do que seria ou não um atleta amador, apesar de ser praticamente unânime a participação exclusiva de atletas amadores nos Jogos Olímpicos.

Antes de trazer às decisões do primeiro congresso, é importante para essa pesquisa apresentar a importância do rugby para essa questão. O presidente da comissão destinada à discussão acerca do amadorismo era Michel Gondinet, presidente do *Racing Club de France*, que era um clube poliesportivo, sendo um dos principais clubes de rugby do país e primeiro campeão nacional e A. Mangeot como secretário, que era o delegado pelo *Stade Bordelais*, clube poliesportivo que viria a ser uma das principais equipes de rugby da França na década seguinte. Apesar dos clubes serem poliesportivos e de seus representantes poderem não ser diretamente envolvidos com o rugby, a modalidade estava presente dentro das instituições pelas quais eram vinculados, com grande importância no desenvolvimento dos clubes, sendo atualmente a principal modalidade de ambas. Assim, pode-se traçar uma interferência do esporte na formação do conceito de amador definido pelo COI, já que o rugby perambulava pelos clubes dos membros do comitê.

---

<sup>35</sup> Essas modalidades estão agrupadas como um mesmo conjunto de jogos, mas não estão descritas como de combate, sendo atribuída essa denominação por mim.

<sup>36</sup> COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**. 1. ed. Paris.

Na discussão sobre amadorismo, foi tida como base a definição de amador do atletismo, na qual destacam-se dois pontos<sup>37</sup>:

IV. Que o dinheiro proveniente de entradas pode ser partilhado entre as Sociedades participantes, mas jamais entre os mesmos concorrentes<sup>38</sup>; [...]

VI. A tendência de todos os esportes, sem exceção, se direciona ao amadorismo puro, sem nenhum motivo permanente que legitime prêmios em dinheiro; mas no que diz a respeito às corridas de cavalos, o tiro e o iatismo, a definição de amador não se aplica momentaneamente<sup>39</sup>.

No ponto quatro, o COI permitia a locação, pagamento de entradas (ingressos) e a possibilidade de lucro das Sociedades com a promoção de eventos esportivos, mas que não poderiam ser repassados para aqueles que eram os “artistas” desse espetáculo. Interessante notar como a “memória” dos Jogos Olímpicos da Grécia antiga era uma forte influência para o entendimento do COI, para definir quem pode participar do evento: a sociedade grega escravagista, onde aqueles que participavam dos jogos eram apenas os homens livres, que nada recebiam para estarem ali e se ofereciam por inteiro para a competição, mesmo que custasse suas vidas, sendo esse o verdadeiro amador, enquanto que trata os gladiadores romanos como uma degeneração do espetáculo da disputa física, já que esses não eram em grande parte homens livres, que tinham ali o objetivo de garantirem sua liberdade e sobrevivência. Assim, a não divisão dos ganhos com os eventos esportivos com os atletas, fez o esporte ser apenas para os “homens livres”, aqueles que não dependem do trabalho, e do profissional alguém que não joga apenas pela “glória olímpica”, mas por ser um “escravo esportivo”, que joga para sobreviver.

Já no ponto seis, o amadorismo aparece como uma tendência do esporte, sem motivo o pagamento de dinheiro, mas aponta alguns esportes que não precisavam ser amadores, que coincidentemente são esportes que exigem um custo elevado para a sua realização. Os membros do congresso justificam o recebimento de prêmios em dinheiro nesses esportes como algo que não afetaria o esporte em si, pois as pessoas que o praticam já são ricas. A

---

<sup>37</sup> COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**. 1. ed. Paris. Tradução minha.

<sup>38</sup> “Que l’argent provenant des admissions sur le terrain puisse être partagé à titre d’indemnité de déplacement entre les Sociétés participantes, mais jamais entre les concurrents eux-mêmes”.

<sup>39</sup> “Que la tendance de tous les sports, sans exception, soit vers l’amateurisme pur, aucun motif permanent n’existant dans aucun sport pour légitimer les prix en espèces; mais qu’en ce qui concerne les courses de chevaux, le tir et le yachting, la définition générale de l’amateur ne leur soit pas momentanément appliquée”

esgrima também é incluída nesse grupo de esportes, pois receber como professor era a mais alta distinção para um esgrimista.

Além dos dois pontos, outra questão interessante a notar é que na formulação inicial sobre a condição de quem é o atleta amador ressalta o sentido da negação, mostrando quem não é amador. Dessa forma, ela excluía aqueles que não podiam participar do esporte sem uma contrapartida financeira pelo tempo dispendido, ou até mesmo pelo gasto de deslocamento até a partida. Isso fica mais evidente quando permitem que alguns esportes, como tiro e hipismo, recebessem prêmios. Assim, o amadorismo foi uma importante forma de distinção de classe, justificada pela defesa de uma suposta superioridade moral, mas que ao ser confrontado com a realidade, não passava de uma forma de excluir antecipadamente aqueles que poderiam tirar a hegemonia esportiva da classe dirigente. Mas essa exclusão não poderia ser por uma justificativa simples, como no período anterior as revoluções burguesas (com direitos oriundos do nascimento), mas teria que estar à altura de seu tempo, onde todos teriam a mesma oportunidade de serem amadores, mesmo que para ser amador alguns teriam que abdicar de horas de trabalho, enquanto outros eram os donos das empresas ou aristocratas.

### **Jogos Olímpicos: 1896-1912**

- Atenas - 1896

A primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna ocorreu entre os dias 6 e 15 de abril, na cidade de Atenas, capital da Grécia. Diferente das edições seguintes, esta houve um tempo menor de preparação da cidade para o recebimento do evento, já que ficou decidida sua realização durante o primeiro Congresso do COI, em 1894, o que pode ter dificultado a organização de algumas modalidades. Essa edição contou com a presença de 14 países (quase todos europeus) e 241 atletas, sendo exclusiva a participação dos homens. Houve ainda nove modalidades, todas individuais, com 43 eventos.

- Paris - 1900

Os Jogos Olímpicos de Paris 1900 foram realizados em conjunto com a Exposição Universal Internacional. Assim, uma parte da exposição era direcionada ao Concurso Internacional de Exercícios Físicos e Esportes, que foi organizado pela UFSFA. Diferentemente da primeira edição que durou apenas 10 dias, os Jogos Olímpicos de 1900

ocorreram por mais de quatro meses, o que minou sua relevância, muito por conta de ficar ofuscada pela própria exposição, que deixou o esporte em segundo plano.

No rugby, apenas três equipes se inscreveram para o evento. A equipe da casa, gerenciada pela USFSA, seria correspondente à seleção francesa; a Grã-Bretanha, representada pelo *Moseley Wanderers*, que era uma equipe da região de Birmingham, na Inglaterra; e a Alemanha, representada pelo *Frankfurt Football Club*.

A competição foi realizada entre os dias 14 e 28 de outubro, sendo programadas três partidas entre as equipes. A primeira partida foi entre franceses e alemães com vitória para da França por 27-17. No dia 21, haveria a segunda rodada, mas os britânicos não estavam aptos para jogar, não havendo a partida diante da Alemanha. A última partida foi no dia 28, entre França e Grã-Bretanha, com vitória dos franceses por 27-8, consagrando-os como campeões olímpicos, e as outras duas equipes empatados em segundo lugar.

Buchanan (1997) aponta que na partida do dia 28 houve o maior público desta edição dos Jogos Olímpicos, com cerca de 6000 espectadores. Contudo, o grande público não foi capaz de garantir o rugby na edição seguinte, que viria a ser realizada em Saint Louis, em 1904.

No relatório final feito pela organização dos Jogos Olímpicos de Paris, na parte relacionada ao balanço financeiro, o rugby tem um lugar de destaque, pois foi o último evento dessa edição, e seu grande público permitiu que a organização fechasse as contas com crédito (MÉRILLON, 1900).

- Saint Louis - 1904

A edição de 1904 foi programada inicialmente para ser realizada em Chicago, EUA. Na disputa para decidir a cidade sede, Chicago tinha uma proposta superior a de seus concorrentes, onde planejavam a construção de um estádio grego e davam garantias financeiras muito superiores a de seus adversários. Saint Louis (EUA), que tinha se candidatado e sediaría a Exposição Internacional de 1904, pediu o adiamento da decisão para 1902, mas a garantia financeira da cidade de Chicago foi apontada como um fator que nenhuma outra cidade poderia ofertar, sacramentando a decisão<sup>40</sup>.

Em fevereiro de 1903, foi publicado na *Revue Olympique* uma carta escrita por Henry J. Furber Jr., presidente do Comitê dos Jogos Olímpicos de 1904, enviada ao COI,

---

<sup>40</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. *Revue Olympique*: Bulletin trimestriel du Comité International Olympique. Auxerre, julho de 1901.

comunicando a alteração do local dos Jogos Olímpicos, saindo de Chicago para St. Louis. Como justificativa, Furber Jr. alegava que a Exposição Internacional ocorreria concomitantemente aos Jogos Olímpicos, que poderia causar um conflito e diminuir o prestígio do evento esportivo. A questão financeira, que era o grande diferencial de Chicago, foi superada com a reserva financeira da organização da Exposição, a *Louisiana Purchase Exposition*. O COI aceitou a mudança e desejou sucesso para realização dos Jogos Olímpicos em St. Louis<sup>41</sup>.

Os Jogos Olímpicos de 1904 foi o primeiro a contar com o basquete, que só apareceria novamente em 1936, permanecendo até os dias atuais; boxe, luta livre, decatlo e levantamento de peso também fizeram suas estreias nos Jogos Olímpicos; e foi a única edição com o roque (uma variação do jogo de croquet). Ele também fica marcado pela baixa participação dos europeus, muito por conta dos altos custos para a viagem e permanência na Exposição Internacional, inclusive com a ausência do próprio presidente do COI, Pierre de Coubertin. Essa edição conta com a entrega de medalhas de ouro, prata e bronze pela primeira vez. Um dos grandes problemas dessa edição foi a sua duração, que assim como em 1900, com seus eventos distribuídos durante quatro meses.

Essa edição também é marcada como uma competição das raças, que buscava mostrar a superioridade da "raça americana" sobre as outras. Assim, antes dos Jogos Olímpicos de 1904 começarem, houve a *Anthropology Days*, que tinha como um dos eventos uma competição para os selvagens, aos moldes dos zoológicos humanos europeus. Essas competições também tinham a função de justificar a colonização, ao mostrar a superioridade estadunidense sobre as "populações selvagens", como na recente ocupação nas Filipinas, mostrando a superioridade física e intelectual sobre outros povos. No próprio Jogos Olímpicos, a competição entre as raças é um ponto levantado, como uma forma de demonstrar a superioridade "racial americana" sobre os europeus. Uma das justificativas dessa suposta superioridade era em relação que o estabelecimento dos europeus nos EUA fez surgir uma nova raça, por conta das adaptações necessárias para a sobrevivência na natureza, onde os mais fracos morreriam (DELSAHUT, 2014).

---

<sup>41</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. Revue Olympique: Bulletin trimestriel du Comité International Olympique. Auxerre, 1903.

- Londres - 1908

Os Jogos Olímpicos de 1908, assim como em 1904, teve seu local alterado, visto que inicialmente estava marcado para Roma (Itália), mas a erupção do vulcão de Monte Vesúvio destruiu a cidade de Nápoles, que levou o governo italiano a transferir os recursos destinados aos Jogos Olímpicos para a reconstrução da cidade. Londres, que havia sido derrotada por Roma para sediar o evento se candidata novamente, colocando o *Franco-British Exhibition*<sup>42</sup> como um atrativo para sua candidatura, além de ser a terceira vez consecutiva que os Jogos Olímpicos coincidiriam com uma exposição internacional (OLIVEIRA, 2021).

Durante a organização dos Jogos Olímpicos, houve algumas comissões específicas para a organização de certas modalidades, como ginástica e esgrima, enquanto outras foram deliberadamente alteradas conforme a vontade dos britânicos, como no remo. Uma das principais mudanças nesta edição dos Jogos Olímpicos é a entrega de medalhas de ouro para os vencedores, que apesar de ser questionada a validade desse prêmio, de ser ou não uma prática condizente com os ideais amadores do Olimpismo, já que o ouro apresentava de fato um preço, ela é aceita, pois para competir dentro dos Jogos Olímpicos, os atletas teriam que serem amadores, o quê o colocavam em igualdade, mas que a premiação com medalhas não seria uma obrigação para os próximos organizadores dos Jogos Olímpicos<sup>43</sup>.

Alguns eventos se destacam nessa edição dos Jogos Olímpicos, como a construção do *White City Stadium*, primeiro estádio construído exclusivamente para os Jogos Olímpicos, com capacidade para 68 mil espectadores; a alteração da distância da prova da maratona, que originalmente era de 40 km e passa a ser de 42,195 km (distância que passa a ser a oficial da prova) para que a largada fosse realizada do jardim do Castelo de Windsor, para capricho da realeza britânica, e a chegada em frente ao camarote de honra; a introdução das provas de revezamentos; a apresentação das delegações divididas por países na cerimônia de abertura; as reclamações dos atletas quanto a parcialidade dos árbitros, que eram britânicos, para o favorecimento de seus compatriotas; além da final da maratona, quando Dorando Pietri, da Itália, entra desnortado no *White City Stadium*, erra o sentido da pista, é preciso ser auxiliado pelos árbitros, além de ter desmaiado antes da chegada, precisando ser amparado por médicos antes da chegada, mas que custou sua desqualificação, por não conseguir terminar a prova sozinho.

---

<sup>42</sup> Exibição Franco-Britânica, tradução minha.

<sup>43</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. LES RÈGLEMENTS DE LONDRES. Revue Olympique, [S. l.], 1907.

Essa edição também contou com a presença do rugby como modalidade oficial. Assim, houve uma tentativa de ampliar a competição, com a participação de mais equipes, com os ingleses convidando as principais seleções do mundo, como os países do *Home Nations*, a França e os países do hemisfério sul. Contudo, apenas França e Austrália aceitam o convite, sendo que os franceses viriam a desistir uma semana antes dos Jogos (BUCHANAN, 1997), ficando entre a Inglaterra e a Austrália a decisão do título olímpico.

Os *Wallabies*<sup>44</sup>, defendendo a equipe olímpica da Australásia<sup>45</sup>, estavam completos para a disputa, já que a mesma estava em *tour* pelo Reino Unido. Já a Inglaterra estava com problemas para jogar os Jogos Olímpicos com sua seleção, por conta de seus principais atletas terem acabado de voltar de um *tour* pela Oceania, acarretando na decisão de enviar o atual campeão dos condados, a Cornualha, para representar a Grã-Bretanha (BUCHANAN, 1997). O jogo foi realizado no dia 28 de outubro de 1928, com vitória fácil dos australianos por 32-3, sendo a única medalha de ouro da Australásia nesta edição dos Jogos.

- Estocolmo - 1912

A edição de 1912 dos Jogos Olímpicos ficou decidida no encontro do COI de 1909, realizado em Berlim, na Alemanha. Essa edição marca a implementação de uma prova criada para os Jogos Olímpicos, o pentathlon moderno; de pela primeira vez ter representantes dos cinco continentes; a morte de um atleta português Francisco Lázaro durante a maratona; e o caso de Jim Thorpe.

O pentathlon moderno, que fora proposta por Pierre de Coubertin no encontro em Luxemburgo, em 1910, inspirado na ideia de ginástica utilitária<sup>46</sup>, combinava cinco provas, das diferentes categorias de esportes presentes nos Jogos Olímpicos: jogos atléticos (corrida cross-country), jogos de combate (esgrima), jogos equestres (equitação), tiro e esportes aquáticos (natação). Interessante notar como a 'criação' desse combinado aparece nos Jogos Olímpicos em um momento de grande tensão militar na Europa, já que esses esportes são comuns nas práticas militares e a Primeira Guerra Mundial começa dois anos depois. Essa tensão militar aparece em alguns momentos nos encontros e publicações do COI, como na sessão de Haia, em 1907, onde o esporte é tratado como uma possível forma de integração de

---

<sup>44</sup> Denominação dada para a seleção australiana de rugby.

<sup>45</sup> Equipe representando um combinado entre Austrália e Nova Zelândia, que participou dos Jogos Olímpicos de 1908 e 1912.

<sup>46</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. IIIe SÉANCE. In: PROCÈS-VERBAL DES SÉANCES. Luxemburgo.

países e resolução de conflitos<sup>47</sup>; e no texto "*Pax Olimpica*"<sup>48</sup>, no seu boletim de julho de 1912, onde se fala de que, assim como os gregos na antiguidade, os Estados deveriam manter uma "Paz Olímpica" durante o período de realização dos Jogos, o que permitiria a não interrupção do evento em caso de conflitos.

O caso de Jim Thorpe é conhecido por sua perda das medalhas conquistadas no decatlon e no pentathlon após o fim dos Jogos Olímpicos, por ter sido considerado profissional. As vitórias de Thorpe nas duas provas foram acachapantes, deixando seus adversários muito para trás, o que levou a ser chamado pelo Rei da Suécia como "o melhor atleta do mundo" (OLYMPICS, 2021). Contudo, o atleta estadunidense de origem indígena, antes de disputar os Jogos Olímpicos de 1912, recebia para jogar beisebol no seu país. Zakus (1992) aponta que Thorpe não foi pego por ser um atleta profissional, mas por conta de sua ingenuidade, já que muitos atletas atuavam como amadores em uma modalidade, como no atletismo, por exemplo, e profissionais em outra, como no beisebol, mas que para burlar o sistema, utilizavam um nome falso na modalidade profissional, para não perderem o *status* de amador. Além da indiscrição de Thorpe, a denúncia de que era profissional ocorreu após seis meses de sua conquista, sendo que ela só poderia ocorrer e ser julgada caso fosse realizada dentro de 30 dias após a disputa, mas que para Zakus (1992) isso pouco importava para quem estava no poder.

### **1.7. Rugby e a Primeira Guerra**

A Primeira Guerra tem seu marco inicial o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando, que era herdeiro do Império Austro-Húngaro, enquanto passava por Sarajevo, Bósnia, num carro aberto. Contudo, colocar toda a guerra na conta de seu estopim não condiz com outros motivos que confluíram para a deflagração do confronto.

Como ponto inicial, esse período antecessor a Guerra é conhecido por certa paz entre os países europeus, com poucos confrontos dentro do continente, como as guerras da Criméia dos Bálcãs. Contudo, essa paz não correspondia à situação vivida nas colônias, que estavam em um violento processo de exploração, sofrendo com os ataques europeus; além de ter havido uma partilha dos territórios no mundo, onde as regiões eram divididas e repartidas conforme as negociações políticas. Esse expansionismo imperialista chegou a um limite, que

---

<sup>47</sup> VAN GOUDRIAAN, George van Tets. UN DISCOURS DE BIENVENUE. *Revue Olympique*, [S. l.], 1907.

<sup>48</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. *Pax Olimpica*. *Revue Olympique*, [S. l.], v. 79, 1912.

praticamente não havia “terras sem donos”, tornando as nações concorrentes nas disputas por novos mercados.

Concomitantemente as ações imperialistas, houve um crescimento da produção industrial, que precisava de novos mercados consumidores e de matérias-primas para a sua produção, que na lógica imperialista são as funções das colônias. Mas esse aumento da produção também chegou ao setor bélico, que tinha como principal mercado os Estados, setor que passa a se desenvolver, tornando-se a indústria da guerra, que produz de forma excessiva, empregando grandes contingentes e desenvolvendo tecnologia.

No final do século XIX e começo do XX, ocorre também uma mudança na centralidade econômica, com Londres deixando de ser tão central a economia mundial, como era anteriormente, o que passara a colocar diversas economias nacionais em concorrência. Assim, a economia passa a estar ligada diretamente aos círculos políticos e militares dos Estados, ocorrendo manobras protecionistas para evitar a concorrência estrangeira dentro do mercado interno. Japão e EUA também entraram nas disputas imperialistas, mas suas forças eram regionais, que não colocavam em risco os europeus.

Além da parte econômica, as nações envolvidas tinham problemas sociais internos que podiam eclodir em revoluções sociais, como na Alemanha, que tinha a *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD) numa crescente popularidade, sendo um partido abertamente anticapitalista, apesar de contrário a revolução, mas que causava temores em conservadores e liberais; a Rússia, que vivera uma Revolução em 1905, onde o *czar* perdera poder, tendo que abrir algumas liberdades políticas que não existia em outra época, além de ser um caldeirão étnico; o Império Austro-Húngaro também tinha seus problemas entre etnias, sendo formada por diferentes impérios etc. A guerra poderia servir como uma forma de unificar o país e era uma alternativa à revolução social (HOBSBAWM, 1995).

Outra questão foi o alinhamento entre países, que pensavam suas ações político-militares em conjunto, criando dois blocos: Alemanha e Império Austro-Húngaro contra França e Rússia. Alemanha anexara a Alsácia-Lorena após a Guerra Franco-Prussiana, que pertencera à França; e o Império Austro-Húngaro que anexou a Bósnia e Herzegovina em 1908, que já estava sob seu protetorado desde o fim da Guerra Russo-Turca, que incomodava o Estado *czarista*; além das fortes ligações culturais entre alemães e austríacos. Já os britânicos poderiam ficar alheios a isso, mas sua entrada no bloco com França e Rússia causou uma mudança nos rumos, além de surpresa, muito por conta de britânicos e russos terem se enfrentado na Guerra da Crimeia, e das disputas coloniais entre França e Grã-

Bretanha pela partilha do mundo. Contudo, os britânicos viam os alemães como mais perigosos, pois esses já tinham uma marinha que poderia causar problemas, além de ser uma força continental. Isso tornava a Alemanha mais ameaçadora que a França e a Rússia (HOBSBAWM, 1995).

Com o expansionismo imperialista chegando ao limite geográfico, economias em disputa por novos mercados e por matérias-primas, os Estados fortemente armados, problemas internos que poderiam levar a uma revolução social e a política de blocos, formavam um ambiente que poderia eclodir a qualquer momento um conflito, que no assassinado do arquiduque foi seu estopim. Após o atentado, os austro-húngaros exigiram algumas reivindicações aos sérvios, para que deixassem de ter influência na Bósnia, mas propositalmente inaceitáveis, que com a recusa de algumas delas gerou a declaração de guerra. A Rússia não queria perder seu aliado nos Bálcãs, mobilizando algumas tropas em apoio a Sérvia. Nos dias seguintes os alemães partem em direção à França e invadem a Bélgica. Essa invasão foi a desculpa necessária para a entrada dos britânicos no conflito.

Dentro da Inglaterra, o rugby teve um papel importante na formação ideológica de uma superioridade britânica, sendo a personificação dos ideais imperialistas que eram ensinados dentro das *public schools*, o esporte que tornava os indivíduos vigorosos, masculinos, patrióticos e disciplinados militarmente (COLLINS, 2002). A RFU também apoiara o militarismo, promovendo as partidas entre a Marinha Real e o Exército, principalmente a partir de 1909, com as partidas sendo jogadas anualmente. Além disso, o rugby como prática corporal, era capaz de condicionar fisicamente os indivíduos, construindo corpos fortes para guerra e tido como um dos responsáveis pela vitória britânica na Guerra dos Bôeres.

Contudo, existia uma clara distinção em relação a quem praticava o rugby dentro dos regimentos, sendo este o jogo dos oficiais, enquanto os soldados praticavam futebol. Sheffield (2000) aponta como era a composição social dos regimentos britânicos, na qual os oficiais vinham de famílias das classes mais altas, ligadas ao próprio exército ou a nobreza, educados nas *public schools*, mas que apesar de haver conflitos internos dentro do exército por conta dos diferentes interesses dessa fração da burguesia, eram sempre ligados aos proprietários, mantendo sua característica de classe; em oposição aos soldados, que vinham das camadas mais baixas, com escolaridade reduzida e de regiões urbanas. Essa composição ajuda a entender a escolha por cada um dos esportes pelos diferentes níveis do exército.

A Primeira Guerra também mobilizou uma grande quantidade de voluntários, que se alistaram para compor as fileiras de batalha. Dentre esses voluntários, muitos eram jogadores de rugby, o que levou a uma mudança nos calendários da RFU, diferentemente do futebol e do *Rugby League*, que mantiveram suas partidas normalmente. Essa presença grande de jogadores de rugby gerou um sentimento de superioridade moral de seus praticantes em relação a outras práticas de *football*, com a morte em batalha como uma honra em defesa dos ideais nacionalistas (COLLINS, 2002). Não só os ingleses foram à batalha, mas muitos jogadores escoceses, alguns irlandeses e galeses, assim como os vindos das colônias e domínios britânicos (como África do Sul, Canadá, Nova Zelândia e Austrália), além de uma forte campanha vinda dos clubes e uniões regionais para o alistamento de seus membros.

Apesar de o rugby de clubes ter seu calendário paralisado, houve partidas dentro dos regimentos, que contou inclusive com público nas arquibancadas. Essas partidas atraíam o interesse popular, já que contavam com a presença de muitos jogadores internacionais, transformando os confrontos em verdadeiras exibições de pequenas seleções, que ficou ainda mais forte com a chegada das tropas dos domínios, que realizaram pequenos tours pela Grã-Bretanha, enfrentando equipes locais ou outros regimentos (COLLINS, 2002).

Uma característica importante nos jogos durante o período da primeira guerra foi a permissão da participação dos jogadores do *Rugby League* nas partidas do *Rugby Union* dentro dos exércitos. A RFU permitiu a presença dos jogadores da NU, mas estritamente durante o período de guerra, além de deixar claro que os trabalhadores da indústria de munições não eram considerados militares ou marinheiros. Isso tornou as partidas ainda mais atraentes para o público e para os participantes.

Collins (2002, 2009, 2015) traz um balanço da participação dos jogadores de rugby na guerra, apontando como muitos jogadores com passagem por seleções nacionais padeceram no campo de batalha, principalmente das seleções inglesas e escocesas, em contraste com País de Gales, que tiveram poucos combatentes, que aparenta estar relacionado com os extratos sociais que praticam o rugby em cada país, sendo em País de Gales um esporte de massas, praticado pela classe trabalhadora, enquanto na Inglaterra e Escócia centrado nas classes mais altas.

Alguns personagens envolvidos com o rugby também eram entusiastas da guerra, como o então presidente da Arthur Hartley, engenheiro civil que trabalhava para uma empresa de linhas férreas e na manufatura de asfalto, que passa a trabalhar numa empresa de petróleo

anglo-persa após a guerra, tendo seus interesses diretamente ligados as disputas imperialistas; ou Bob Oakes, que organizava partidas de rugby no norte da Inglaterra no período de guerra.

Na França, o esporte também teve que ser parado por conta da guerra, mas o futebol e o rugby conseguiram um lugar como prática esportiva dos regimentos (WAQUET; VINCENT, 2011), e assim como na Grã-Bretanha, a sua divisão de classes seguia presente, com o rugby jogado pelos oficiais e o futebol pelos soldados (DINE, 2001). Waquet e Vincent (2011) apontam que houve um fenômeno semelhante ao inglês durante o período da guerra, com partidas contra os soldados aliados que estavam na França, como da Nova Zelândia, Austrália e Grã-Bretanha, deixando em destaque uma partida contra os neozelandeses, disputada no *Parc des Princes*, no dia 17 de fevereiro de 1918, que teve um público de 20.000 espectadores, com os soldados franceses sendo derrotados por 5 a 3, que gerou repercussão na imprensa inglesa. Após a partida, a USFSA tentou organizar uma turnê do exército neozelandês pela França, mas a ofensiva alemã fez com que as tropas aliadas se mobilizassem, colocando os jogadores-soldados de volta a frente de batalha.

Os domínios britânicos, como Austrália, Nova Zelândia e África do Sul foram obrigados a entrar na guerra, por conta da sua subordinação ao Império Britânico. Na África do Sul causou revolta a participação, já que alguns bôeres viam o foco britânico na guerra como uma oportunidade de se desvencilhar da dominação imperial, enquanto aqueles que eram pró-Grã-Bretanha defendiam a participação com todas as forças na guerra imperialista, já que se identificavam como britânicos (GARSON, 1979).

Um dos principais marcos da I Guerra Mundial foi a morte em escala industrial, que causou uma terrível destruição para as populações civis. A necessidade de uma grande produção de armas, equipamentos, alimentos etc., tornou os civis como alvos, pois se esses suplementos são produzidos para os militares também, impedir que cheguem à frente de batalha é uma ação decisiva. Assim, a guerra deixa de ser apenas uma disputa entre militares, mas de uma mobilização nacional, onde todos estão envolvidos.

Além dos ataques a civis, a guerra durou mais do que os países envolvidos esperavam, gerou vários problemas internos, como no caso da Rússia, que abandonou a guerra por conta do processo revolucionário que ocorreu em 1917. O final da guerra acaba com os alemães se rendendo as forças dos Aliados e com a assinatura do Tratado de Versalhes.

## **2. *Entre Guerras***

### **2.1. Da Revolução de Outubro ao Tratado de Versalhes**

O período Entre Guerras é delimitado pelas duas Guerras Mundiais, sendo a primeira finalizada em 1918 e a segunda iniciada em 1939. Hobsbawm (1995) trata o período esse período como uma guerra de 31 anos, tendo início no começo da I Guerra Mundial, em 1914 e fim no encerrar da II Guerra Mundial em 1945. Contudo, é importante ressaltar que ambas as delimitações estão focadas na Europa, já que a II Guerra Mundial não termina com a rendição japonesa para alguns países, como na Coreia, por exemplo, que os resquícios da II Guerra Mundial se mantêm até os dias de hoje, com a ocupação estadunidense no sul da península. Em relação ao esporte, as Grandes Guerras fizeram suas atividades praticamente pararem, sendo por conta da participação de seus atletas na própria guerra, como pela impossibilidade da prática esportiva regular por conta de ocupações ou ataques inimigos.

Vale ressaltar que, ao final da I Guerra Mundial, em 1917 na Rússia ocorreu a Revolução Russa, que derrubou o czar Nicolau II, e implementou o governo provisório, que em outubro (sendo denominada de Revolução de Outubro) foi derrubado pelo partido bolchevique, liderados por Lenin, tendo como orientação política o marxismo, e muda a lógica do Estado, para que fosse construído ali um regime socialista.

Diferente das revoluções burguesas que aconteceram anteriormente na Europa, essa teve como mote ser realmente popular, e não usar as massas apenas para a queda da monarquia e depois a tomada do poder pela burguesia como ocorreu na maioria dos países, e atender às necessidades populares e não da burguesia. O fato de atender às necessidades materiais pode ser verificada através do lema da revolução, pois enquanto a Revolução Francesa trouxe coisas completamente abstratas (liberdade, igualdade e fraternidade), a Revolução de Outubro se baseava no real (Pão, Paz e Terra), além de ter nos soviets (comitês) uma das principais bases para a formação do poder popular. Essa quebra com a lógica burguesa gerou um incômodo na própria burguesia, principalmente na Europa, mas trouxe também uma esperança para os povos oprimidos, tendo reflexo durante a Guerra, sendo notado nas cartas retidas, que falavam sobre como a Revolução de Outubro renovou as esperanças da classe trabalhadora e como aquela guerra não fazia sentido (HOBBSAWM, 1995).

O incômodo das potências capitalistas gerou sua reação contra os bolcheviques, que culminou na Guerra Civil Russa, quando essas potências capitalistas (França e Inglaterra

principalmente) dão apoio à contrarrevolução e ao Exército Branco, causando uma terrível guerra, que termina em 1922 com a vitória dos bolcheviques, proclamando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

### ***King's Cup* - A primeira Copa do Mundo**

A vitória dos aliados na Primeira Guerra e a participação massiva dos jogadores de rugby nas frentes de batalha deixou um ar de superioridade moral ao esporte, sendo tratado como um dos responsáveis pela vitória, isso fortaleceu a modalidade nos anos seguintes e a *King's Cup* selou o rugby como o esporte de inverno oficial do Império Britânico.

Após o fim da guerra, o escritório de guerra britânico decidiu promover uma competição entre os serviços militares britânicos e de seus domínios, já que muitos militares aguardavam uma desmobilização da frente europeia para poder, enfim, retornar aos seus países de origem, além de ser uma forma dos britânicos para homenagear os militares de suas colônias que defenderam o Império. Isso se deve muito ao fato do rugby ter sido praticado massivamente como terapia entre os soldados durante o período de combate e ser tratado como um dos grandes responsáveis pela vitória, além de uma forma do Império Britânico carregar seus princípios para suas colônias.

Nessa competição participaram equipes representando a Nova Zelândia, a África do Sul, o Canadá, a Austrália, a *Royal Air Force* (RAF), e a *Mother Country*<sup>49</sup>. Inicialmente a ideia dos militares britânicos era de separar exército, marinha e aeronáutica, mas a marinha deixaria de ser competitiva, colocando essa a jogar junto com o exército sob a alcunha de *Mother Country*, enquanto a RAF jogava de forma independente. Outra questão importante foi a junção de todos os países da Grã-Bretanha defendendo uma única bandeira, diferentemente do *Home Nations*; além de o nome *Mother Country* ter um grande teor político, na tentativa de retomar o passado colonial do Império Britânico<sup>50</sup> (COOPER; LEONARD, 2015).

Essa competição pode ser considerada como a primeira Copa do Mundo de um esporte coletivo, semelhante aos moldes que temos hoje, já que os Jogos Olímpicos até então eram disputados por poucos países, limitados ao amadorismo e por equipes majoritariamente

---

<sup>49</sup> Terra Mãe, tradução nossa.

<sup>50</sup> Ao me referir à passado colonial do Império Britânico se dá em relação aos países que estavam na *King's Cup*, pois estes eram domínios britânicos, já apresentavam um certo tipo de independência do Império, diferentemente de países como Nigéria e Quênia, que só deixam de serem colônias na década de 1960

europeias. Como comparativo, a primeira Copa do Mundo de Futebol, disputada em 1930 contou com 13 equipes, das Américas e Europa, com 18 partidas, distribuídas entre três estádios na cidade de Montevideu; enquanto na *King's Cup* houve seis equipes na disputa da copa, de quatro continentes, com 16 confrontos em oito locais, além de um jogo extra para o campeão contra a França (COOPER; LEONARD, 2015).

Contudo, essa abrangência de continentes se deve pelo fato de o Reino Unido ter domínios em todo o globo, sendo conhecido como "o império onde o sol nunca se põe", o que obrigava seus domínios a entrarem nas guerras que fossem de seu interesse, o que facilitou bastante a participação destas tropas no front europeu. Além disso, essa competição tinha a participação daquelas equipes que os britânicos aceitavam jogar, já que se limitavam a enfrentar suas colônias/domínios e a França.

A equipe neozelandesa sagrou-se campeã da disputa, liderada pelo indo-inglês Nathaniel Arthur 'Ranji' Wilson, que já havia defendido os *All Blacks*<sup>51</sup> antes da guerra. A final foi realizada no clássico estádio de Twickenham, em Londres, contra a *Mother Country*, diante de um público que enchia as arquibancadas, além de contar com a presença de William Massey, primeiro-ministro da Nova Zelândia, que estava na Europa para as negociações relacionadas ao Tratado de Versalhes (COLLINS, 2015). Além da final, o confronto entre Nova Zelândia e África do Sul ficou marcado como o primeiro entre as equipes a contar com a presença de bôeres no lado sul-africano, e o início de uma rivalidade que perdura até os dias de hoje.

Durante a Guerra o rugby teve um papel de lazer para os soldados, além das institucionalmente apoiar a guerra, tanto os clubes fazendo campanha de alistamento, quanto a RFU, que parou seu calendário. A competição foi uma forma de aproveitar o interesse popular por rugby, que estava desde o começo da guerra com poucas partidas, principalmente num nível internacional, além de mobilizar as tropas dos domínios a uma ideia de unidade, de pertencimento a *Mother Country*.

### **Tratado de Versalhes**

O final da Primeira Guerra foi algo que demorou a acontecer, já que a própria guerra durou mais tempo que os países participantes esperavam que fosse durar. A Alemanha já tentava o armistício com a França, mas a exigência das regiões da Alsácia-Lorena pelos

---

<sup>51</sup> *All Blacks* é o nome dado à Seleção Neozelandesa da Rugby.

franceses fez os alemães prorrogarem a guerra. Contudo, o medo da revolução que rondava o país, fez o governo provisório assinar um armistício que os culpavam pelas consequências da guerra. Em novembro de 1918 encerra a guerra e começam as negociações da Conferência da Paz, que vai redigir os termos sobre o fim da guerra e como os derrotados iriam pagar pela sua derrota.

A Conferência da Paz foi realizada pelos vencedores da guerra, com exceção da Rússia, que passava por uma Guerra Civil. Nessa conferência ficou decidido quais seriam os termos e condições que os países vencidos teriam que aceitar e a indenização que pagariam. Como ponto de partida, existia uma intenção de destruir a Alemanha, a culpabilizando pela guerra, como a única responsável, perdendo suas colônias e algumas regiões, para também evitar guerras futuras. Ao mesmo tempo os dirigentes desses países estavam preocupados com os bolcheviques e que suas concepções políticas causasse uma revolução na Alemanha. Assim, os termos para o tratado de paz colocaram o país como um de segunda classe, numa condição semelhante a países não europeus, já que não teria autonomia mais sobre o seu exército, sobre algumas relações comerciais, além de uma dívida exorbitante com os países vencedores.

Um ponto interessante sobre a discussão da Conferência da Paz é em relação a autodeterminação dos povos. Quando ocorreu a divisão da Europa, existia uma preocupação em agrupar grupos étnico-culturais em Estados-nações, de forma que esses povos fossem o mais homogêneo possível, na qual esses povos decidiriam seu futuro sem a intervenção estrangeira. Na Europa essa ação foi de certa forma pensada, apesar de ser praticamente impossível de ser realizada como eles imaginaram, mas o mesmo não se pode dizer da Ásia, onde os países da conferência dividiram o Império Otomano conforme seus interesses, com apenas uma pequena parte ficando como Turquia (BECKER, 2011).

Sobre essas condições que foi assinado em junho de 1919 o Tratado de Versalhes, que junto com outros tratados designou as condições de paz para a Alemanha e os demais países derrotados. Contudo, quase todos saíram descontentes com o tratado: os franceses queriam uma punição maior; os italianos não conseguiram os territórios prometidos; os alemães não aceitavam que eram os únicos culpados, e existia um sentimento de revanche. Esse descontentamento foi um dos grandes responsáveis para que se chegasse à Segunda Guerra Mundial. Becker (2011) aponta que a saída dos autores do tratado do poder de seus respectivos países foi algo que dificultou a manutenção dos termos, já que os termos foram

muito decididos por esses e que as mudanças internas nos países, muitas vezes, tinham visões completamente diferentes das propostas pelo tratado.

## 2.2. Década de 1920

### Torneio 5 Nações

A década de 1920 começa com o retorno da principal competição do rugby internacional, o Torneio 5 Nações, disputado entre Inglaterra, Escócia, Irlanda, País de Gales e França. Disputada no começo do ano, em 1920 ela teve a partida inaugural no dia 1º de janeiro, entre França e Escócia, jogada no *Parc des Princes*, com um público de aproximadamente 25.000 pessoas, com vitória escocesa por 5 a 0. Nesse ano, o título foi dividido entre Escócia, País de Gales e Inglaterra.

A principal equipe da década de 1920 foi a Inglaterra, que ganhou quatro *grand slams*<sup>52</sup> (1921, 1923, 1924 e 1928), além de um título dividido com Escócia e País de Gales (1920). A Escócia ficou logo atrás, com um *grand slam* (1925) e um título (1929), além de mais dois divididos com a Irlanda (1926 e 1927), essas as únicas conquistas dos irlandeses na década. Já a seleção de País de Gales foi campeã em 1922, além do dividido em 1920. A França teve como melhor resultado um segundo lugar em 1921.

O rugby no pós-guerra se destaca como uma importante ferramenta ideológica, na promoção dos princípios chauvinistas britânicos, na promoção da “superioridade da raça britânica”, além de ter sido tratado como um dos motivos da vitória na guerra sobre os alemães. Esse período também marca um crescimento do futebol e do rugby como entretenimento de massas (SNAPE; PUSSARD, 2013), que pode ser notado nos públicos das partidas internacionais, chegando a ter 80.000 pessoas em dois confrontos entre Escócia e Inglaterra, em 1927 e 1929, ambos disputados no estádio de *Murrayfield*, em Edimburgo, casa da seleção escocesa, na qual manda seus jogos até os dias de hoje.

A demanda por esporte, tanto para assistir como para praticar está atrelada também a mudança nas leis trabalhistas na Grã-Bretanha, na qual foram implementadas as horas de lazer (HANNIKAINEN, 2018), com a diminuição da jornada de trabalho, sendo essa uma reivindicação antiga dos trabalhadores. Vale ressaltar que a conquista dos trabalhadores pelas horas de lazer ocorreu após a Revolução de Outubro, e que o medo de uma revolução proletária na Grã-Bretanha aumentava o poder de barganha dos trabalhadores frente à

---

<sup>52</sup> *Grand Slam* é quando a equipe ganha todos os confrontos da competição.

burguesia. Essas horas livres gerou a necessidade de novos espaços e atividades para o lazer dos trabalhadores, que se materializou na construção de praças esportivas, que possibilitaram um lazer físico, assim como práticas coletivas, como o futebol (HANNIKAINEN, 2018). Snape e Pussard (2013) apontam que o período entre guerras foi marcado pelo aumento do desemprego, influenciando na demanda por atividades que fossem de baixo custo ou gratuitas, além de que a não existência dessas poderia gerar um problema social ainda maior para a burguesia.

Dentro desse processo de massificação do lazer, o rugby aparece deslocado, apesar dos grandes públicos presentes nos estádios. A questão elitista que envolve os clubes e seu exclusivismo aparenta serem bons indicativos da não massificação da modalidade como prática da classe trabalhadora, que os trabalhos de Snape e Pussard (2013) e Hannikainen (2018) demonstram, apontando como o rugby não era praticado dentro dos espaços públicos, diferentemente do futebol. O amadorismo também pode ser tido como outra trava para a prática entre a classe trabalhadora, já que o rugby impedia o pagamento do *broken time*, não dando as condições materiais para que os trabalhadores jogassem nos dias de trabalho, muito menos a profissionalização por completo desses atletas.

A questão da classe fica mais evidente no rugby de clubes na Inglaterra quando se questiona a ausência de competições entre clubes no âmbito nacional, aos moldes da *FA Cup* e da *Football League*. As competições do futebol colocavam em igualdade de jogo tanto equipes oriundas das *public schools* como equipes operárias, possibilitando uma disputa pela hegemonia do esporte. Sua inexistência dentro do rugby tornavam as partidas amistosas dos clubes como restritas a quem os clubes gostariam/desejariam enfrentar, e que, ao montar os calendários de jogos, os clubes das elites não aceitavam jogar contra quem não era da mesma condição social (COLLINS, 2009).

A seleção nacional também é um grande promotor de um esporte, que pode incentivar as pessoas a praticarem tal modalidade, além de ser, assim como a guerra, uma importante ferramenta de construção e promoção da identidade nacional, já que coloca oposição ao estrangeiro. Focando na promoção, a seleção inglesa se limitou a mandar seus jogos nas décadas de 1920 e 1930 apenas em *Twickenham*, estádio da própria RFU, em Londres, com exceção apenas da partida contra a Irlanda, em 10 de fevereiro de 1923, pelo Torneio 5 Nações, disputada em *Welford Road*, em Leicester, a 160 km da capital britânica. Como comparação, País de Gales e Nova Zelândia, países que possuem o rugby como um esporte de

massas, no mesmo período as seleções disputaram partidas em mais de uma cidade<sup>53</sup>, promovendo a equipe nacional e o esporte, mesmo que não haja em ambos os casos uma correlação direta entre a massificação e a seleção nacional. No caso da Inglaterra, a centralidade em Londres foi uma escolha que enfraqueceu o *Rugby Union* no norte do país, região essa que tinha uma grande popularidade do *Rugby League*, e a presença da seleção nessa região poderia ter o rugby tomado outros rumos.

Mesmo com o aumento da demanda por esporte e o apoio estatal para a sua promoção, as limitações e as escolhas do rugby e seus dirigentes, como a ausência de competições de clubes, o amadorismo e a estrutura de classe da RFU, afastando a classe trabalhadora do esporte, sendo pontos decisivos para a não massificação. O rugby não aproveitou o momento, na qual o esporte teve um processo de alavancagem, como no crescimento dos Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol no âmbito internacional, ou as próprias ligas nacionais locais, negando inclusive a continuidade de um dos eventos mais importantes do esporte, a *King's Cup*, que foi vanguarda em competições internacionais.

### **Jogos Olímpicos Antuérpia 1920**

Os Jogos Olímpicos de 1920 foram os primeiros realizados após a I Guerra. A escolha da cidade sede aconteceu no encontro realizado no dia 5 de abril de 1919, na cidade de Lausanne, Suíça, sendo determinado que a cidade da Antuérpia, na Bélgica receberia o evento, sendo que o pedido belga para ser a cidade sede tinha sido realizado em 1914<sup>54</sup>.

O programa dos Jogos Olímpicos de 1920 foi decidido com base nas decisões tomadas no último congresso antes da guerra (Congresso de Paris, 1914). Dentro desse programa, houve uma classificação de diferentes modalidades que seriam obrigatórias, e ao final, algumas modalidades que seriam definidas pelo comitê organizador daquela edição. Dentre as modalidades facultativas, estavam o rugby, hóquei na grama e no gelo, golfe etc, sendo que ficou decidido pelo comitê organizador a realização das disputas do rugby e do hóquei sobre a grama<sup>55</sup>.

Dentro do programa oficial, as regras seriam definidas pelas federações internacionais de cada modalidade, sendo que algumas modalidades não estão representadas dentro da

---

<sup>53</sup> País de Gales mandou seus jogos em Cardiff e Swansea, e a Nova Zelândia em Auckland, Christchurch, Dunedin e Wellington.

<sup>54</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. Séance du Comité International Olympique du 5 avril 1919. Lausanne.

<sup>55</sup> BELGIUM OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Games Antwerp 1920 - Official Report. Bruxelas.

listagem, como no caso do rugby e do hóquei sobre a grama<sup>56</sup>. Assim, a organização da modalidade ficou sob responsabilidade da Comissão do *Rugby Football* nomeada pelo Comitê Executivo dos Jogos Olímpicos; das regras serem as definidas pela *International Rugby Union*, que não aparece em outros trabalhos, podendo ser uma referência a IRFB; o formato da competição ser flexível para atender as necessidades conforme o número de inscritos para o evento; e por fim as regras serem extraídas do anuário da USFSA<sup>57</sup>.

Buchanan (1997) aponta que houve a inscrição das equipes da Tchecoslováquia e da Romênia, que retiraram suas inscrições para o evento, além da RFU ter decidido não participar, por conta de o esporte no âmbito local ter começado pouco tempo antes de poderem dar a resposta, o que inviabilizou a montagem de um selecionado com tão pouco tempo. Essa desculpa dada pela RFU em relação à falta de tempo aparenta ser apenas uma falta de interesse com os Jogos Olímpicos, já que as seleções da Grã-Bretanha disputaram o Torneio 5 Nações entre janeiro e abril de 1920, e mesmo que o calendário esportivo começasse em agosto, mês anterior ao evento, a seleção dos atletas não seria tão diferente do que já vinha sendo escolhido.

Assim, apenas os EUA e a França mandaram suas equipes para a competição, com os estadunidenses sendo representados por estudantes da Califórnia, enquanto os franceses por sua seleção nacional, que foi derrotada pela equipe dos EUA por 8 a 0. Um dos fatos curiosos dessa partida é a presença de Daniel Carroll na equipe dos EUA, pois ele já havia participado dos Jogos Olímpicos de 1908 pela Austrália, seu país natal, se tornando o primeiro atleta bicampeão olímpico no rugby (WORLD RUGBY, 2019).

### **Independência e Guerra Civil Irlandesa**

Como aponta Townshend (2002), o processo de Independência Irlandesa não é um consenso entre os historiadores, quando relacionado se esse foi ou não uma revolução. Mas, o como chamar esse processo é algo infrutífero para a discussão, enquanto as mudanças políticas, sociais e econômicas que ocorreram e como ocorreram contribuem para o entendimento do período.

Como ponto de partida, a Independência Irlandesa é um processo de luta anticolonial, com os irlandeses enfrentando uma ocupação estrangeira, nesse caso inglesa, para que possam

---

<sup>56</sup> BELGIUM OLYMPIC COMMITTEE. Olympic Games Antwerp 1920 - Official Report. Bruxelas.

<sup>57</sup> Comité exécutif de la VII<sup>me</sup> Olympiade. (1920). FOOTBALL RUGBY – Programme, Règlements, Dispositions Générales et Composition des Comités. In *Jeux Olympiques à Anvers (Belgique) en 1920 : VII<sup>me</sup> Olympiade*.

tomar o futuro de sua nação em suas mãos, e assim decidirem por conta própria. Lenin (1916) aponta como a autodeterminação dos povos, que foi defendida amplamente no Tratado de Versalhes, é apenas um discurso para os países imperialistas, que quando confrontados por populações colonizadas não as põe em prática, reprimindo as manifestações de carácter nacionalistas.

A ocupação colonial inglesa utilizava a religião como uma forma de dividir e controlar os irlandeses, dando poderes às minorias protestantes em detrimento da maioria católica. Mariátegui (1998) destaca como essa era uma questão importante para os ingleses, que falavam em uma defesa das minorias protestantes, que não seria um convívio pacífico com os católicos; mas o interesse real dos ingleses não era uma benevolência com as minorias protestantes, mas de manter seu poder internacional, e a perda de sua mais antiga colônia colocaria em risco o Império Britânico frente a seus domínios.

Um dos pontos importantes para o processo de independência da Irlanda foi a Revolta da Páscoa, em 1916, quando alguns grupos organizados proclamam a independência do país e são reprimidos pelos britânicos, com a prisão e execução dos líderes do movimento, como o socialista James Connolly. Importante frisar que a Revolta da Páscoa acontece muito por conta do alto grau de organização dos trabalhadores no período, com o crescimento dos sindicatos, que aumentou o número de greves na ilha (COQUELIN, 2017).

A Revolta, além de demonstrar força organizativa, ajudou na eleição de 1918, quando o partido republicano *Sinn Féin*<sup>58</sup> elegem maioria dos representantes irlandeses para o parlamento britânico e, no ano seguinte, em 1919, declaram a República da Irlanda. O Império Britânico se recusa a aceitar a independência dos irlandeses, o que faz começar os conflitos.

Coquelin (2017) e Kostick (2015) destacam o carácter de classe da luta pela independência e como foram importantes os atos da classe trabalhadora para seu relativo sucesso. Dentre essas ações, destaco algumas, como: a formação dos sovietes como tática, inspirados pela Revolução Russa, na qual os trabalhadores ocuparam algumas fábricas, sendo o mais conhecido o Soviete de Limerick; a recusa de funcionários das linhas férreas de transportar soldados e suprimentos dos ingleses; além das diversas manifestações.

Contudo, Beatty (2016) aponta que apesar da participação popular em todo o processo de tomada do poder, ela foi uma revolução conservadora, que trocou quem está no poder

---

<sup>58</sup> *Sinn Féin* vem do gaélico irlandês, e numa tradução livre significa "Nós Mesmos".

político, mantendo a forma social, mudando o do controle da Irlanda do Império Britânico para controle da burguesia irlandesa. "Foi uma revolução (política) sem a revolução (social)"<sup>59</sup> (BEATTY, p. 59, 2016). Assim, as questões da burguesia eram tratadas como interesses nacionais, enquanto as demandas da classe trabalhadora era divisionista, que atrapalhava a revolução.

Hart (1999) traz um balanço da composição social do *Irish Republican Army*<sup>60</sup> (IRA) durante o processo de independência. O IRA era formado por diversas facções das diferentes classes irlandesas, que buscavam se libertar da ocupação colonial. Contudo, como parte de um processo de libertação nacional, haiva um conflito interno entre a burguesia nacional e o proletariado, ao mesmo tempo que apresenta um inimigo externo, no caso o Império Britânico. Esse conflito de classes gerou alguns problemas, como em Limerick, onde alguns batalhões eram separados pela composição social, como o 1º Batalhão, formado por atletas dos clubes de rugby, enquanto o 2º Batalhão era formado por trabalhadores, na qual os membros do 1º Batalhão não queriam se misturar com trabalhadores (HART, 1999).

Outra questão envolvendo o esporte durante este processo foi o conflito entre os esportes gaélicos e os esportes britânicos. Ó Maonaigh (2016) aponta que, por conta do IRA ter tido uma composição social muito ampla, isso se refletiu nas preferências esportivas dos seus membros, mas que, a escolha pelos esportes britânicos tornava mais difícil para provar seu compromisso com a causa. Interessante notar o papel do esporte no processo colonial, que ao mesmo tempo em que gera certa empatia com o colonizador, sendo aquele que dá uma prática divertida, gera um conflito dentro dos próprios colonizados, que passam a desconfiar daqueles que jogam o esporte estrangeiro.

A Guerra de Independência da Irlanda tem seu fim em 1921, com a assinatura do tratado de paz entre britânicos e irlandeses, mas com a divisão da ilha em duas: A República da Irlanda e a Irlanda do Norte. Essa divisão por conta do tratado de paz gerou uma guerra civil entre aqueles que aceitavam o acordo firmado com os britânicos, dividindo a Irlanda em duas contra aqueles que recusavam o tratado; que levou inclusive a divisão de parte do IRA. Os conflitos duraram entre junho de 1922 e maio de 1923, com a manutenção do tratado (HAYES, 1969).

A conquista da independência política pela República da Irlanda tornou-se complexa dentro do âmbito esportivo, já que a separação entre República da Irlanda e Irlanda do Norte

---

<sup>59</sup> "It was a (political) revolution without a (social) revolution". Tradução minha.

<sup>60</sup> Exército da República da Irlanda, tradução livre.

se tornou nebulosa, pois em algumas modalidades se formaram duas seleções distintas, como no caso do futebol; enquanto em outras elas competem como uma única Irlanda, como no rugby e no hóquei sobre a grama. Nos Jogos Olímpicos, os atletas que eram oriundos da região do Ulster, predominantemente parte da Irlanda do Norte, não poderiam disputar o evento pela República da Irlanda<sup>61</sup>, já que esta região era considerada parte do Império Britânico, mesmo que uma parte da mesma fosse território da República da Irlanda.

### **Jogos Olímpicos Paris 1924**

Após os Jogos Olímpicos de 1920, houve uma sessão do COI na própria Antuérpia, que decidiu sobre alguns temas relacionados às próximas edições, como candidaturas para 1924 e questões sobre nacionalidades<sup>62</sup>. Para o rugby, a discussão mais importante foi relacionada sobre a redução das provas, pois havia uma demanda para isso, na qual o conde Baillet-Latour propôs a exclusão dos esportes facultativos, mas o conde Clary aprovou essa decisão, mas com a exceção do rugby<sup>63</sup>. Outros membros defenderam a permanência de outras modalidades e ficou decidido para serem resolvidas essas questões no congresso de 1921<sup>64</sup>. Houve também a uma questão relacionada as federações internacionais<sup>65</sup>, mas que tomou o mesmo rumo das modalidades, ficando para o congresso de 1921.

Em 1921 ocorreu o congresso de Lausanne, na Suíça, sendo o último antes dos Jogos Olímpicos de 1924. Dentre os presentes no congresso, não havia nenhum representante do rugby. O congresso se dividiu em duas comissões: uma do amadorismo e outra do programa olímpico. A comissão relacionada à discussão do programa olímpico seguiu a linha de reduzi-lo, principalmente para a redução dos custos aos países menores<sup>66</sup>. Dentro dessa comissão, houve uma sessão exclusiva a discussão sobre o rugby<sup>67</sup>:

**O presidente** (da comissão) anuncia que o rugby quer ser admitido como um esporte efetivo.

**O Conde de Baillet-Latour** observa que são necessários ao menos 6 equipes, e lembra que a Inglaterra compete por um só país, no que se refere à esse esporte.

<sup>61</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. Note officielle de la Commission Exécutive du C.I.O. tenue à Strömsborg (Stockholm) le 2 juin 1936. PROCÈS-VERBAL DES SÉANCES, 1936.

<sup>62</sup> SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p.5

<sup>63</sup> SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 9

<sup>64</sup> SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 11

<sup>65</sup> SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 15-16

<sup>66</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 6, 1921

<sup>67</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 19, 1921. Tradução minha

**Sr. Reichel** acredita que o Rugby não foi um sucesso na Antuérpia pois era uma modalidade facultativa. Se for do programa, os competidores virão.

**Sr. Seeldrayers** cita que se a Inglaterra não mandar uma equipe própria, a Escócia, o País de Gales ou a Irlanda podem enviar uma.

Ele estima que o Rugby é um grande esporte que merece figurar no programa, tanto quando o futebol.

**Sr. Rudd** acha que se países como a África do Sul e a Austrália não puderem enviar equipes à Europa, os países europeus conseguirão fazê-lo.

**Sr. Muhr** disse que a Inglaterra pode enviar uma equipe misturada (*British and Irish Lions*), como fez nos tours à Austrália.

**Sr. Kirby**, apoiado pelo Sr. Seeldrayers, propôs admitir o Rugby como um esporte definitivo. (Aprovado por grande maioria)<sup>68</sup>

Assim, ficou definido o rugby como uma modalidade oficial do programa, que se confirmou nas regras gerais dos Jogos Olímpicos<sup>69</sup>. Ainda dentro das regras gerais, existiam vários pontos que são intrigantes, como o fato de as federações internacionais serem responsáveis pelas competições de cada modalidade, como o número de concorrentes<sup>70</sup> ou até pela definição de amador de cada esporte<sup>71</sup>, o que torna o rugby mais peculiar, por não estar presente na lista de federações internacionais, deixando o questionamento de quem seria o responsável pelo rugby nos Jogos Olímpicos. No mesmo documento, mas em outra sessão (do dia 5 de junho de 1921), foi apresentado um ponto que explica a ausência da IRFB na lista de federações internacionais, sendo essa definida como<sup>72</sup>:

1° São conhecidas como Federações Internacionais as mesmas que já foram listadas na reunião do dia 4 de junho de 1921.

2° Quanto à novas federações, para serem reconhecidas, devem estar aberta a todos os países, e não apenas para certos grupos de países, raças ou classes sociais.<sup>73</sup>

---

<sup>68</sup> “**Le Président** annonce que le Rugby désire être admis comme sport effectif. **Le Comte de Baillet-Latour** remarque qu’il faut au moins 6 concurrents, et il rappelle que l’Angleterre compte pour un seul pays, en ce qui concerne ce sport. **M. Reichel** trouve que si le Rugby n’a pas eu de succès à Anvers, c’est parce qu’il s’agissait d’un sport facultatif. S’il est fixé au programme les concurrents viendront. **M. Seeldrayers** signale que si l’Angleterre proprement dite ne désigne pas une équipe, l’Ecosse, le Pays de Galles ou l’Irlande peuvent en envoyer une. . . Il estime que le Rugby est un grand sport qui mérite de figurer au programme, autant que l’Association. **M. Rudd** trouve que si des pays comme l’Afrique du Sud et l’Australie peuvent envoyer des équipes en Europe, les pays d’Europe peuvent le faire. **M. Muhr** dit que l’Angleterre peut envoyer une équipe mixte comme elle l’a fait précédemment dans son envoi d’équipe en Australie. **M. Kirby**, appuyé par M. Seeldrayers, propose d’admettre le Rugby comme sport définitif (Adopté à une grande majorité).”

<sup>69</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 24, 1921

<sup>70</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 25, 1921

<sup>71</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 22, 1921

<sup>72</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE LAUSANNE, p. 30, 1921. Tradução nossa

<sup>73</sup> “1° Sont reconnues comme Fédérations Internationales, les Fédérations Internationales dont la liste a déjà été dressée en séance du 4 juin 1921. 2° Quant aux Fédérations nouvelles, elles devront, pour être reconnues, être ouvertes à tous les pays, et non uniquement à certains groupes de pays, de races ou de classes sociales.”

Com essa definição, a IRFB ficava impossibilitada de estar na lista das federações internacionais, visto que ela era restrita às equipes do *Home Nations* (Escócia, País de Gales, Irlanda e Inglaterra), angariando novos filiados apenas em 1949.

No período entre os Jogos Olímpicos de 1920 e 1924, foi criada uma Comissão Executiva do COI, que tinha a função de deliberar algumas questões, como as pautas a serem discutidas nas próximas sessões, aprofundar estudos sobre os eventos, sobre o amadorismo, as questões de gênero no âmbito olímpico etc. Dentro destes encontros, se destaca nesse período as deliberações referentes às participações femininas, como em quais esportes que elas estavam liberadas a disputarem e sobre a mudança da nacionalidade após o casamento, na qual elas teriam que adotar a nacionalidade do marido<sup>74</sup>.

Os Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, foi o último a contar com a presença do rugby XV, e contou com a presença de três equipes: EUA, França e Romênia. A Inglaterra novamente se recusou a participar. A primeira partida foi realizada entre França e Romênia, com vitória dos donos da casa por 61-3. Na segunda rodada os romenos enfrentam os EUA, com outra derrota, desta vez por 37-0. Vale ressaltar que a equipe romena não apresentou uma preparação condizente com os Jogos Olímpicos, viajando em péssimas condições, pois os próprios atletas bancaram a os custos da participação olímpica, além de existirem apenas 240 jogadores de rugby cadastrados em toda a Romênia em 1924 (BUCHANAN, 2017, p. 13). A decisão da medalha olímpica ficou entre França e EUA, reeditando a final de 1920. A partida foi realizada no *Stade Colombes* e contou com um público de cerca de 50 mil, que esperavam a revanche francesa sobre os estadunidenses, que saíram decepcionados por conta de outra vitória dos EUA, por 17-3 (WORLD RUGBY, 2014). Após a partida, o público francês ficou claramente revoltado com o resultado, gerando distúrbios e confrontos com espectadores estadunidenses; esse clima de antipatia aos atletas dos EUA seguiu durante o restante dos Jogos Olímpicos de Paris (LLEWELLYN, 2010). Llewellyn (2010) aponta ainda que essa edição foi marcada por um forte chauvinismo, não só dos espectadores, mas entre os atletas. A ideia de “espírito olímpico” e o confronto pacífico entre países não conseguiu se sobrepuser ao patriotismo e a sua expressão de negação ao estrangeiro, além dos problemas mal resolvidos da Grande Guerra.

---

<sup>74</sup> COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. Procès Verbal - 13,14,15 Octobre 1923. Lausanne.

## Jogos Olímpicos Amsterdam 1928

Entre os Jogos Olímpicos de 1924 e 1928 houve alguns encontros do COI para decidir a edição de 1928, na qual destaco dois deles: o congresso de Praga em 1925 e a sessão de Lisboa em 1926.

O congresso de Praga (na antiga Tchecoslováquia) de 1925 foi o último antes da edição de 1928. Neste encontro houve 14 pautas, na qual a mais importante para os rumos do rugby nos Jogos Olímpicos se referia, assim como na sessão da Antuérpia em 1920, a redução do programa olímpico. Dentro os participantes do congresso, vale destacar a ausência de membros do rugby, desde clubes a federações nacionais, assim como da IRFB. Durante a sessão, o presidente do COI à época, o Conde Henri de Baillet-Latour, em sua fala inicial expôs as dificuldades e que os representantes nacionais achavam o programa olímpico muito extenso, que necessitava de uma redução<sup>75</sup>. Na sequência, o COI apresentou uma proposta de programa<sup>76</sup>, pela qual os esportes obrigatórios eram escolhidos pelo próprio COI e os facultativos pelo comitê organizador<sup>77</sup>. Edström<sup>78</sup> apontou que começou tirando as federações que não demonstraram interesse na continuação dos jogos e que a redução do programa é vital para os países menores<sup>79</sup>.

A sessão de Lisboa em 1926 houve a negociação de algumas federações internacionais com o COI para a sua manutenção dentro do programa olímpico. As federações internacionais de futebol, tênis e remo mantinham interesse, mas o COI não garantiria a permanência dos mesmos a partir de 1928<sup>80</sup>. Como resultado dessas negociações, o tênis não obteve sucesso, ficando de fora da edição de 1928 e só retornando aos Jogos Olímpicos na edição de Seul, em 1988. Já o futebol e o remo se mantiveram na edição de 1928, se ausentando apenas uma vez cada modalidade até os dias de hoje: o futebol em Los Angeles, 1932; e o remo em Roma, 1960.

---

<sup>75</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p. 24, 1925.

<sup>76</sup> Estavam inclusos: atletismo, ginástica, boxe, esgrima, luta olímpica, remo, natação, equitação, pentathlon moderno, futebol e os concursos de artes.

<sup>77</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p.33, 1925.

<sup>78</sup> Membro do COI que viria a ser presidente em 1942.

<sup>79</sup> CONGRÈS OLYMPIQUE TECHNIQUE DE PRAGUE, p. 35, 1925.

<sup>80</sup> SESSIONS DU COMITÉ INTERNATIONAL OLYMPIQUE, [s.d.], p. 12.

### **França e *la barrette***

Os anos de 1920 foram dominados pelas equipes do sul do país, sendo a principal delas o *Stade Toulousain*, com cinco títulos e um vice-campeonato no período. Além da equipe de Toulouse, *Stadoceste Tarbais* (1 título), *Perpignan* (2 títulos), *Stade Paloise* (1 título) e *Quillan* (1 título) foram campeões na década, restando as equipes parisienses apenas os vice-peonatos de 1920 (*Racing*) e 1927 (*Stade Français*). Um fator para o sucesso do rugby do sul do hexágono pode ser atrelado à força midiática do esporte nessas regiões e a popularização dentro da classe trabalhadora. Os veículos de comunicação estavam entusiasmados com o esporte, divulgando-o, como na primeira transmissão de rádio de uma partida entre *Stade Toulousain* e *Aviron Bayonnais*, pela final do nacional de 1923; ou no grande deslocamento da imprensa nacional para cobrir a partida do selecionado nacional contra os *All Blacks* em 1925 (COLLINS, 2015); além de estar presente em outros tipos de comunicação, como no cinema, na música e na literatura (BAUER; VINCENT, 2019; DINE, 2001)

O rugby estava em crescimento, com um grande apoio de empresários, que fundavam equipes em cidades pequenas e possibilitavam o crescimento dessas equipes através de um profissionalismo velado. Um desses casos é o da equipe de *Quillan*, uma cidade de aproximadamente três mil habitantes, localizada próxima à fronteira com a Espanha, que ganha o título nacional em 1929. A pequena cidade francesa tinha a fábrica de chapéus de Jean Bourrel, que via o rugby como uma boa forma de associar sua marca, e no verão de 1926 contrata sete jogadores do então vice-campeão nacional, *Perpignan*, para trabalhar na sua fábrica, o que atraiu jogadores do *Tarbes* e *Toulouse* para trabalhar na atrativa indústria de chapéus. A equipe *quillanais* tem rápidos resultados, sendo vice-campeã em 1928, perdendo a final para a *Section Paloise*, e ganhando o título de 1929, numa virada contra a equipe do *Lézignan*, com um público de mais de 20.000 mil espectadores, que acaba em conflito no campo e nas arquibancadas (COLLINS, 2015).

Os anos de 1920 também ficaram marcados para o rugby francês como um período de grande evolução de seu selecionado, que consegue grandes vitórias no Torneio 5 Nações, inclusive com triunfos jogando além do Canal.

Além do rugby jogado pelos homens, na década de 1920, houve na França um movimento de vanguarda, que foi transgressor aos padrões de gênero e das possibilidades esportivas para as mulheres. A *barrette*, uma versão local dos jogos de *football*, que se assemelhava muito com o rugby passa a ser jogado por mulheres em Paris, com a primeira

partida disputada no dia 2 abril de 1922, no *Stade Elisabeth*, que pertencia ao clube *Fémína Sport*, este um clube poliesportivo exclusivo para mulheres. A médica Marie Houdré, que além de participar da primeira exibição, também foi uma entusiasta da modalidade, recomendado como uma nova possibilidade esportiva para as mulheres, principalmente para as jovens, já que necessitava de resistência e espírito de equipe, e além de ajudar nas qualidades necessárias para a maternidade. A *Fédération Féminine Sportives des France*<sup>81</sup> (FFSF), sobre a liderança de Alice Milliat, apoia o esporte, como uma importante ferramenta para a emancipação feminina (FURSE, 2019).

Interessante notar o fato de Marie Houdré ter em seu discurso o mesmo argumento que os higienistas mantinham sobre a mulher, que suas práticas esportivas devem ser sempre voltadas para a maternidade. Esse mesmo discurso é a justificativa que leva a proibição ou o não aconselhamento de esportes que viessem “masculinizar” as mulheres, já que é uma condição tida como natural o seu destino e responsabilidade de ser mãe.

### **Crise de 1929**

Após a Primeira Guerra, os EUA já se tornaram a maior economia do mundo, configurando-se como o país central na dinâmica capitalista e necessário para a compreensão mais ampla dos acontecimentos ao redor do globo. Assim, a década de 1920 foi um período memorável nos EUA, que saiu de uma economia pungente para uma crise que parecia interminável.

A economia estadunidense estava em crescimento, assim como a produção e o desemprego em baixa; contudo, a desigualdade também era grande e os salários não subiam como a economia, mas os preços eram estáveis, que garantia um pouco de segurança aos trabalhadores. As empresas viam na bolsa de valores uma nova forma de conseguir aumentar a produção e, conseqüentemente, seu capital; por outro lado, um novo mercado também se abriu, no qual as ações são negociadas, que possibilitou (e possibilita até hoje) o enriquecimento de indivíduos e empresas que estavam nesse ramo.

Existem dois pontos que ajudaram muito a quebra da bolsa: o primeiro é a alavancagem e o segundo a ideologia. A alavancagem é um processo na qual as empresas que negociam as ações (*holdings*) compram suas próprias mercadorias (no caso ações), dando uma falsa sensação de crescimento da bolsa, que gera um *boom* no mercado, incentivando a

---

<sup>81</sup> Federação Esportiva Feminina da França, tradução minha.

negociação de ações; em contrapartida, esse crescimento das empresas que estão sendo negociadas não se materializa na produção, já que ela é limitada ao quanto pode se negociar de mercadoria, e o retorno ao investidor não acontece; quebrando as *holdings* e investidores. A ideologia falava (e continua até hoje) que ser rico é importante, que faz as pessoas serem melhores etc., o que fez ter uma vontade geral das pessoas ficarem ricas de forma rápida, sem esforços, e a bolsa de valores era esse lugar. Para isso, houve um grande processo de propaganda, que incentivou as pessoas a se arrisquem na bolsa, numa espécie de jogador, que deve se arriscar para conseguir; mas sem contar que para alguém ganhar, muitos têm que perder. A ideia de “arrisque tudo” fez as empresas, bancos e pessoas a emprestarem dinheiro para investir e continuar esse crescimento artificial, mas no momento que o crescimento cessou e a conta veio, muita gente quebrou.

Em 24 de outubro de 1929, foi o dia da quebra da bolsa, que teve ações vendidas a centavos, com todos querendo vender, e apesar dos esforços dos bancos de tentarem crescer artificialmente a bolsa, suas ações foram falhas e não salvaram da crise. Após o craque, houve uma série de investigações, e foi percebido que existia muita corrupção dentro das *holdings*, como lavagem de dinheiro e sonegação de imposto etc. (GALBRAITH; NAYFELD, 1972).

### **2.3. Fascismo e Nazismo**

Dentre os principais movimentos que ocorrem durante o período entre guerras, o fascismo foi um dos que tiveram maior proliferação, sendo visto em quase todo o mundo, e que conseguiu alcançar o poder em muitos países. Ele se origina na Itália, logo após o fim da I Grande Guerra, quando Benedito Mussolini organiza sindicatos de soldados que lutaram no *front*, com um programa ultra-chauvinista e ultranacionalista, de origem pequeno-burguesa e pretensamente radical, que rapidamente abandona seu discurso contra o capital para ser uma ferramenta contra os trabalhadores (PACHUKANIS, 2020).

Definir o que é o fascismo é uma tarefa difícil, tanto para aqueles que foram contemporâneos como aqueles que vieram depois, contudo, vale destacar algumas de suas características, tanto aquelas mais aparentes como as mais interiores e como se deu seu desenvolvimento histórico dentro do entre guerras. Além disso, demonstrar como ele se ligou com o esporte, tanto nos Jogos Olímpicos, como no rugby.

Como ponto de partida para a compreensão desse fenômeno, não se pode tratar o fascismo como uma abominação dentro da história civilização ocidental, muito menos como

uma resposta ao bolchevismo, mas como uma forma dentro da lógica colonial e imperialista, como parte integrante dessa história (FRESU, 2019).

Césaire (2020) aponta como o colonialismo levou aos povos não ocidentais (África, Ásia, Américas e Oceania) a barbárie, com um banho de sangue, onde os europeus, em nome da civilização, tinham o direito de explorar e subjugar esses povos ditos inferiores; e que para efetuar tal projeto colonial, desumanizava os colonos, que poderiam ser descartados, que deveriam servir à metrópole. O autor martinicano aponta ainda como a ideia de progresso levado pelos colonizadores, como aumento da produção, da construção de estradas e portos etc., não foram para os colonizados, mas para extrair desses lugares tudo o que fosse possível para levar às metrópoles, que esse progresso não dialogava com aqueles que ali habitavam, deixando aos povos colonizados apenas a violência.

Losurdo (2005) corrobora com Césaire, ao apontar que o colonialismo foi (e segue sendo) sustentado pelo liberalismo, na qual o pensamento liberal deu uma racionalidade para a exploração nas colônias, principalmente ao apontar como parte da intelectualidade dessa corrente de pensamento defendia a liberdade do senhor de escravos manter sua propriedade, que no caso eram as pessoas escravizadas, e violar a propriedade era acabar com essa liberdade; ou como a abolição da escravidão era tratada por muitos como uma necessidade para o progresso, como um mal necessário que deveria ser mantido.

Tanto Césaire quanto Losurdo trazem contribuições para compreender que, dentro do desenvolvimento histórico recentes ao fascismo, inclusive contemporâneos, a violência, a barbárie etc., não foram exceções, mas a regra no mundo todo, onde a maior parte do mundo estava sob o julgo colonial.

O desenvolvimento do fascismo está diretamente ligado à crise do capital que culminou logo após o fim da I Grande Guerra. Na Itália, o Tratado de Versalhes não obteve nenhum resultado positivo, já que os italianos imaginavam que teriam algumas das colônias alemãs, que foram divididas entre as outras potências; o que ajudou na agitação fascista, que fazia uma crítica ao pacifismo e subordinação do governo italiano à França e Grã-Bretanha (PACHUKANIS, 2020). Além dessa avidez imperialista, a guerra deixou um grande estrago para a classe trabalhadora, empobreceu e proletarizou as camadas médias, junto com uma horda de ex-oficiais, que ficaram desempregados com o fim da guerra, além da guerra não ter conseguido cumprir com os objetivos prometidos para os trabalhadores (ZETKIN, 1923).

Como resultado dessa convulsão social, a Itália teve uma grande greve dos trabalhadores metalúrgicos em 1920, inclusive com a tomada de algumas fábricas, além da

tomada de portos, essenciais para o comércio italiano<sup>82</sup>. A burguesia italiana, temendo a revolução proletária, se apoiou em qualquer um que pudesse lhes garantir a propriedade, ajudando os fascistas a combater os sindicatos socialistas (PACHUKANIS, 2020).

Tanto Zetkin (1923) quanto Pachukanis (2020) apontam como uma das principais características do movimento fascista como uma punição da burguesia sobre o proletariado, por esse não conseguir levar adiante a revolução mundial. Além disso, o fascismo foi um movimento de massas, que as organizou, ao mesmo tempo que puniu estas em favorecimento do grande capital. Outro ponto importante foi o uso da violência para coibir e eliminar seus opositores, que fica mais claro após a tomada do poder 1922, que apesar de terem os aparatos de repressão do Estado, eles mantiveram suas milícias, sendo inclusive amparadas pela legalidade. Além de ser contra os trabalhadores, o fascismo via no movimento operário uma importante base para sua manutenção no poder, e que via na sua organização autônoma como um perigo ao regime, tendo como resposta a dissolução de todos os sindicatos não comandados pelos fascistas em 1926.

Pachukanis (2020) aponta que:

Em geral, o regime fascista pode ser definido como a ditadura da grande burguesia, levada a cabo não com a ajuda de meios sutis da mecânica eleitoral, não por meio da alternância entre diferentes partidos, plataformas e camarilhas políticas, mas pelo domínio aberto e direto de um único partido político, apoiado diretamente na força armada. O papel decisivo na vida e nas questões locais do Estado pertence ao partido fascista.

Juntamente com a ditadura aberta da burguesia, o partido fascista se organizava de cima para baixo, onde o líder, no caso Benito Mussolini, impunha seu poder sobre os outros. Isso fica bem marcado quando ele acaba com o parlamento em 1925.

A tomada do poder pelos fascistas na Itália tem uma forte influência no esporte do país, sendo o rugby uma das modalidades favorecidas. O partido fascista organizou os esportes e a educação física, tidos como importantes ferramentas para o desenvolvimento da juventude, além de ser tratado como uma importante ferramenta política e moral (TEJA, 2013). Além de organizar a educação física, passaram a controlar as organizações esportivas, incluindo o Comitê Olímpico Nacional Italiano, assim como muitos dirigentes e presidentes de clubes eram membros do partido.

---

<sup>82</sup> A União dos Marinheiros e Trabalhadores das Docas, numa de suas ações, impediu o embarque de armas para serem usadas contra a Rússia Soviética, que lutava a Guerra Civil (PACHUKANIS, 2020).

No processo de organização do esporte e do aparelhamento com o partido fascista, o esporte serviu como propaganda, tanto na política interna, como uma forma de demonstrar uma coesão nacional, junto com uma superioridade racial italiana frente aos outros países, além de criar um 'corpo italiano', que estaria preparado para possíveis conflitos contra forças estrangeiras; assim como na política externa, onde através do esporte conseguia desenvolver relações diplomáticas com outros países, que não seriam tão fáceis através de outros métodos, como na Copa do Mundo de Futebol de 1934 e nas competições de ciclismo, como o *Tour Milão-Turim-Nice* (TEJA, 2013).

Favero (2007) aponta que o rugby teve uma importante participação na internacionalização do movimento fascista italiano para a França, principalmente nos anos de 1930, através de italianos que moravam no país vizinho, no qual o partido fascista ajudava a organizar estes em clubes voltados para seus compatriotas. Apesar de não ter sido a principal modalidade esportiva dos italianos, ficando atrás do futebol e do ciclismo, o rugby exerceu um papel de disputa contra hegemônica pelos fascistas, que obteve seu ápice na formação da FIRA, mesmo que essa posição fosse de construir uma nova federação internacional aos moldes daquela já existente. No âmbito interno, o rugby italiano teve um processo de nacionalização durante o regime fascista, sendo marcada principalmente pela criação de uma competição nacional de rugby no final da década de 1920.

O movimento fascista conseguiu um certo desenvolvimento na Grã-Bretanha, apesar de não ter conquistado o poder. Seu crescimento ocorreu principalmente na década de 1930, com o *British Union of Fascists* (BUF), que agrupou alguns pequenos grupos fascistas e o *New Party*, sendo Oswald Mosley a principal liderança. Dentro do discurso nacionalista, imperialista e anticomunista, o BUF também era antissemita, o que aproximava bastante do movimento nazista alemão. Vale ressaltar que o fascismo contava com certo prestígio dentro da Grã-Bretanha, sendo que Winston Churchill tinha profunda admiração por Mussolini, que só cessou após a invasão da Etiópia pelos italianos (BERTONHA, 2002).

Os fascistas britânicos viam os esportes como uma importante ferramenta para o fortalecimento da raça britânica, para desenvolver os corpos, combater o que tratavam como feminilização dos homens, além de criticarem veementemente a ideia de espectador, para que deixassem de assistir e começassem a jogar e incentivarem a ideia de viver como atletas, com disciplina e cuidados para o fortalecimento moral (COLLINS, 1999; SPURR, 2003). Dentre os esportes, o rugby era um daqueles que tinham grande apreço pelo BUF, tendo inclusive atletas que participaram do movimento, como Peter Howard, capitão da Universidade de

Oxford e da seleção inglesa (COLLINS, 1999). Das características do rugby, o confronto, o jogo coletivo, a tensão física eram valorizadas, sendo inclusive publicadas como jogar na revista *Action*, direcionada para propagandar a BUF. A cristandade muscular e os ideais do amadorismo eram tidos pelos fascistas britânicos como importantes paradigmas a serem resgatados e defendidos para a preservação da suposta superioridade britânica (SPURR, 2003).

Nos domínios britânicos, assim como na metrópole, os movimentos fascistas não tiveram uma aderência massiva entre os anglo-saxões, mas foram mais profícuos naquelas populações subalternas, como os *afrikaners* na África do Sul, imigrantes italianos e alemães na Austrália e Nova Zelândia, e os de origem francesa na região do Quebec no Canadá (BERTONHA, 2002). Vale destacar o caso dos sul-africanos, que tinham alguns movimentos pró-Alemanha, principalmente entre os *afrikaners*, que viam o não combate aos nazistas como uma forma de se livrar da dependência britânica, além de se ligarem ao movimento nazifascista europeu através do anti-semitismo e anticomunismo, com forte ligação aos movimentos conservadores, como o *National Party* e o *Afrikaner Broederbond*<sup>83</sup>; enquanto existia um movimento antifascista, liderados principalmente pelo *Communist Party of South Africa* e o *African National Congress*, que viam no combate ao fascismo uma forma de combater o regime de segregação já existente dentro da África do Sul, sendo que o primeiro visava a construção da revolução socialista, enquanto o segundo seguia a linha reformista (FURLONG, 1997). Apesar da África do Sul participar da guerra ao lado dos Aliados, ambos partidos antifascistas não conseguem acabar com o regime de segregação já existente, que se intensifica com a implementação da política do *apartheid* em 1948, que se estendeu até a década de 1990.

Apesar de não ser um movimento abertamente fascista, os movimentos como o *Broederbond* tinham muitas das suas características, como a centralidade da raça atrelada a perpetuação da lógica colonial; se propunha a romper com a ser anti-sistêmico, mas que intensifica o mesmo; fortemente anticomunista; com grande influência das camadas médias. Para os *afrikaners*, o rugby cumpria papel fundamental na construção de seu nacionalismo, por ser um local que podiam confrontar os britânicos de forma justa; principalmente após a perda da Guerra Anglo-Bôer. Vale ressaltar que a própria guerra, junto com os campos de

---

<sup>83</sup> O *Afrikaner Broederbond* foi um grupo exclusivamente *afrikaner*, que defendia o nacionalismo *afrikaner*, que teve grande influência política, sendo importante inclusive dentro do rugby, por gerir diversas organizações e clubes.

concentração promovidos pelos britânicos, ajudou a difundir o rugby entre os *afrikaners*, onde muitos dos prisioneiros tiveram seus primeiros contatos com o esporte e que levaram consigo após o fim da guerra, sendo que essa popularização e crescimento do rugby entre os *afrikaners* se intensificou com a urbanização desses na década de 1920 (ALLEN,2003). Assim, o rugby cumpria a função de organizar o nacionalismo *afrikaner*, mostrando o lugar que estavam na hierarquia racial, isto é, em igualdade aos britânicos e europeus, ao mesmo tempo em que lhes dava uma perspectiva do que queriam como sociedade, onde os não-brancos fossem totalmente excluídos; o que torna a relação entre muitos dos membros da *Broederbond* terem sido dirigentes de federações de rugby pela África do Sul e políticos durante a *apartheid* algo não contraditório, mas uma relação dialética do esporte com a sociedade sul-africana.

Na Alemanha, o processo de crescimento do fascismo se assemelha muito com o ocorrido na Itália. Durante a I Grande Guerra, o Império Alemão, através da imprensa, omitiu o andamento da guerra, sempre dando a entender que ela estava a ser vencida para a população, enquanto que, o SPD, que anteriormente a guerra se declarava contrário ao confronto inter-imperialista, muda após o início dos embates, gerando um racha dentro do partido, de onde sai os Independentes e a Liga Spartakista, essa última que viria a romper com os Independentes em dezembro de 1918 e formar o Partido Comunista Alemão (KPD). Com o prolongamento da guerra, a piora das condições de vida dos alemães, algumas greves de trabalhadores e o medo da Revolução Bolchevique, o Império Alemão passa para o parlamento, liderado pelo SPD, o controle do Estado, que fica com a responsabilidade de negociar a paz, ao mesmo tempo que deveria controlar a ordem interna. Em novembro de 1918, ocorre um grande levante revolucionário, com a criação de conselhos de trabalhadores, aos moldes dos soviets russos, e que o SPD, ao invés de se apoiar a luta dos trabalhadores e rumar ao socialismo de conselho, eles se aliam a burguesia e aos liberais, e apoiam uma ofensiva contra os insurgentes revolucionários, que culmina no assassinato das principais lideranças, como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, em janeiro de 1919 (LOUREIRO, 2020)<sup>84</sup>.

Assim, o período que começa com a entrega do trono em novembro de 1918, onde se proclama a República, até janeiro de 1933, quando os nazistas passam a controlar o poder na

---

<sup>84</sup> Apesar da minha simplificação do processo revolucionário alemão, o ponto aqui não é apresentar a fundo como ele se deu, mas como sua não-concretização abriu espaço para o surgimento de movimentos fascistas.

Alemanha, é conhecido como República de Weimar<sup>85</sup>. Ao mesmo tempo, ela teve que resolver os problemas referentes a rendição da Grande Guerra, com os termos do Tratado de Versalhes, que lhes tiravam colônias e parte dos territórios, perdia grande parte da soberania nacional, além de ter que arcar financeiramente com indenização de guerra. Internamente, a Alemanha teve que arcar com uma crise financeira proveniente da guerra, além da existência de milícias de ex-combatentes do exército imperial, mas que recebia vista grossa pelo SPD no combate aos revolucionários (ALMEIDA,1982).

Entre 1924 e 1929, o país passa por uma estabilização financeira, por conta de um grande fluxo de capitais oriundos dos EUA, sendo também o período que o SPD saiu da presidência, sendo eleito em 1925 o general Paul von Hindenburg, que era representante direto da burguesia, mas sempre sendo uma força importante dentro da política institucional. Essa estabilização deixou a economia voltada praticamente exclusiva para as exportações, o que deixou o país dependente da bolsa, e que, com o *crash* de 1929, voltou a uma nova crise, com aumento da inflação e do desemprego. Para conter a crise, o governo alemão passou para a classe trabalhadora os percalços, aumentando as jornadas, diminuindo as assistências sociais etc. Entre 1930 e 1933 houve um crescimento do Partido Nazista pela via eleitoral, que já ocorria nos anos de 1920, e que culmina com a nomeação de Adolf Hitler como chanceler em 1933, que acabou com a dissolução e perseguição da oposição, principalmente do KPD, passando todo o poder à Hitler (ALMEIDA, 1982). Korsch (1940) aponta que o nazismo foi juridicamente legalista, e que todas as suas manobras foram feitas dentro da constituição alemã, desde as perseguições até a centralização do poder, e como o fascismo alemão, assim como o italiano, funcionaram como uma contrarrevolução preventiva.

No pós I Guerra Mundial, a Alemanha foi excluída do esporte internacional, como responsável pelos males da guerra, com sua participação nos Jogos Olímpicos permitida somente em 1928. Contudo, já havia uma organização esportiva consolidada no país, desde as organizações esportiva burguesa tradicionais, ligadas ao COI, até organizações voltadas aos trabalhadores<sup>86</sup>, assim como no esporte universitário, além de que já havia um desenvolvimento científico voltado ao esporte, que pode ser notada com o resultado nos Jogos

---

<sup>85</sup> Possui esse nome por conta da assinatura da constituição alemã ter sido assinada na cidade de Weimar.

<sup>86</sup> Durante esse período havia um forte movimento esportivo dos trabalhadores, que pensava uma superação da lógica esportiva burguesa. Como um dos pontos importantes desse movimento, se destaca a Olimpíadas dos Trabalhadores, com três edições: 1925, em Frankfurt, Alemanha; 1931, em Viena, Áustria; e 1937, na Antuérpia, Bélgica.

Olímpicos de 1928, quando o país ficou em segundo lugar na classificação geral (KRÜGER, 1998).

A crise de 1929 diminuiu incentivo com a educação física, o que tornou parte dos professores apoiadores de primeira hora do nazismo, e com a tomada do poder pelos nazistas, além do esporte ter passado por um processo semelhante ao que ocorreu na Itália, com uma centralização das organizações, houve um incentivo para o desenvolvimento físico da população, voltado inclusive para os interesses militares, que tinham sido suspensos pelo Tratado de Versalhes. Assim, o esporte também era um espaço de disseminação ideológica, criava um sentido de coletividade, voltado principalmente para a juventude (KRÜGER, 1998).

Bolz (2012) aponta em seu trabalho, como o período foi marcado pela construção de estruturas esportivas em toda Europa, por conta das demandas sociais por espaços de lazer, focando na Itália, Alemanha e Inglaterra. Vale destacar a construção de arenas esportivas pelos fascistas italianos, que ajudaram a levar os partidos para diversas regiões do país e para as arenas esportivas que os nazistas alemães construíram para os Jogos Olímpicos de 1936, tanto a edição de inverno, em Garmisch-Partenkirchen, como na de verão, em Berlim.

Krüger (1998) ainda aponta como que o esporte foi uma importante ferramenta para os nazistas na sua propaganda internacional e, principalmente, uma ferramenta de diplomacia. Isso pode ser visto não só na realização dos Jogos Olímpicos no país, mas nas partidas contra seleções estrangeiras, principalmente com a França, que foi o país com mais confrontos durante o governo nazista.

O rugby também teve sua função durante esse período, na qual a seleção alemã disputou 8 partidas contra os franceses, com sete vitórias para a França e uma para a Alemanha, sendo que nesse período os franceses tinham sido expulsos do Torneio 5 Nações, e que as seleções britânicas, assim como seus domínios, só jogavam entre si. Assim, alemães e franceses se limitavam a partidas entre si, e contra outros europeus, como Itália e Romênia, situação que trilhou caminho para a formação da FIRA.

É importante destacar que, tanto o nazismo quanto o fascismo italiano, assim como os movimentos fascistas em outros lugares do mundo, viam o esporte como uma ferramenta política para propagandear suas ideias, controlar internamente suas populações e impor seu modo de vida. Isso não se difere muito do que Pierre de Coubertin via da função dos Jogos Olímpicos, de seu papel “civilizador”, sendo que o ex-presidente do COI manteve relações de

admiração mútua com os nazistas (BROHM, 2008); tal qual os britânicos utilizaram durante a colonização na África do Sul e Nova Zelândia.

Por fim, o nazismo não foi um movimento que surgiu trazendo algo novo ao seu tempo, mas que organizou de forma reacionária as contradições ali presentes, se aproveitando da incapacidade da esquerda de tomar as rédeas da revolução. Além disso, a questão da discriminação racial, hierarquizando-as, não era algo exclusivo dos nazistas, mas algo comum na Europa e EUA, assim como nas colônias, sendo que o período é marcado pela dissiminação das ideias eugenistas (GOELLNER, 2008). Losurdo (2004) aponta ainda que, a principal inspiração dos nazistas eram os EUA, que era um Estado racial, que deveria ser copiado a realidade alemã; que a marcha para o Oeste feita pelos EUA deveria ser realizada pelos alemães, mas indo aos Leste, em direção à URSS; que durante a II Guerra Mundial, a “solução final” para o extermínio aos judeus já havia sido publicada anteriormente nos EUA, mas visando os negros; que os estadunidenses já teriam usado campos de concentração na Filipinas, durante a colonização. Além da comparação com o país norte-americano, os nazistas e seus ideólogos viam com bons olhos a África do Sul, que antes da *apartheid* já tinha uma política clara de segregação racial, e defendiam a manutenção do poder entre os brancos, contra o perigo dos negros (LOSURDO, 2004).

#### **2.4. *Springboks vs All Blacks: raça e rugby***

Logo após a Grande Guerra na Europa e o processo de desmobilização das tropas sob custódia do Império Britânico, que culmina na realização da *King's Cup*, sul-africanos e neozelandeses começam a desenvolver uma grande rivalidade dentro do esporte, que já teria seu primeiro encontro marcado para ocorrer ainda em 1919, como uma pausa dos neozelandeses durante seu retorno ao arquipélago. O *tour* do serviço neozelandês à África do Sul é marcado dois dias após o confronto entre as equipes pela *King's Cup*, através do contato da *South African Rugby Board* (SARB) com William Schreiner, que era na época o alto comissário da África do Sul em Londres, além de ser ex-presidente da SARB (COLLINS, 2015).

Assim, em julho de 1919, o serviço neozelandês desembarca na África do Sul para realizar o *tour*, realizando 15 partidas, com 11 vitórias, 1 empate e 3 derrotas. Mas, o mais importante para a realização do *tour* foi a condição imposta pelos sul-africanos, que exigiam a

retirada dos atletas *māori*, pois isso causaria um mal-estar político<sup>87</sup>. Os neozelandeses aceitam a condição, excluindo aqueles que eram tidos como os melhores jogadores da equipe: o capitão 'Ranji' Nelson, que não era *māori*, mas tinha a cor da pele escura por sua descendência indiana; e Parekura Tureia, que era *māori* (COLLINS, 2015).

Dois anos após o serviço neozelandês passar pela África do Sul, era a vez dos neozelandeses visitarem *Aoteaora*<sup>88</sup>, dessa vez com os *Springboks*. Segundo Buckley (1996), a visita dos sul-africanos não apresentou nenhuma objeção inicial para jogos contra atletas *māoris*, com uma partida marcada contra os *New Zealand māoris XV*, um selecionado neozelandês composto exclusivamente por *māoris*<sup>89</sup>.

Antes da partida entre *Springboks* e *Māoris XV*, os sul-africanos já tinham disputados alguns jogos contra equipes não-brancas, inclusive com árbitros *māori*, sem que ocorresse nenhum problema. Dentre essas partidas, houve inclusive dois *tests matchs* entre as duas seleções, com uma vitória para cada. Na partida do dia 7 de setembro de 1921, os neozelandeses perderam por 9 a 8 para os *Springboks*, num *try* ao final do jogo, num erro do árbitro, que incomodou jogadores e torcedores, mas que foi aceito de forma esportiva pela equipe. Contudo, não foi assim que foi visto por Charles Blackett, correspondente sul-africano que acompanhava o *tour*, que envia um cabograma<sup>90</sup> para um jornal de seu país, contando sua versão do jogo, mas que é copiado por um empregado do serviço postal e publicado no *Napier Daily Telegraph*, que continha a seguinte mensagem (DAILY TELEGRAPH, 9 de setembro de 1921 apud BUCKLEY, 1996, p. 19):

Foi a mais infortuna partida jamais jogada. O único resultado foi uma grande pressão exercida por (Harold) Bennett que os induziu a conhecer os *māoris*, que ajudaram em grande parte no entretenimento dos *Springboks*. Já era ruim o suficiente jogar contra um time oficialmente designado 'Nativos da Nova Zelândia', mas o espetáculo de milhares de europeus torcendo freneticamente por um bando de homens de cor a derrotar membros de sua própria raça foi demais para os *Springboks*, que estavam francamente enojados. Isso não foi o pior. A torcida foi a maior experiência antidesportiva presenciada no *tour*, especialmente um setor que perdeu todo o controle dos seus sentimentos...<sup>91</sup>

<sup>87</sup> Collins, 2015 apud SARB minutes in Van der Merwe, Race and South African Rugby

<sup>88</sup> Nome em *māori* para Nova Zelândia.

<sup>89</sup> Atualmente essa equipe é chamada de *Māori All Blacks*, que inclusive realizou uma partida contra a Seleção Brasileira de Rugby em 2018, com vitória dos neozelandeses por 35 a 3.

<sup>90</sup> Cabograma é um telegrama enviado por cabos.

<sup>91</sup> "This was the most unfortunate match ever played. Only result great pressure being brought to bear on [Harold] Bennett induced them to meet the *māoris*, who had assisted largely in the entertainment of the *Springboks*. It was bad enough having to play a team officially designated 'New Zealand Natives', but the

A imprensa neozelandesa ficou indignada com a mensagem enviada por Blackett, mas não por ser racista de diferentes formas, mas por igualar *māoris* aos negros africanos (BUCKLEY, 1996). Contudo, a NZRFU cedeu a pressão exercida pelo técnico da equipe sul-africana, Harold Bennett, para não incluir atletas *māoris* na última partida entre as duas seleções. Além disso, os neozelandeses convocaram Karl Ifwersen, que já havia sido capitão da seleção neozelandesa de *rugby league*, que impediria ele de jogar o *rugby union*, por conta das regras referentes ao amadorismo, mas que não trouxe a vitória aos *All Blacks*, já que o jogo terminou num 0 a 0 (COLLINS, 2015).

O período entre guerras no rugby da África do Sul é de algumas mudanças na política, principalmente quanto aos objetivos dos *afrikaners* dentro do esporte. A passagem da guerra Anglo-Bôer, onde os *afrikaners* foram derrotados pelos britânicos, com muitas pessoas, principalmente mulheres e crianças, indo à campos de concentração, tornou o rugby um lugar de uma disputa em igualdade com os ingleses e que ajudou a desenvolver um sentido de nação aos *afrikaners* (ALLEN, 2014). A mudança do sentido dado ao rugby entre os *afrikaners* nesse período passa do enfrentamento aos ingleses para a afirmação de um nacionalismo.

Grundlingh (1994) aponta o caráter colonialista dos *afrikaners*, onde sua longa caminhada a procura de novas terras, os *voortrekker*, era visto como heroica, que buscavam conquistar as terras bárbaras, levando a civilização. Assim, eles viam o rugby como a ferramenta ideológica perfeita para representar essas conquistas, pois é um esporte coletivo, que necessita de resistência, velocidade, força e coragem, características tidas como necessárias para a colonização; mas que eram também diferentes daquelas desejadas pelos britânicos, como o cavalheirismo e o *fair play*.

Esse processo de crescimento do rugby não pode ser separado das mudanças nas condições de vida dos *afrikaners*, como a transferência dessas populações do meio rural para o urbano; a entrada do rugby dentro do sistema educacional, como o desenvolvimento de universidades boêres, que utilizavam a língua *afrikaner*; além dos espaços de lazer nos bairros dessa população terem espaços com grama, diferente dos bairros negros ou *coloreds*<sup>92</sup>, na qual

---

spectacle of thousands of Europeans frantically cheering on a band of coloured men to defeat members of their own race was too much for the Springboks, who were frankly disgusted.

This was not the worst. The crowd was [the] most unsportsmanlike experienced on the tour, especially [a] section who lost all control of their feelings ...". Tradução minha

<sup>92</sup> As populações *coloreds* são aquelas miscigenadas entre as diferentes etnias presentes na África do Sul.

os campos eram sem grama, que dificultava a prática do rugby por estes, já que fica muito mais perigosas as quedas exigidas no esporte, (GRUNDLINGH, 1994; COLLINS, 2015).

Vale ressaltar, que apesar das dificuldades encontradas pelos negros e *coloreds* para a prática do rugby, eles desenvolveram o esporte no país, apesar de praticarem a margem do rugby tido como oficial (ligado à SARB). Nauright (1997) traz em seu trabalho como se desenvolveu o rugby entre as populações *coloreds* na Cidade do Cabo, como se formaram duas uniões ainda no século XIX<sup>93</sup>. O autor ainda aponta como o rugby estava envolvido dentro dessa população, como a participação das mulheres dentro dos círculos dos clubes (que pouco se diferenciava das equipes brancas), da relação com a criminalidade e como os conflitos entre as equipes das diferentes uniões eram mais entre as próprias uniões do que entre os atletas, que conviviam juntos, como no trabalho etc.

Em 1924, o *British Isles Team*, que viria a ser os *British and Irish Lions* depois da II Guerra, realiza um *tour* para a África do Sul, onde são realizadas quatro partidas contra o selecionado nacional, com três vitórias dos *Springboks* e um empate. No mesmo ano, os *All Blacks* realizam o *tour* que ficou conhecido como 'Os Invencíveis'. Os neozelandeses vão ao hemisfério norte, jogando na Grã-Bretanha, Irlanda, França e Canadá, onde realizaram 38 partidas, entre setembro de 1924 e fevereiro de 1925, vencendo 34 e empatando quatro; além de ter vencido os quatro *test matches* (Irlanda, País de Gales, Inglaterra e França).

A vitória dos *Springboks* sobre os britânicos e os 'Invencíveis' neozelandeses tornaram o *tour* dos *All Blacks* para a África do Sul muito mais atraente esportivamente, sendo provavelmente as duas melhores equipes do mundo a época. Contudo, as tensões raciais envolvidas na relação entre os dois países se mantinham, e assim como em 1919, os sul-africanos exigiram que a equipe neozelandesa não incluísse *māori* no *tour*. A NZRFU acatou a decisão, deixando os *māori* inelegíveis para convocação para jogos na África do Sul, com atletas importantes, como George Nepia, que jogou todos os jogos do *tour* dos 'Invencíveis', de fora. Os neozelandeses chegaram em meio às tensões raciais dentro da África do Sul, sendo que no dia da chegada, 30 de maio de 1928, ocorria a 'revolta das bandeiras', onde os *afrikaners* astearam a bandeira da União Sul Africana no parlamento, enquanto os negros sul-africanos, alegando isso sem um símbolo da opressão dos *afrikaners* sobre os mesmos derrubavam e carregavam bandeiras britânicas (BUCKLEY, 1996, p. 44). Em meio a esse

---

<sup>93</sup> Em 1886 se formou a *Western Province Coloured Rugby Union* e em 1896 a *City and Suburban Rugby Union*. A principal diferença entre elas é que a *City and Suburban Rugby Union* não aceitava muçulmanos até 1960

clima, os *All Blacks* jogaram 23 jogos durante o *tour*, com 17 vitórias, cinco derrotas e um empate, sendo quatro partidas contra os *Springboks*, com duas vitórias para cada.

Segundo Buckley (1996), a decisão dos neozelandeses de aceitarem a imposição dos sul-africanos era vista pela imprensa branca como uma forma de manter a boa relação dentro do império, onde era mais importante a coesão imperial do que uma boa relação interna. Contudo, isso gerou um problema interno grande, onde os clubes e associações *māoris* pediram o cancelamento do *tour*, mas que a NZRFU tratou como impossível, por conta dos investimentos feitos para que fosse realizado.

A década de 1930 começa com o *British Isles Team* realizando um *tour* pela Oceania, jogando na Nova Zelândia e Austrália. O confronto entre britânicos e neozelandeses é marcado por conta de ser a primeira vez que os *All Blacks* jogam de camisas brancas, pois a equipe britânica levou camisas azul marinho, que dificultava a diferenciação com as camisas pretas. Além dessa questão cosmética, o confronto manteve a discordância em questão das regras, já que os britânicos discordavam da interpretação dos neozelandeses referente à formação do *scrum*, que já teria ocorrido nos outros confrontos entre as equipes (PALENSKI, 2015). O treinador do *British Isles Team*, James Baxter, era o presidente da RFU, que ajuda a compreender sua intransigência com a interpretação das regras, principalmente vindo dos domínios, que não tinham nenhum poder sobre a mesma. Os britânicos jogaram 29 partidas durante o *tour*, ganhando 21 e perdendo oito, sendo que foram quatro contra os *All Blacks* (1 vitória e três derrotas) e um contra os *Wallabies* (uma derrota).

Já em 1931, o governo britânico assina o Estatuto de Westminster, que tirava a interferência direta do parlamento britânico sobre seus domínios, dando independência política para esses (UNITED KINGDOM, 1931). Importante ressaltar que esse estatuto se referia somente para os domínios brancos (Austrália, Nova Zelândia, Canadá, África do Sul e República da Irlanda), mantendo muitas outras em todo o resto do mundo, como Uganda, Jamaica, Fiji e Índia. Para a Irlanda, esse estatuto tinha pouca importância, já que o tratado assinado em 1921 já lhes concedia a independência política.

Ao mesmo tempo que se obtinha a autonomia política na esfera internacional, no rugby isso não era visto, já que federações dos domínios seguiam sob a tutela da RFU, que praticamente ditava sozinha as regras, não permitindo essas serem membros da IRFB. Assim, os ingleses impunham um modelo que supostamente servia aos britânicos para todo o mundo, como na questão do amadorismo, onde a lógica do amadorismo não dialogava com a realidade local, o que dificultava o desenvolvimento do esporte dentro do país, como no caso

da Nova Zelândia, onde o rugby também era presente entre a classe trabalhadora e que o *broken time* era visto como uma forma de evitar a profissionalização por completa, como no caso do *rugby league* (RYAN, 2011). Não se pode descartar também a lógica imperial da RFU e IRFB ao tratar os países não-britânicos, na qual os domínios não eram ouvidos e deveriam seguir as orientações da centralidade, onde as relações estrangeiras (os *test match*) se limitavam ao Império Britânico e a França, e que conflitos com essas entidades poderiam tirar o país da rota para futuros encontros.

Os sul-africanos retornam a Europa em 1931/32, onde realizam quatro partidas contra as seleções do *Home Nations*, vencendo todas. Já os neo-zelandeses só retornam a Europa em 1935/36, realizando também quatro *test match*, ganhando duas (Escócia e Irlanda) e perdendo outras duas (País de Gales e Inglaterra). Esses *tours* foram os últimos dos dois países à Europa antes da Segunda Guerra. Contudo, houve um último encontro entre os dois países em 1937, quando os *Springboks* foram à Austrália e Nova Zelândia, vencendo os dois confrontos contra os australianos, e levando a série melhor de três partidas contra os *All Blacks* por duas vitórias a uma. Vale ressaltar que as tensões raciais permaneceram entre sul-africanos e *māoris*, com o não agendamento da partida entre *Springboks* e *New Zeland Māori*.

## 2.5. Década de 1930

A década de 1930 é marcada pelo rompimento das equipes do *Home Nations* com a França, por conta de indícios de profissionalismo no rugby doméstico francês. Assim, o Torneio 5 Nações ocorreu apenas em 1930 e 1931, com um triunfo inglês e um galês respectivamente. A partir de 1932, se retorna ao formato do *Home Nations*, sendo jogado até 1939, quando a competição tem uma descontinuidade por conta da guerra, retornando em 1947 como 5 Nações. Entre 1932 e 1939, a Inglaterra ganha dois *grand slams* (1934 e 1937), e divide os títulos de 1932 e 1939, ambos com Irlanda e País de Gales; já os escoceses conseguem dois *grand slams* (1933 e 1938); enquanto Irlanda e País de Gales ficam com apenas 1 título cada (1935 e 1936 respectivamente), além daqueles divididos entre eles com os ingleses.

Além do 5 Nações, a década de 1930 é marcada pela fundação da FIRA, quando a França, junto com outros países que não são aceitos pelas equipes do *Home Nations*, formam uma federação internacional, que destaca seu carácter amador e visava organizar o rugby europeu.

### **França: mortes, banimento e *rugby league***

O rugby francês nos anos de 1930 é marcado por uma disputa relacionada às questões do amadorismo, que levou a sua exclusão do Torneio 5 Nações e a aproximação aos países europeus (Itália, Alemanha, Romênia...). Alguns pontos levam ao banimento dos franceses da competição.

Diferentemente de outros países, as ideias de amadorismo e dos *gentlemens* não foram tão presentes na difusão do esporte e que se intensifica nos anos 1920, com as equipes prezando pela vitória, como o principal objetivo que se deve buscar no jogo, negando o desinteresse da prática promovido pelos ingleses. Houve também um movimento de equipes vinculadas as indústrias, que contratavam atletas como funcionários de suas fábricas, tendo a dupla função. Uma das consequências desse amadorismo velado foi a massificação do esporte, inclusive na classe trabalhadora (DINE, 2001). Apesar da popularização do rugby ter elevado o nível competitivo do esporte no país, com melhores resultados nos confrontos internacionais, isso não foi algo bem quisto por uma parte importante do rugby francês, principalmente aqueles ligados as frações mais tradicionais, que viam na sua inserção na classe trabalhadora o desvirtuamento dos valores.

Anteriormente ao banimento do Torneio 5 Nações houve duas mortes que impactaram no esporte nacional, sendo ambas dentro de campo: a primeira do *hooker* do *Quillan*, Gaston Rivière, que fraturou a cervical na formação de um *scrum* contra o *Perpignan*, em março de 1927; e a de Michel Pradié, ponta do *Agen*, que faleceu após um *tackle* realizado por Fernand Taillantou, ponta do *Section Paloise*, durante a semifinal do Campeonato Francês de Rugby de 1930 (COLLINS, 2015).

O ano de 1930 é movimentado e importante para o rugby na França. Anteriormente à morte de Michel Pradié, a França disputou o Torneio 5 Nações, chegando à última rodada com possibilidade de ganhar seu primeiro título. Durante a campanha, derrotou a Escócia em casa e a Irlanda fora, perdendo na terceira rodada para a Inglaterra. Na última rodada, os ingleses empataram sua partida contra a Escócia, o que deixava os franceses à uma vitória do título. Diante de 50 mil pessoas, a França foi derrotada pela seleção galesa, com dois tries anulados pelo árbitro inglês Mrs. Hellewell, o que deixou a multidão furiosa (COLLINS, 2015). Em maio de 1930 ocorre a morte de Pradié, e em dezembro do mesmo ano a formação da *Union Française de Rugby Amateur*<sup>94</sup> (UFRA), formada por equipes como *Stade Français*,

---

<sup>94</sup> União Francesa de Rugby Amador, tradução minha.

*Lyon, Section Paloise, Stade Toulousain* etc, que rompem com a FFR, e se reivindicam como aqueles que realmente jogam o rugby dentro das regras do amadorismo. Esse rompimento interno cria um problema externo, pois deixou a impressão de que o rugby francês, que disputava o Torneio 5 Nações não era amador (DINE, 2001). Em 1931, os franceses disputaram seu último Torneio 5 Nações antes da Segunda Guerra, conquistando um vice-campeonato. O torneio tem seu fim em abril, mas durante a competição, em fevereiro de 1931, a IRFB decide pelo banimento da FFR por conta do profissionalismo no rugby doméstico, e isso limitou os confrontos internacionais à Alemanha, Itália e Romênia. Após o fim da temporada 1931/32, as equipes da UFRA retornam a chancela da FFR (COLLINS, 2015).

O isolamento realizado pela IRFB deixou brecha para o Rugby League no país. Em dezembro de 1933, o jornal *Echo des Sports* promove um confronto entre Austrália e Inglaterra, no *Stade Pershing*, em Paris (COLLINS, 2015). O sucesso da partida fez Jean Galia, um ex-jogador da seleção francesa de Rugby Union, assinar um contrato com a *Rugby Football League* para levar uma equipe francesa para jogar na Inglaterra na primavera de 1934. Como resposta e numa tentativa de impedir o crescimento do Rugby League, a FFR se junta com outros oito países<sup>95</sup> para fundar a FIRA, que seria responsável por organizar os confrontos entre esses países. Interessante notar o destaque na palavra “amador”, que marca uma posição em relação à questão do amadorismo e que, ao invés de romper com a IRFB e os britânicos, preferiu se conformar com a exclusão e jogar num segundo nível, a parte da própria IRFB, mas seguindo todas as suas regras.

A Federação Francesa de Rugby também tentou atrapalhar o esporte feminino, dando punições para equipes que cediam espaço para o jogo das mulheres, que apesar da existência do *Stade Elisabeth*, isso diminuiu a possibilidade da expansão da modalidade para regiões além de Paris (FURSE, 2019). A barrette seguiu com partidas durante a década de 1920, com seu último registro em jornais em 1934. Na mídia, o esporte foi muitas vezes atacado, sendo tratado com desprezo pelos jornalistas, apesar de ter mantido um campeonato nacional por cinco anos. A situação econômica dos anos 1930 dificultou a atuação da FFSF, que não conseguiu manter a modalidade, que teve com a proibição do rugby feminino durante a França de Vichy, em 1941, anunciada em notícia assinada por Marie-Thérèse Eyquem no jornal *Tour les Sport* o seu fim.

---

<sup>95</sup> Alemanha, Itália, Romênia, Bélgica, Espanha, Portugal, Holanda e Catalunha.

## Jogos Olímpicos Los Angeles 1932

A edição de 1932 dos Jogos Olímpicos foi a segunda realizada fora da Europa, sendo também a segunda nos Estados Unidos, contudo, na costa oeste estadunidense, sendo a edição mais longínqua dos grandes centros europeus (Paris, Londres...). A localização da cidade sede junto com os problemas oriundos da crise de 1929 dificultaram a participação de muitos atletas, que pode ser visto na menor quantidade de participantes desde os Jogos Olímpicos de St. Louis, em 1904. Essa edição marcou os Jogos Olímpicos, transformando o evento esportivo em uma possibilidade comercial, com um forte investimento em infraestrutura, com a construção da primeira Vila Olímpica, e delimitação da duração do evento, que poderia durar meses<sup>96</sup>, passando a ser realizada durante duas semanas, abarcando três finais de semana, modelo que perdura até a contemporaneidade.

Proni (2008) aponta como característica marcante da edição de 1932 a existência de um projeto de marketing em torno dos Jogos Olímpicos, junto com um investimento massivo do Estado para a construção da principal arena esportiva, como o *Memorial Coliseum*, que tinha capacidade para 105 mil pessoas, o que fez a edição a ter um lucro de um milhão de dólares para os organizadores. Barney (1996) aponta ainda a criação de um setor de imprensa dentro do *Memorial Coliseum* como importante para a divulgação internacional do evento, facilitando a transmissão dos resultados para outros lugares do mundo; além da implementação do pódio, com os medalhistas<sup>97</sup>; e o uso do *photo-finish*, para saber o ganhador nas provas de atletismo.

Assim como nas outras edições, no período entre os eventos de 1928 e 1932 ocorreram alguns encontros do COI, decidindo como seriam realizados os próximos Jogos Olímpicos. Apesar de o rugby permanecer fora da edição de Amsterdam e não estar listado como federação internacional, a modalidade aparece como um dos “Jogos Atléticos” durante a sessão do COI de 1930, em Berlim<sup>98</sup>, sendo elegível para os Jogos Olímpicos, dependendo da escolha feita pelo comitê organizador. Nessa sessão foi também decidida a participação das federações internacionais na comissão executiva, que na sessão de 1930, realizada em Paris, a comissão executiva já passava para as federações internacionais a organização de cada

---

<sup>96</sup> Como na edição de 1900, que durou aproximadamente 5 meses.

<sup>97</sup> Antes do pódio, os medalhistas recebiam a premiação no chão, com todos na mesma altura.

<sup>98</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. SESSION DU COMITE INTERNATIONAL OLYMPIQUE. Berlim, 1930.

modalidade, sendo que alterações deveriam ser submetidas a própria comissão executiva<sup>99</sup>. Em 1931, o COI se reuniu em Barcelona, onde já se discutia qual seria a cidade a sediar a edição de 1936, sendo mencionadas Berlim e a própria cidade de Barcelona<sup>100</sup>; enquanto isso, no comitê executivo era decidido quem seria o próximo membro da Itália, que tinha um certo receio dos membros do COI de dar a cadeira da entidade a Lando Ferretti, jornalista italiano e membro do Partido Fascista, mas que no fim é entregue ao mesmo<sup>101</sup>.

Vale destacar a ausência do futebol nesta edição, sendo a segunda e última edição que o esporte não esteve presente<sup>102</sup>, além de ter ocorrido dois anos antes a primeira Copa do Mundo de Futebol no Uruguai, que com o passar das edições, mudou o caráter da disputa do futebol nos Jogos Olímpicos, não sendo esta a competição mais importante da modalidade, além do futebol ter uma relação diferente do COI quanto ao profissionalismo em suas competições. Giglio (2013) apresenta em sua tese como se deram essas disputas entre o COI e a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) acerca da concepção de amador e da participação do futebol nos Jogos Olímpicos.

### **Jogos Olímpicos Berlim 1936**

A décima primeira edição dos Jogos Olímpicos, realizada em 1936 na capital da Alemanha, foi a última antes da II Guerra Mundial, que estouraria na Europa três anos mais tarde<sup>103</sup>. A realização do evento na Alemanha Nazista escancarou o caráter político do esporte, já que os próprios organizadores não negavam seus interesses com a disputa.

A escolha de Berlim como cidade sede ocorreu antes da chegada de Hitler ao poder. Segundo a documentação consultada, na sessão de Barcelona, em 1931<sup>104</sup>, já se menciona a cidade alemã como possível cidade sede, mas não estava definido o local, com outras

---

<sup>99</sup> COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Reunion des 10-11 octobre 1930, Paris**. Paris, 1930.

<sup>100</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Session du Comité International Olympique**. Barcelona, 1931.

<sup>101</sup> COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **PROCES-VERBAL DES SEANCES DES 24 ET 26 AVRIL 1931**. Barcelona, 1931.

<sup>102</sup> A outra edição foi na inaugural, em Atenas 1896.

<sup>103</sup> Importante ressaltar que a II Guerra na Europa começa em 1939, quando a Alemanha invade a Polônia, mas que em 1937 já havia conflitos na Ásia, como a invasão japonesa à China, que desencadeia a Segunda Guerra Sino-Japonesa, sendo que o Japão fez parte do Eixo, além de ter assinado o Pacto Anti-Comintern com a Alemanha no final de 1936.

<sup>104</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Session du Comité International Olympique**. Barcelona, 1931.

possíveis cidades. Já na sessão seguinte, em Los Angeles 1932<sup>105</sup>, num dos momentos foi citada a disputa da prova de tiro com arco na edição seguinte, em Berlim<sup>106</sup>. Guttman (2013) aponta ainda que a escolha de Berlim como sede colocou a Alemanha de volta ao cenário diplomático internacional, como se tivesse sido superada a I Guerra. Com o fim da República de Weimar e a tomada do poder pelos nazistas, o COI questionava se os alemães iriam conseguir realizar os Jogos Olímpicos, sendo que na sessão de 1933, em Viena (Áustria), os delegados da Alemanha garantiram a realização do mesmo<sup>107</sup>.

Dentro das sessões do COI realizadas antes dos Jogos Olímpicos de Berlim 1936, alguns pontos são importantes como a discussão sobre semiprofissionalismo; a relação com as colônias e ex-colônias britânicas e suas participações; a questão dos judeus na Alemanha; e a relação com a URSS. Já nas reuniões da comissão executiva, além de aprofundar alguns desses temas, foi apresentada uma definição de amador, além da resolução de conflitos referentes aos eventos dos Jogos Olímpicos.

Na sessão de Viena, em 1933, o COI traz os resultados das discussões feitas pela comissão executiva acerca do semiprofissionalismo, onde é defendido que o COI deveria combater esta prática, para que assim pudesse defender os atletas amadores<sup>108</sup>. Ainda em Viena, o COI fez uma homenagem ao falecido integrante da entidade, o príncipe Leon Ouroussoff, sendo esse mantido como membro pela Rússia até a sessão de Los Angeles<sup>109</sup>, 1932, sendo que a URSS tinha sido proclamada dez anos antes. Na comissão executiva, a discussão ficou acerca do Comitê Olímpico da Palestina, que esse foi autorizado, desde que houvesse a liberação do Comitê Olímpico Britânico<sup>110</sup>. Nessa reunião, quando indagados pelos estadunidenses, os delegados alemães garantem que os judeus de seu país não serão excluídos das equipes<sup>111</sup>. Interessante notar alguns pontos que ocorreram nessas reuniões: a contradição que os EUA, que viviam um regime de segregação racial, se coloca ao cobrar a Alemanha por fazer o mesmo, só que no lugar dos negros eram os judeus; como que o COI

---

<sup>105</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Session de 1932 (An I de la Xme Olympiade)**. Los Angeles, 1932.

<sup>106</sup> Mayer (1966 apud Guttman, 2013) aponta que a votação para definir a cidade sede de 1936 ocorreu em Barcelona, que apesar de não estar nos documentos a disposição, é bem provável pelos vestígios encontrados no documento da reunião seguinte.

<sup>107</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **PROCÈS VERBAL**. Viena, 1933.

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Session de 1932 (An I de la Xme Olympiade)**. Los Angeles, 1932.

<sup>110</sup> COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Procès Verbal**. Viena, 1933.

<sup>111</sup> Idem.

mantém a lógica imperialista colonial, fazendo um país depender da autorização de outro, como no caso dos palestinos em relação aos britânicos; ao mesmo tempo que mantinha como membro um representante de um país que durante dez anos não existia mais.

Na reunião da comissão executiva de 1934, realizada em Bruxelas (Bélgica), é apresentada uma definição de amador<sup>112</sup>, sendo que:

É amador aquele que pratica o esporte unicamente por amor ao esporte e por seu bel prazer, sem desejar, com espírito do lucro, retirar desta prática um benefício direto ou indireto. Cada Federação Internacional rege e controla a aplicação desse princípio fundamental<sup>113</sup>.

Assim, a definição de amadorismo não definia de fato o que é ser um atleta amador, apontando características subjetivas, como amor ao esporte, como um balizador válido para saber quem é ou não amador. A negação ao lucro ou desinteresse de benefícios era somente válido para os atletas, enquanto para o COI e os organizadores o lucro com os Jogos Olímpicos era normalizado, como os Jogos Olímpicos de Los Angeles, que obteve um lucro de 1 milhão de dólares. Vale ressaltar também que a questão do amadorismo foi central na formação do COI, além de não ser a primeira vez que a entidade discute essa definição, sendo constantemente posta para discussão (GIGLIO, 2013).

A definição apresentada em Bruxelas tinha mais o objetivo de manter as modalidades e como estava sendo realizado os Jogos Olímpicos do que realmente apontar quem era ou não amador e excluir os não amadores, trazendo um véu de legalidade para o profissionalismo de alguns esportes, sem perder o interesse de classe do COI com o amadorismo de outras modalidades. Como um exemplo, nas modalidades vinculadas às classes mais ricas, como a vela e a esgrima, era comum o pagamento de prêmios sem que o atleta deixasse de ser considerado amador, enquanto no atletismo, mais comum entre as classes trabalhadoras, os prêmios tiravam a condição de amador (ARRIGHI, 2017), assim, ao permitir que cada federação definisse quem era amador ou não, o COI se eximia parcialmente dessa “culpa” pela participação de profissionais e pela diferenciação do tratamento entre os atletas de diferentes modalidades.

No ano de 1934, o COI premiou com a Taça Olímpica (que era um prêmio para uma entidade desportiva referente à importância da mesma no desenvolvimento e defesa do

---

<sup>112</sup> COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Procès Verbal**. Bruxelas, p. 2 1934. Tradução minha.

<sup>113</sup> “Est amateur celui qui pratique le sport uniquement par amour du sport et pour son bon plaisir, sans vouloir, dans un esprit de lucre, retirer de cette pratique un bénéfice direct ou indirect. Chaque Fédération Internationale règle et contrôle l'application de ce principe fondamental”.

olimpismo) à *Opera Nazionale Dopolavoro*<sup>114</sup>, entidade ligada ao Partido Fascista Italiano, que cuidava das atividades de lazer e recreacionais dos trabalhadores italianos.

A participação das mulheres também foi amplamente discutida dentro do COI, mas sempre no sentido de limitar a participação destas, além de que quase nunca eram ouvidas, para saber se queriam ou não disputar as modalidades etc. Vale destacar a participação de Alice Milliat na sessão do COI de 1935, em Oslo (Noruega), na qual ela defende que as mulheres deveriam ter edições de Jogos Olímpicos exclusivas, tirando todas as provas femininas do evento organizado pelo COI<sup>115</sup>. Apesar de ser restrita a participação feminina nos Jogos Olímpicos, ela cresceu no período entreguerras, saindo de 63 mulheres (2,4% do total de participantes) na Antuérpia, para 331 participantes (8,35%) na edição de 1936, em Berlim (GIGLIO et al., 2018).

O rugby ficou fora dos Jogos Olímpicos de 1936, mas meses antes do evento houve em Berlim o primeiro torneio organizado pela FIRA, disputado por Alemanha, França, Itália e Romênia, com os franceses se sagrando campeões. Vale destacar que a Alemanha era a segunda força da Europa continental, ficando apenas atrás da França, diferente de hoje, que seleções como Itália, Romênia e Geórgia estão à frente dos alemães. A *World Rugby* coloca o torneio como “Jogos Pré-Olímpicos da Alemanha”, mas que não foi tratado assim pelo COI<sup>116</sup>.

Já os Jogos Olímpicos de Berlim foram marcados pelo uso político do esporte para propaganda, como uma forma de melhorar a imagem da Alemanha nazista perante os países ocidentais. Outro ponto foi a defesa da superioridade racial através do esporte. Além desses interesses, houve alguns eventos que marcaram a edição, como as quatro medalhas de ouro conquistadas por Jesse Owens e a vitória do Peru sobre a Áustria, que foi anulada por decisão do COI<sup>117</sup>, sendo que a comissão que julgou era formada somente por europeus.

Apesar de parte do COI se dizer contrário aos nazistas, o fim da edição de 1936 não encerrou a relação direta da entidade com o partido alemão. Em 1939, o COI concede a Taça

---

<sup>114</sup> Clube Nacional de Lazer, tradução minha.

<sup>115</sup> COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. *Procès Verbal*. Oslo, 1935.

<sup>116</sup> WORLD RUGBY. **Germany 14 v 19 France**. 2022. Disponível em: <https://www.world.rugby/match/4031>. Acesso em: 11 jan. 2022.

<sup>117</sup> No documento referente ao encontro da comissão executiva de fevereiro de 1936, realizado em Garmisch-Partenkirchen (Alemanha), fala de tal situação da partida entre Peru e Áustria, contudo, essa partida foi realizada somente em 8 de agosto de 1936. Provavelmente, o documento foi digitalizado de forma equivocada. Sobre a partida, o artigo de Sérgio Giglio, “*Honour and Dignity: The Peru Case at the 1936 Olympic Games in Berlin*” (2017) fala mais sobre a partida e o desenrolar da decisão do COI.

Olímpica à *Kraft durch Freude*<sup>118</sup>, entidade ligada ao Partido Nazista, que assim como a *Opera Nazionale Dopolavoro*, cuidava das atividades de lazer dos trabalhadores de seu país.

---

<sup>118</sup> Força através da alegria, tradução livre.

## *Considerações Finais*

Como ponto de partida, o trabalho buscou compreender como o rugby se desenvolveu dentro do contexto das guerras mundiais. Para isso, a pesquisa buscou compreender as relações entre as federações nacionais e os Jogos Olímpicos, utilizando o amadorismo como fio condutor que amarra ideologicamente ambos.

A discussão inicial acerca das origens do rugby teve o objetivo de compreender a formação social dos envolvidos no esporte na sua gênese, tensionando os interesses de classe presentes nesse determinado grupo. A partir disso, dois pontos foram levantados: o amadorismo e os valores.

O amadorismo vem como aquilo que guiou o esporte por quase todo o século XX, sendo o que delimitava quem poderia ou não jogar, mas sem explicitar isso, pois tornava todos amadores até se corromper ao profissionalismo, sem diferenciar as condições daqueles que podiam jogar sem receber com os que não podiam. Assim, a discussão do amadorismo segue no sentido apresentado por Mascaro (2015), onde as Leis do Jogo, aqui difundidas por meio do amadorismo, apresentam o interesse daqueles que as escrevem, mas posto como algo racional, que aparenta ser comum a todos. Assim, o amadorismo aparentava proteger o esporte do capital, mas que na verdade impedia o mesmo ser praticado por quem não detinha as condições para jogar, os que não possuíam capital. Nesse sentido, seguindo a linha de Althusser (1980), o papel do amadorismo servia tanto como de repressão, com a punição daqueles que não a seguiam, tal qual aconteceu com as equipes da *Northern Union*; assim como ideológico, quando apresentava aqueles que não seguiam como um mal para o esporte, enquanto os amadores como aqueles que se sacrificavam pelo esporte.

Quanto aos valores, eles são a principal ferramenta ideológica do esporte, pois para a existência do jogo em si, não são necessários nenhum valor moral. Assim, ao exaltarem tais características, o esporte atinge aqueles que mais se interessam pela ideologia, que são as camadas médias, como a pequena burguesia e profissionais liberais, que não possuem os meios de produção, mas defendem a forma social presente, que os distinguem da classe trabalhadora. Isso pode ser visto na perseguição realizada pela RFU às equipes do norte da Inglaterra, estas formadas por trabalhadores, quanto ao amadorismo, enquanto não puniam equipes de Londres por práticas semelhantes, já que essas eram formadas pela mesma classe. Além do amadorismo, os valores tiveram sua função na questão colonial, tanto na justificativa para a metrópole, levando equipes dos domínios para a Grã-Bretanha, mostrando a

possibilidade de se manter o estilo de vida britânico fora dali; ao mesmo tempo que no domínio dava a impressão do colonizado “fazer parte do Império”, ao praticar o esporte da capital, além de diferenciar os colonos dos autóctones.

A partir da compreensão da forma ideológica do rugby, foi necessário ver como ele se desenvolveu em outros contextos, sendo escolhidos quatro países: Irlanda, África do Sul, Nova Zelândia e França. Ambos os países foram escolhidos por serem potências na modalidade, com o rugby sendo parte importante dentro do esporte nacional; além disso, os três primeiros foram escolhidos por terem sido uma colônia do Império Britânico, enquanto a França foi escolhida por ter sido um império concorrente, além de sua força nos Jogos Olímpicos. Nessa parte, trouxe uma breve contextualização da formação social anterior à chegada do rugby no país e como ele se desenvolveu até a I Guerra Mundial.

Nesse primeiro capítulo, ao tratar da Irlanda, se destaca o conflito entre o que é nacional e o que é britânico, e como esses se confundem. Isso se dá muito por conta da proximidade geográfica entre os dois, além da longa ocupação imperial que ocorreu na ilha. No esporte, isso pôde ser visto na forma que os irlandeses organizaram seus próprios jogos: deixando semelhantes aos jogos ingleses, adotando o amadorismo, formando federações, criando Copas etc.

Já na África do Sul, a colonização era mais conflituosa, pois não era somente entre os autóctones (que eram bem fragmentados e diferentes entre si) e os britânicos, mas também tinha as populações *afrikaners*, formada por brancos não britânicos, que desejavam a manutenção da ordem racial imposta pelos britânicos, mas no comando deles. O rugby ajuda a compreender a questão racial dentro do país, pois no esporte ficavam evidentes como se distinguiam as diferentes classes, como o conflito era entre *afrikaners* e britânicos, além do modo como esses dois grupos excluía os não-brancos do esporte. A importância da África do Sul também se dá por ali ter sido uma das referências para as políticas nazistas, como campos de concentração e a segregação racial.

Na Nova Zelândia, a colonização foi mais tardia, o que diminuiu a escravização das populações indígenas, mas que não impediu o derramamento de sangue dos *māori*, além de ser numa região mais distante que a África do Sul, que dificultava a exploração comum dos britânicos em todo o mundo, o que tornou a colonização obrigada a se instalar para viver ali, não somente para extração. A escolha da Nova Zelândia foi principalmente em relação à diferença do tratamento do rugby com as populações indígenas: enquanto na África do Sul

elas eram excluídas, na Nova Zelândia, elas foram integradas, dando outra dinâmica para a formação social.

Enquanto nas colônias a relação com o Império Britânico é de fácil ligação, a relação com outros países independentes necessita de um pouco mais de contextualização, como no caso da França, onde a derrota na Guerra Franco-Prussiana e o fracasso da Comuna de Paris foram catalisadores para a introdução dos esportes no país. Assim, o rugby manteve a característica de classe na França, principalmente em Paris, ao mesmo tempo em que levou ao interior o que era desejável para tais populações, o que era “ser francês”. Além disso, Pierre de Coubertin, um dos principais personagens para a implementação dos esportes britânicos na França, também foi um dos responsáveis pela criação dos Jogos Olímpicos da Modernidade. Dessa forma, o capítulo segue apresentando os anos iniciais dos Jogos Olímpicos, discutindo o que ele representava e como foi a formação do COI.

Alguns pontos importantes podem ser discutidos através do movimento olímpico, sendo o primeiro a sua ideia de continuação dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, onde o COI tinha o seu “agora” na Grécia Antiga, tal qual Benjamin (2012) apontava. Junto a essa inspiração do passado, a ideia do COI, majoritariamente formado por europeus (GIGLIO; RUBIO, 2017), de serem representantes de todo o esporte mundial, teve fortes semelhanças com o que seriam as duas guerras mundiais: a Europa e EUA decidindo como seria dividido o mundo. Assim, não é de se estranhar a compatibilidade ideológica do COI com o colonialismo, onde comitês nacionais das colônias precisavam da autorização do comitê nacional da metrópole, ou pela ausência de representação de boa parte do mundo no COI.

Ao trazer a I Guerra Mundial e a participação do rugby na mesma, nota-se a confluência de interesses do esporte com os nacionais, principalmente no caso inglês, onde a RFU se organizou para recrutar voluntários para as forças militares, além da questão dos domínios, que foram obrigados a lutar uma guerra em nome do Império, levando muitos jogadores das seleções nacionais. Contudo, vale destacar a permissão dos jogos entre atletas do *Rugby Union* e do *Rugby League* durante a guerra, ao mesmo tempo que não permitia os trabalhadores da indústria bélica de jogarem entre os códigos, que dão algumas conclusões acerca dessa conduta: nesse contexto, a RFU não via como uma violação do amadorismo, muito menos que tirava os valores daqueles que jogavam, por estarem a serviço do Império; que o rugby era o esporte dos oficiais, enquanto o futebol era dos soldados e, sendo que os oficiais eram das camadas mais abastadas da sociedade, além de serem da mesma classe dos dirigentes da RFU, tornou a mudança da regra para o período de fácil aceitação, já que não

puniriam seus iguais; por fim, como desconsideravam a classe trabalhadora como cidadãos, ou que essa teria alguma importância, já que ao não irem para o fronte de batalha perdiam o direito de jogar entre códigos, sendo que era impossível a guerra sem o trabalho destes, pois não iriam a batalha sem munições ou armas.

Após o fim da I Guerra Mundial, houve algumas consequências que mudaram as dinâmicas na política internacional, incluindo no esporte, como a Revolução Russa, que deixou de fora a Rússia (depois URSS) dos Jogos Olímpicos, além de ter influenciado alguns grupos que disputavam a independência na Irlanda; e o Tratado de Versalhes, que resultou na exclusão da Alemanha das edições de 1920 e 1924 do Jogos Olímpicos. Outro ponto foi a mobilização das tropas dos domínios após a guerra, que possibilitou a promoção da *King's Cup*, e que iniciou uma das principais rivalidades do esporte, entre Nova Zelândia e África do Sul. Nesse sentido, o esporte olímpico, assim como o rugby, tiveram na década de 1920 um processo de alavancagem, tanto na questão de crescimento de participantes, como de importância social e política, que o tornou um lugar de disputa mais evidente. A crise de 1929 também foi, assim como a Revolução Russa, um acontecimento importante no período, que apesar de não ter o esporte na sua centralidade, gerou consequências para o mesmo, como os Jogos Olímpicos de 1932, que foi tido como resposta dos esportes à crise.

Ao apresentar o fascismo e o nazismo, aponto estes como movimentos históricos que surgem do próprio capitalismo, como uma aplicação escancarada da política colonial à Europa e contra a classe trabalhadora. Enquanto que o esporte tinha no amadorismo a sua forma de exclusão dos trabalhadores da prática, ao mesmo tempo em que este era usado na política colonial, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, como uma das formas de levar civilização para as regiões colonizadas e de divertimento dos colonos. Esse esporte praticado nas colônias se orientava pelo esporte da metrópole, situação que não dava autonomia para decidir sobre o amadorismo, como no rugby na Nova Zelândia, condição que deu ao amadorismo uma função colonial. Assim, a condição de subjugação da classe trabalhadora junto com o colonialismo conectaram os movimentos fascistas com o olimpismo, relação que fica mais evidente quando vista a convergência entre os ideais de ambos, tal qual nos Jogos Olímpicos de Berlim 1936.

Algumas características do rugby ajudam a analisar a relação do fascismo com o amadorismo: o rugby é um esporte que necessita de um grande contingente de pessoas, com 15 para cada equipe, o que tornou um esporte de massa, mas que tinha um recorte de classe muito específico, sendo majoritariamente das camadas médias e altas, que possuía um forte

ressentimento com a classe trabalhadora, que tornava o esporte um lugar de distinção de classe. Apesar de o rugby não ter sido o único esporte a defender o amadorismo, nem o que por mais tempo manteve essa condição, e que não foi o principal esporte dos países fascistas europeus, ali já existiam alguns elementos que também seriam apropriados pelo fascismo: movimento de massas, formado pelas camadas médias e anti-classe trabalhadora. Essa relação fica mais clara como os movimentos fascistas de outros lugares, como Grã-Bretanha e África do Sul, viam o rugby. Contudo, a principal ligação entre o movimento fascista com o rugby não esteja na sua forma mais aparente, mas naquela mais elementar ao fascismo, que foi a questão colonial, pois através do colonialismo que esta forma de governo justificou a sua tomada do poder e expansão, mesmo que, para o rugby, essa não fosse a principal disputa dentro do esporte, apesar de ela estar sempre presente.

Outro ponto importante desse período foi a questão racial, que teve maior destaque ao apresentar a rivalidade entre *Springboks* e *All Blacks*, pois ela fica mais em evidência com os sul-africanos impedindo a presença de atletas *māori* nas partidas em casa, se recusando a jogar contra o *New Zealand Māoris XV*, além da exclusão dos não brancos do rugby da sua federação. Apesar de parecer que era uma coisa comum aos sul-africanos, os outros países não cortavam relações com o país e davam a entender como normal a política de segregação já presente na África do Sul antes da *apartheid*. Importante ressaltar que, no período estudado, as ideias eugenistas eram compreendidas como científicas, e que a classificação racial dos indivíduos não era um problema para a maioria dos países, principalmente nos EUA.

A exclusão do rugby dos Jogos Olímpicos a partir de 1928 ocorreu por dois fatores principais: o desinteresse das equipes nacionais no evento e a forma como a IRFB se estruturava. Nas edições que o rugby esteve presente, ele foi um evento importante, com um bom público nas partidas, mas as principais seleções do esporte no período, como as quatro do *Home Nations* (além de serem pro COI apenas dois países, Grã Bretanha e Irlanda) e as seleções do hemisfério sul (África do Sul, Nova Zelândia e Austrália) não tinham grande interesse no evento, participando dos Jogos Olímpicos apenas equipes mais fracas, como França e EUA. Contudo, o principal ponto fica pela forma que a IRFB era organizada, pois esta não aceitava qualquer federação nacional, ficando restrita até 1949 ao *Home Nations*, situação que não permitia a IRFB ser considerada uma federação internacional pelos critérios do COI, pois para cumprir os critérios, tal federação não poderia ser restrita a alguns países.

Importante ressaltar o papel das mulheres no rugby, principalmente no caso francês, onde tiveram alguns registros, inclusive com Alice Milliat, uma das promotoras do esporte

feminino no país, ter participado de um encontro do COI, defendendo suas posições perante o esporte feminino. Vale destacar que, apesar dos poucos registros e não estar incluído em grande parte da historiografia do esporte, o papel das mulheres não foi passivo e que houve tentativas de praticar o rugby por elas.

Também é importante levantar algumas limitações da pesquisa e que enriqueceriam o trabalho, mas por diferentes motivos não foram incluídos, tais como: o rugby na Argentina, como foi o processo de difusão do esporte no país, que por sua proximidade com o Brasil, agregaria à compreensão do esporte; como foi desenvolvido o rugby no Japão, que pertenceu ao Eixo na II Guerra Mundial e tem o esporte como uma das principais modalidades coletivas; ter trazido o rugby na Austrália, onde o *rugby league* é a forma mais popular, em contradição ao resto do mundo. Vale apontar que essas lacunas podem ser trazidas em futuras pesquisas.

Para concluir, o rugby e o COI disputam o amadorismo não entre si, mas juntos contra a classe trabalhadora, onde o esporte tem a função de organizar as camadas médias e altas, ao mesmo tempo que cumpre o papel de distinção social. Além disso, essa disputa foi realizada no âmbito internacional, atingindo os países periféricos, seja com a utilização do esporte como forma de espalhar o modo de vida europeu, seja dificultando a participação destes nas competições. Assim, o amadorismo usava da defesa da moralidade, se apropriando de valores passados, mas que suas intenções eram também econômicas, se apropriando de todo possível valor gerado pelos atletas ao não repassar para eles parte dos lucros, servindo também como ferramenta de propagação ideológica.

## **Referências**

- ALLEN, Dean. Beating them at their own game: Rugby, the Anglo-Boer War and Afrikaner nationalism, 1899-1948. **The International Journal of the History of Sport**, v. 20, n. 3, p. 37-57, 2003.
- ALLEN, Dean. ‘Mother of the nation’: rugby, nationalism and the role of women in South Africa's Afrikaner society. **Sport in Society**, v. 17, n. 4, p. 466-478, 2014.
- ALLEN, Dean. Captain Diplomacy’: Paul Roos and the Creation of South Africa’s Rugby ‘Springboks. **Sport in History**, v. 33, n. 4, p. 568–583, 2013.
- ALMEIDA, Ângela Mendes De. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1980.
- ANTONIO, Victor Sá Ramalho. **Passe para trás! Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891-1933)**. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.8.2017.tde-15082017-140135. Acesso em: 2022-01-07.
- ARRIGHI, Pierre. **Los juegos olímpicos nunca fueron amateurs: poderes y regulamentación en la olimpiadas de 1894 a 1930**. Paris: Books on Demand, 2017. 354 p. (La otra historia del fútbol, 2). ISBN 9782322138692 (broch.).
- BARNEY, Robert K. Resistance, persistence, providence: the 1932 Los Angeles Olympic Games in perspective. **Research quarterly for exercise and sport**, v. 67, n. 2, p. 148–160, 1996.
- BAUER, Thomas; VINCENT, Joris. Les romanciers du rugby dans la France des années 1920. **apropos [Perspektiven auf die Romania]**, n. 2, p. 34–52, 2019.
- BEATTY, Aidan. An Irish Revolution without a Revolution. **Journal of World-Systems Research**, v. 22, n. 1, p. 54–76, 2016.
- BECKER, Jean-Jacques. **O tratado de Versalhes**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BELGIUM OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Games Antwerp 1920 - Official Report**, Bruxelas, 1957.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *In*: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012. v. 1.
- BERTONHA, João Fábio. Entre Mosley, Whittaker e Plínio Salgado: interfaces entre o mundo fascista do Brasil e do universo Anglo-Saxão. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 2, n. 1, p. 129–144, 2002.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOLZ, Daphne. Creating places for sport in interwar Europe. A comparison of the provision of sports venues in Italy, Germany and England. **The International Journal of the History of Sport**, v. 29, n. 14, p. 1998–2012, 2012.

BROHM, Jean Marie. **Pierre de Coubertin, le seigneur des anneaux: aux fondements de l'olympisme**. Paris: éditions Homnisphères, 2008.

BUCHANAN, Ian. Rugby Football at the Olympic Games. **Journal of Olympic History**, v. 5, n. 1, p. 12–14, 1997.

BUCKLEY, Mike. “ A colour line affair”: race, imperialism and rugby football contacts between New Zealand and South Africa to 1950. 1996. University of Canterbury, *Christchurch*, 1996.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. 2<sup>a</sup> ed. Brasil: Letras Contemporâneas, 2020.

COLLINS, Tony. Return to manhood: the cult of masculinity and the British Union of Fascists. **The International journal of the history of sport**, v. 16, n. 4, p. 145–162, 1999.

COLLINS, Tony. The Ambiguities of Amateurism: English Rugby Union in the Edwardian Era. **Sport in History**, v. 26, n. 3, p. 386–405, 2006.

COLLINS, Tony. Amateurism and the rise of managerialism: The case of rugby union, 1871–1995. **Sport in History**, v. 30, n. 1, p. 104–120, 2010.

COLLINS, Tony. **The oval world: A global history of rugby**. Bloomsbury Publishing, 2015.

COLLINS, Tony. **A social history of English rugby union**. Routledge, 2009.

COLLINS, Tony. English rugby union and the First World War. **The Historical Journal**, v. 45, n. 4, p. 797–817, 2002.

COMITÉ EXÉCUTIF DE LA VIIME OLYMPIADE. FOOTBALL RUGBY – Programme, Règlements, Dispositions Générales et Composition des Comités. *In: Jeux Olympiques à Anvers (Belgique) en 1920 : VII<sup>me</sup> Olympiade*. Bruxelles.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **LES RÈGLEMENTS DE LONDRES**. [s.l.: s.n.], 1907.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Session de 1932 (An I de la X<sup>me</sup> Olympiade)**. Los Angeles, 1932.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **SESSION DU COMITE INTERNATIONAL OLYMPIQUE**. Berlim, 1930.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. *Revue Olympique: Bulletin trimestriel du Comité International Olympique*. Auxerre, 1901.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. Pax Olimpica. **Revue Olympique**, [S. l.], v. 79, 1912.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. *Revue Olympique: Bulletin trimestriel du Comité International Olympique*. Auxerre, 1903.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. IIIe SÉANCE. *In: PROCÈS-VERBAL DES SÉANCES*. Luxemburgo.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Note officielle de la Commission Exécutive du C.I.O. tenue à Strömsborg (Stockholm) 1e 2 juin 1936**. Estocolmo.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Séance du Comité International Olympique du 5 avril 1919**. Lausanne.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **PROCÈS VERBAL**. Viena, 1933.

COMITÉ INTERNATIONAL DES JEUX OLYMPIQUES. **Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques**. 1. ed. Paris.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Session du Comité International Olympique**. Barcelona, 1931.

COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Procès Verbal**. Oslo, 1935.

COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Procès Verbal - 13,14,15 Octobre 1923**. Lausanne.

COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Reunion des 10-11 octobre 1930, Paris**. Paris, 1930.

COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **PROCES-VERBAL DES SEANCES DES 24 ET 26 AVRIL 1931**. Barcelona, 1931.

COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Procès Verbal**. Viena, 1932.

COMMISSION EXECUTIVE COMITÉ INTERNACIONAL OLYMPIQUE. **Procès Verbal**. Bruxelles, 1934.

COOPER, Stephen; LEONARD, Jason. **After the Final Whistle: The First Rugby World Cup and the First World War**. The History Press, 2015.

COQUELIN, Olivier. Class Struggle in the 1916-23 Irish Revolution: A Reappraisal. **Études irlandaises**, n. 42-2, p. 23-36, 2017.

CRONIN, Mike. Fighting for Ireland, playing for England? The nationalist history of the Gaelic Athletic Association and the English influence on Irish sport. **The International Journal of the History of Sport**, v. 15, n. 3, p. 36–56, 1998.

DELSAHUT, Fabrice. Races on Exhibit at the 1904 St. Louis Anthropology Days. **The Invention of Race: Scientific and Popular Representations**, p. 247, 2014.

DINE, Philip. **French rugby football: A cultural history**. Bloomsbury Publishing, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric; E SILVA, Maria Manuela Almeida. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FAVERO, Jean-Pierre. Le rugby fasciste dans le bassin de Briey au début des années 1930. **Staps**, n. 4, p. 49–61, 2007.

FINN, Gerry P. T. Trinity mysteries: university, elite schooling and sport in Ireland. **The international journal of the history of sport**, v. 27, n. 13, p. 2255–2287, 2010.

FRESU, Gianni. Civilização ocidental, ideologia colonial e fascismo. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 11, n. 2, p. 36–46, 2019.

FURLONG, Patrick J. The Bonds of War: The African National Congress, the Communist Party of South Africa and the Threat of ‘Fascism’. **South African Historical Journal**, v. 36, n. 1, p. 68–87, 1997.

FURSE, Lydia J. Barrette: Le Rugby Féminin in 1920s France. **The International Journal of the History of Sport**, v. 36, n. 11, p. 941–958, 2019.

GALBRAITH, John Kenneth; NAYFELD, Carlos. **Colapso da bolsa, 1929**. Expressão e Cultura, 1972.

GARNHAM, Neal. Rugby and Empire in Ireland: Irish reactions to Colonial Rugby Tours before 1914. **Sport in History**, v. 23, n. 1, p. 107–114, 2003.

GARSON, Noel G. South Africa and World War I. **The Journal of Imperial and Commonwealth History**, v. 8, n. 1, p. 68–85, 1979.

GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos**. 2013. Tese (Doutorado em Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, University of São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.39.2013.tde-21012014-133735. Acesso em:11-01-2022.

GIGLIO, Sérgio Settani. Honour and Dignity: The Peru Case at the 1936 Olympic Games in Berlin. **The International Journal of the History of Sport**. Londres, v. 34, n. 11, p. 1128–1139, 2017.

GIGLIO, Sergio Settani; GALATTI, Larissa Rafaela; MACHADO, Gisele Viola; ALTMANN, Helena; PAES, Roberto Rodrigues; SEONE, Antonio Montero. Desafios e

percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 11, n. 1, 2018.

GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. A hegemonia europeia no Comitê Olímpico Internacional. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, v. 31, n. 1, p. 291–305, 2017.

GOELLNER, Silvana Vilodre. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recorde: revista de história do esporte**. Rio de Janeiro. Vol. 1, n. 1 (jun. 2008), p. 1-28.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Resíduos do amadorismo no esporte: a exemplo de uma equipe de rúgbi feminino. **Movimento**, v. 21, n. 3, p. 591–601, 2015.

GONZÁLEZ, Javier Gálvez; STAVRIANEAS, Stasinós. El Rugby amateur en la Inglaterra del Siglo XIX: ¿Filosofía o manipulación social? **Materiales para la Historia del deporte**, n. 11, p. 7–11, 2013.

GUEDES, Yasmin de Oliveira; LUZ, Isadora David; ZUQUIM, Raissa Monteiro Xavier; DE ABREU, Stéfani Lino. A influência das religiões católica e protestante no processo de criação da Irlanda do Norte como província do Reino Unido. **Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais**, v. 18, n. 35, p. 47–61, 2019.

GUTIERREZ, Diego Monteiro. **O Rugby, identidade e processos econômicos no Brasil**. 2016. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, University of São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.100.2016.tde-18082016-170712. Acesso em: 2022-01-07.

GUTTMANN, Allen. The ‘Nazi Olympics’ and the American boycott controversy. *In: Sport and International Politics: Impact of Facism and Communism on Sport*. Routledge, 2013. p. 31–50.

HANNIKAINEN, Matti O. Sport in London’s public green spaces in the inter-war years. **Sport in History**, v. 38, n. 3, p. 331–364, 2018.

HART, Peter. The Social Structure of the Irish Republican Army, 1916–1923. **The Historical Journal**, v. 42, n. 1, p. 207–231, 1999.

HAYES, Michael. Dáil Éireann and the Irish civil war. **Studies: An Irish Quarterly Review**, p. 1–23, 1969.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital: 1848-1875**. Editora Paz e Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

HOLT, Richard. Le destin des «sports anglais» en France de 1870 à 1914: imitation, opposition, séparation. **Ethnologie française**, v. 41, n. 4, p. 615–624, 2011.

KORSCH, Karl. Prelúdio a Hitler – A Política Interna da Alemanha 1918-1933. **Living Marxism. International Council Correspondence**, v. 5, n. 2, 1940. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/korsch/1940/mes/40.htm>.

KOSTICK, Conor. The Irish Working Class and the War of Independence. **Irish Marxist Review**, v. 4, n. 14, p. 18–28, 2015.

KRÜGER, Arnd. The role of sport in German international politics, 1918–1945. In: ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James (org.). **Sport and international politics**. 1. ed. Londres: Taylor & Francis, 1998. p. 79–96.

LENIN, Vladimir I. **A Rebelião Irlandesa de 1916**. 1916. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1916/10/91.htm>.

LLEWELLYN, Matthew P. Chariots of discord: Great Britain, nationalism and the ‘doomed’ 1924 Paris Olympic Games. **Contemporary British History**, v. 24, n. 1, p. 67–87, 2010.

LOSURDO, Domenico. **O que é o liberalismo? Um conjunto de perguntas constrangedoras**. 2005. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/losurdo/2005/mes/90.htm>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LOSURDO, Domenico. As Raízes Norte-Americanas do Nazismo. **Enfoques alternativos**, v. 27, 2004. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/losurdo/2004/11/nazismo.htm>. Acesso em: 15 dez. 2021

LOUREIRO, Isabel Maria. **A revolução alemã**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

MARIÁTEGUI, José Carlos. A nova fase do problema da Irlanda. **Estudos de Sociologia**, v. 3, n. 5, 1998.

MARKS, Shula. Khoisan resistance to the Dutch in the seventeenth and eighteenth centuries. **The Journal of African History**, v. 13, n. 1, p. 55–80, 1972.

MARX, Karl. **As lutas de classes na França**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MARX, Karl. O 18 Brumário e cartas a Kugelmann. **Rio de Janeiro: Paz e terra**, v. 7, 1997.

MARX, Karl. **O capital: contribuição à crítica da economia política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. v. 1

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. 1ª Edição ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

MASCARO, Alysson Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MASONGELE, Genick Mbaki. **Imperialismo: do mundo para a colonização do Congo**. 2016.

MÉRILLON, Daniel. **CONCOURS INTERNATIONAUX D'EXERCICES PHYSIQUES ET DE SPORTS**. Paris. 1900.

MUSSON, D. Johnny Gomas, Voice of the Working Class: A Political Biography. *In*: [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://www.sahistory.org.za/archive/chapter-one-abbotsdale-kimberley>.

NAURIGHT, John. Masculinity, muscular islam and popular culture: 'coloured' Rugby's Cultural symbolism in working-class Cape Town c. 1930–70. 1997.

NKRUMAH, Kwame. **Class struggle in Africa**. 1970.

Ó MAONAIGH, Aaron. 'Who were the Shoneens?': Irish militant nationalists and association football, 1913–1923. **Soccer & Society**, v. 18, n. 5–6, p. 631–647, 2017.

O'CALLAGHAN, Liam. Irish Rugby and the First World War. **Sport in Society**, v. 19, n. 1, p. 95–109, 2016.

OLIVEIRA, Paulinho. Londres 1908 – Uma tragédia coloca a Grã-Bretanha no centro do mapa olímpico. **Ludopédio**, v. 140, n. 54, 2021. Disponível em: <https://ludopedio.com.br/arquibancada/londres-1908/>.

OLYMPICS. **Sobre os Jogos**. 2021. Disponível em: <https://olympics.com/pt/olympic-games/stockholm-1912>. Acesso em: 12 out. 2021.

PACHUKANIS, Evguiéni B. Fascismo. *In*: **Facismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

PALENSKI, Ron. **Rugby: A New Zealand History**. Auckland: Auckland University Press, 2015.

PASETA, Senia. **Modern Ireland: A very short introduction**. OUP Oxford, 2003.

PASSETTI, Gabriel. O Império contra-ataca. Terras, poder, soberania e embates entre os Maori e os britânicos na Nova Zelândia (c. 1840-1870). **Varia Historia**, v. 36, p. 499–531, 2020.

PEREIRA, Analucia Danilevicz. **A revolução sul-africana**. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

PHILLPOTS, Kyle. **The professionalisation of rugby union**. University of Warwick, 2000.

PICH, Santiago. Esporte, Modernidade e Secularização: Notas Sobre a Presença da Tradição Religiosa Reformada Anglo-Saxã no Esporte Moderno. **Novos Olhares Sociais**, v. 3, n. 1, p. 91–110, 2020.

PRICE, Roger. The French Second Empire: an anatomy of political power. *In*: Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PRONI, Marcelo Weishaupt. A reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing. **Esporte e Sociedade**, n. 09, 2008.

REIS, Filipe de Figueiredo Santos. Identidade nacionalista e o IRA: a ascensão e a pacificação do grupo e a compreensão do terrorismo. **Fronteira: Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais**, v. 17, n. 33, 2018.

RIBEIRO, Poliana Garcia; SPIRI, Raquel Torrecilha. O Conflito na Irlanda do Norte e o Consociativismo. *In*: INTERNATIONAL RELATIONS WEEK 2016, **Anais [...]**. : Universidade do Sagrado Coração, 2016. Disponível em: [https://www.unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/relations\\_week\\_2015/2016/trabalhos\\_2016/051-061-Poliana\\_Garcia\\_Ribeiro.pdf](https://www.unisagrado.edu.br/custom/2008/uploads/anais/relations_week_2015/2016/trabalhos_2016/051-061-Poliana_Garcia_Ribeiro.pdf).

ROUSE, Paul. **Sport and Ireland: a history**. OUP Oxford, 2015.

ROUSE, Paul. The politics of culture and sport in Ireland: a history of the gaa ban on foreign games 1884–1971: Part one: 1884–1921. **The International Journal of the History of Sport**, v. 10, n. 3, p. 333–360, 1993.

RUBIO, Kátia. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 130–143, 2002.

RYAN, Greg. A tale of two dinners: New Zealand rugby and the embrace of Empire, 1919–32. **International Journal of the History of Sport**, v. 28, n. 10, p. 1409–1425, 2011.

RYAN, Greg. Rural myth and urban actuality: the anatomy of all black and New Zealand rugby 1884–1938. **The New Zealand journal of history**, v. 35, n. 1, p. 45–69, 2001.

SHEFFIELD, Gary. **Leadership in the trenches: officer-man relations, morale and discipline in the British army in the era of the First World War**. Springer, 2000.

SNAPE, Robert; PUSSARD, Helen. Theorisations of leisure in inter-war Britain. **Leisure Studies**, v. 32, n. 1, p. 1–18, 2013.

SPURR, Michael. ‘Playing for fascism’: sportsmanship, antisemitism and the British Union of Fascists. **Patterns of Prejudice**, v. 37, n. 4, p. 359–376, 2003.

TAVARES, Otávio. Esporte, movimento olímpico e democracia: o atleta como mediador. **Unpublished doctoral dissertation: University Gama Filho**, Rio de Janeiro, 2003.

TEJA, Angela. Italian sport and international relations under fascism. *In*: **Sport and international politics**. Routledge, 2013. p. 159–182.

TOWNSHEND, Charles. Historiography: telling the Irish revolution. *In*: **The Irish Revolution, 1913–1923**. Springer, 2002. p. 1–16.

UNITED KINGDOM. Statute of Westminster 1931. Disponível em: <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/Geo5/22-23/4/introduction>.

VAN GOUDRIAAN, George van Tets. UN DISCOURS DE BIENVENUE. **Revue Olympique**, 1907.

WAQUET, Arnaud; VINCENT, Joris. Wartime rugby and football: Sports elites, French military teams and international meets during the First World War. **International journal of the history of sport**, v. 28, n. 3–4, p. 372–392, 2011.

WEBER, Eugen. Gymnastics and sports in fin-de-siècle France: opium of the classes? **The American Historical Review**, p. 70–98, 1971.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

WORLD RUGBY. **Introdução ao Rugby Ready**. [s.d.]. Disponível em: <https://rugbyready.worldrugby.org/?section=5&language=PT>. Acesso em: 23 dez. 2020.

WORLD RUGBY. **History of rugby in the Olympics**. 2019. Disponível em: <https://www.world.rugby/tournaments/olympics/history>. Acesso em: 5 nov. 2020.

WORLD RUGBY. **History of World Rugby**. 2022. Disponível em: <https://www.world.rugby/organisation/about-us/history>. Acesso em: 6 jan. 2022.

WORLD RUGBY. **Germany 14 v 19 France**. 2022. Disponível em: <https://www.world.rugby/match/4031>. Acesso em: 11 jan. 2022.

ZAKUS, Dwight H. The international Olympic committee: Tragedy, farce, and hypocrisy. **Sociology of Sport Journal**, v. 9, n. 4, p. 340–353, 1992.

ZETKIN, Clara. **Fascismo**. 1923. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1923/08/fascismo.htm>. Acesso em: 11 nov. 2021.